

Não é esta a concepção vulgar e dominante da geografia; não é também esta a orientação, que se manifesta nos congressos, nas revistas, nas sociedades científicas e no maior número das obras de geografia. Ainda agora, apesar do movimento científico contemporâneo estar perfeitamente acentuado, domina em todos os países, em assuntos geográficos, um espirito misonéico e ultra-conservador. Vamos analisar primeiramente quais as diversas maneiras, dentro da concepção arcaica, de considerar esta ciência; faremos depois a apreciação das diversas escolas que reagem contra a velha geografia e exporemos em seguida qual o conceito que nos parece mais em harmonia com o estado actual dos conhecimentos geográficos.



A geografia é essencialmente descritiva; não é uma ciência; não tem autonomia; os seus fenómenos pertencem a outras ciências; ela compõe-se duma aglomeração de factos de proveniências diversas; não tem um domínio exclusivo nem leis próprias; falta-lhe uma «unidade substancial». O seu campo de investigações, — a superfície da terra, — é-o de muitas ciências. Não há *fenómenos geográficos*: há fenómenos físicos, químicos, geológicos, botânicos, zoológicos, antropológicos, etc., sucessivamente mais complexos. É-se géografo quando se é geólogo, ou botânico, ou etnólogo; geógrafos são também os navegadores, os que atravessam os continentes desconhecidos, os que investem com os polos, os que tentam descer aos fundos oceânicos, os que exploram a atmosfera, os que observam e estudam o céu. Cartógrafos, agrimensores, economistas, políticos, — temo-los encontrado nos congressos internacionais, — são todos geógrafos. A tradição que fez de MARCO POLO, STRABÃO e HERODOTO geógrafos veiu até nós intacta e por isso ninguém se atreve a classificar doutro modo os LEVINGSTON, os SCHWEINFURT e os STANLEY. Os conhecimentos geográficos são devidos a estudos topológicos, tectónicos, biológicos, étnicos, económicos e políticos; não há portanto uma ciência geográfica, mas fenómenos diversos, indistintamente reunidos, dispondo-se sem ordem por lhes faltar uma relação lógica, uma interdependência causal. Finalmente, a geografia é subordinada principalmente à geologia e à história, porque não tem uma «teoria central», o que importa dizer que não se caracteriza por um conceito científico.

São estas as afirmações da velha geografia, adoptadas por todos os pseudo-geógrafos e seguidas pelos geólogos, botânicos, cartógrafos, etnólogos e economistas. Delas proveem consequências importantes,

que são a negação de tudo quanto nos ensina a verdadeira geografia científica, e que podem ser resumidas do modo seguinte:

- a) Não há um encadeamento causal, nenhum laço associativo, de continuidade e de contiguidade, entre os fenómenos geográficos;
- b) Dos seus aspectos geomorfológicos até aos antropogeográficos esses fenómenos não estão subordinados a uma coordenação e gradação sucessiva;
- c) Não existe uma relação de dependência lógica e crescente entre os diversos capítulos da ciência geográfica;
- d) Os seus limites são indeterminados;
- e) É-lhe desconhecida uma metodologia científica;
- f) A geografia não tem um lugar próprio na hierarquia e classificação das ciências.

Estas conclusões, que resultam da geografia tradicional, mostram-nos a sua incapacidade como elemento disciplinador do espírito e agente educativo na construção do carácter. A velha geografia traduz uma desorientação enciclopédica, sem nenhum resultado moral, em oposição flagrante com a ciência moderna, que chega a conclusões diametralmente opostas porque estabelece previamente o seu «conceito científico» e a «natureza própria» dos fenómenos geográficos.

A opinião dominante, — a dos congressos e sociedades científicas, — segue a geografia tradicional. O ensino subordina-se completamente, em todos os países, a essa tendência enciclopédica, e de tal modo a velha maneira de encarar os fenómenos geográficos está arraigada no espírito dos cultores das ciências afins, que a reacção iniciada pela moderna geografia científica é quasi considerada uma heresia. Só o respeito pelos nomes de WILLIAM DAVIS, TOWER, MACKINDER, WAGNER, BRUNHES, VIDAL DE LA BLACHE, PENCK, MARTONNE e outros, apesar de não terem ainda chegado a uma unanimidade de vistas sobre o verdadeiro conceito científico, impede que se levantem tempestades quando nos congressos alguém pretende demolir a velha concepção reduzindo a geografia aos seus justos limites.

Na Gran-Bretanha, onde a documentação geográfica é certamente mais abundante, a orientação moderna não está ainda completamente estabelecida no ensino e nas obras de vulgarização. Com exclusão de MACKINDER, CHISHOLM, ROBERT MILL, SCOTT KELTIE e poucos mais, a velha tradição da geografia descritiva domina em todos os meios científicos. O espírito britânico, essencialmente prático, avalia a importância da geografia pela sua utilidade imediata na vida do homem. A bibliografia britânica está repleta de materiais geográficos da maior utilidade. Narrativas minuciosas de viagens e explorações, estatísticas comerciais, documentos étnicos e etnográficos relativos a

todos os países do globo, estudos pormenorizados da constituição estratigráfica e tectónica do solo, trabalhos cartográficos e topológicos constituem a grande obra dos cultores da geografia nas Ilhas Britânicas. Os geógrafos ingleses são os seus mais notáveis geólogos e por isso a geografia é em geral, na Inglaterra, considerada como um simples capítulo da geologia.

Em França, e dentro da geografia tradicional, notam-se duas tendências acentuadas: a enciclopédica, sem fronteiras definidas e campo limitado de acção, representada por E. RECLUS, e a histórica, que era já notável em MONTESQUIEU e TAINE, pela qual a geografia é reduzida a um simples auxiliar da história. É esta ainda hoje a feição predominante no ensino da geografia em França. Com exclusão de La BLACHE e seus discípulos, que seguem o conceito ritteriano alargado por WILLIAM DAVIS e RATZEL, e MARTONNE, que mostra inspirar-se num conceito mais científico e mais largo, a geografia francesa, como a britânica, apresenta os seus grandes geólogos, como HAUG, LAPPARENT, LAUNAY e MARGERIE, na primeira fila dos seus geomorfologistas. Nota-se porém, como nas Ilhas Britânicas, uma reacção acentuada, devida em especial a BRUNHES, em antropogeografia, e MARTONNE, em geografia do solo.

Nos países germânicos os trabalhos de A. HUMBOLDT e K. RITTER foram desconhecidos e não apreciados durante meio século, até ao aparecimento de PESCHEL. A geografia não acompanhou, na Alemanha, a evolução da história, da filologia, das sciencias naturais e da filosofia; conservou-se amarrada ao espirito tradicionalista. Apesar da alta cultura germânica, pode-se ainda hoje sustentar que a grande maioria dos professores da sciência geográfica na Alemanha segue a velha tradição. A especialização geográfica, muito notável neste país, contribuiu também, em grande parte, para a feição unilateral que distingue o conceito geográfico entre os sábios de Além-Reno. A orientação moderna, derivada de duas fontes diferentes, — naturalista, de HUMBOLDT, e filosófica e talvez teleológica, de RITTER, — teve os seus melhores representantes em RICHTOFEN e RATZEL, que já não vivem, e nos actuais professores das universidades germânicas A. PENCK, H. WAGNER, BRÜCKNER, HEIM, KÖEPEN, SUPAN e o célebre geólogo austriaco, SUESS, o verdadeiro renovador da geomorfologia. A especialização nos países da língua germânica, nesta fase organizadora da sciencia, dificulta, nos seus meios universitários, a criação ou aceitação dum conceito geral, porque o exame pormenorizado dos fenómenos geográficos, a julgar pelo que diz F. KRAENTZEL¹⁰, desce tanto, que as fronteiras da geografia apagam-se no emaranhado das fôrças construtivas e destrutivas tomadas como assunto especial de estudo:

Não se deve porêr supor que o movimento científico na Alemanha, devido à sua admirável organização de ensino, tenha irradiado largamente um conceito científico geral da ciência geográfica. Á tendência enciclopédica *flutuante* de RECLUS os alemães opõem uma especialização *profunda*. A ciência geográfica como que se desdobra em numerosos ramos de actividade científica e desta circunstância resulta que a grande maioria dos professores germânicos, como tivemos ocasião de observar de perto, permanece na velha geografia descritiva, sem indagar da *real nature*, — conforme a expressão de WILLIAM DAVIS, — dos fenómenos propriamente geográficos.

O renascimento dos estudos geográficos na Bélgica é em particular devido à influência da Universidade de Liège, cujo programa de ensino e o *espírito* que a êle preside são garantias de que naquele glorioso e honesto país, sempre aberto a todas as ideias novas, a ciência geográfica encontrará mais rapidamente, com a sua verdadeira orientação científica, uma aceitação geral em todos os centros de cultura. Embora o programa de Liège ¹ possa merecer uma critica até certo ponto desfavorável, afigura-se-nos que a Bélgica é dos países que melhores condições oferece para a vulgarização do verdadeiro conceito da geografia moderna.

É principalmente nos Estados-Unidos que se tem imposto, quer nas sociedades científicas, quer no ensino, a necessidade duma *central theory* à ciência geográfica, abandonando-se de vez o espírito rotineiro da chamada *geografia descritiva*. O carácter progressivo e francamente renovador dos norte-americanos não se deixou prender à geografia tradicional. Deve-se ao eminente professor WILLIAM DAVIS o maior impulso para o reconhecimento da autonomia da geografia. Esta reacção norte-americana teve em 1912 a consagração de todos quantos lutam a favor da sua personalidade científica. Numa grande excursão transcontinental por vários Estados da União, dirigida pelo mesmo professor, o *conceito americano* serviu de base ao programa estabelecido pela Sociedade Geográfica de Nova-York. *Só geógrafos e não geólogos*, dizia-nos WILLIAM DAVIS no seu convite, indicando dêste modo que não há confusão possível entre os cultores das duas sciências.

A *escola americana*, que teremos ocasião de apreciar, seguindo um determinado conceito, criou imediatamente nos meios científicos da América do Norte uma grande corrente favorável. A renovação do ensino da geografia nos Estados-Unidos é um facto particularmente interessante. Ainda não há muito tempo, a ciência geográfica americana reflectia as tendências da ciência britânica; porêr as novas ideias abriram caminho com uma celeridade notável, o que se deve

atribuir em parte à actividade da *Association of American Geographers*.

Durante os séculos passados, a geografia foi considerada, dentro da velha orientação, como um simples auxiliar da história. Em França, os historiadores tem sido, até ao presente, os mestres da ciência geográfica. Quem sabe avaliar a diferença entre a disciplina científica indispensável ao geógrafo e a que é necessária ao historiador compreende os inconvenientes dêsse ensino. O geógrafo é essencialmente um naturalista. Enquanto o historiador procura instruir-se unicamente sobre o local onde a história se desenrola, o geógrafo considera o local como uma síntese, um fragmento vivo da superfície terrestre, uma unidade topológica relacionada no tempo e no espaço com outras unidades e todas constituindo, por uma síntese geral, a face do globo. O local é um *meio* para o historiador, é a sede onde os factos humanos se sucedem; para o geógrafo, pelo contrário, é o *fim* e significa um produto lógico da natureza.

Quando se estudam, por exemplo, as invasões dos povos bárbaros, as migrações dos povos pastores e os fenómenos da colonização moderna, as estradas geográficas constituem sem dúvida alguma, a par do factor humano, um documento basilar da história. Mas essas estradas geográficas, como linhas fisionómicas morfológicas, como zonas privilegiadas de determinadas coberturas vegetal e animal e directrizes da ondulação humana, linhas de fixação ou rareamento das suas actividades, são para o geógrafo unidades geográficas, fragmentos da superfície com feições físicas, biológicas e étnicas intimamente dependentes entre si e como subordinadas a uma lei de integração mecânica e dinâmica.

Êste predomínio da história, sem um conceito próprio à geografia, impediu a constituição desta ciência. Ficou-se na descrição pura e simples, e no exame do território, do local, poz-se de parte tanto o princípio da actividade ou transformação como o da conexão ou interdependência. A ciência tradicional limitou-se unicamente ao estudo do solo como documento para a história; não o examinou *em si*, nas suas transformações no tempo e no espaço, na sua mobilidade fenomenal, nas suas gradações sucessivas. Dos materiais de proveniências diversas não soube destrinçar o que era assunto da geografia do que pertencia às sciencias afins e auxiliares. Ainda hoje a organização do ensino geográfico em França, como também a do nosso país, revela, à mais simples observação, essa sujeição permanente da geografia à história.

A geologia, criada no século XVIII, deslocou em parte a geografia da dependência da história e fez dela um simples capítulo da ciência

da terra. Como o conhecimento dos fenómenos tectónicos, estratigráficos e petrográficos é absolutamente indispensável para a compreensão dos aspectos fisionómicos morfológicos da superfície terrestre, ficou assente a opinião, fortemente vincada entre os geólogos, que a geografia, seja qual for dos seus aspectos que se tenha em vista, é uma simples dependência da geologia.

É certo que as modernas escolas distinguem o fenómeno geológico do fenómeno geográfico, mas o preconceito científico da hegemonia da geologia sobre a geografia é tão forte, que na Inglaterra, por exemplo, raros procuram a destrinça entre estas duas sciências. Não se faz geomorfogenia sem o auxílio da tectónica e da estratigrafia; todo o primeiro capítulo da sciência geográfica, — a geografia do solo, — necessita constantemente da documentação geológica; mas não há confusão possível entre o *fenómeno* geográfico e o elemento de apreciação dêste fenómeno ou o *documento*, como ninguem confunde, por exemplo, a antropologia com a anatomia, cujos subsídios se impõem a todo o momento para a determinação do carácter racial ou de quaisquer outros fenómenos antropológicos e étnicos.

Devemos, sem dúvida, aos grandes geólogos, e a SUCESS em primeiro lugar, a interpretação das linhas fisionómicas fundamentais da superfície física da terra, mas é também incontestável que, sendo a face do globo função de duas ordens de variáveis, endógenas e exógenas, não são unicamente as energias da primeira categoria a quem se deve a ossatura morfológica do nosso planeta. A intervenção eólica, a acção química e mecânica dos hidrometeoros considerados na sua acepção mais larga, a radiação solar e as fôrças geoplanetológicas são energias que castigam incessantemente a fisionomia terrestre. Enquanto as influências exógenas não foram estudadas e apreciadas pelo seu justo valor, supunha-se, consoante a doutrina catastrófica, que a modelação da face terrestre era unicamente a consequência das impulsões da vida orgânica e cenestésica do globo; enquanto não se conheceu que cada fragmento da superfície, nos seus ciclos de transformações ou nas suas alterações sucessivas, é o resultado dum conflito permanente entre as fôrças internas e externas, conflito que, pelos seus resultados, nem só a geologia, nem a atmosferologia isolada, pode explicar, era talvez lícito à geologia afirmar que a geomorfologia, ou geografia do solo, não era o primeiro capítulo de uma sciência autónoma.

Mas os fenómenos geomorfogénicos não constituem toda a geografia. As coberturas vegetal e animal, nas suas localizações, nas suas associações, apresentam outros aspectos, outras manifestações da superfície terrestre e como tais conexos, por contiguidade e continui-

dade, no espaço e no tempo, com os caracteres da forma, do modelado, que os condicionam, dissociando-os ou confluindo-os. Do mesmo modo, entre essas coberturas e a ondulação humana, entre os caracteres do modelado e a distribuição do homem e das suas actividades, conexões ainda mais numerosas, laços de interdependência ainda mais complexos contribuem para a formação da grande unidade morfo-orgânica que é a superfície terrestre. Confundir a geologia com a geografia equivale a ter desta ciência uma noção incompleta, diremos errada. Não, a geologia fornece documentos, o seu auxílio é indispensável, mas não é ela que cria a concepção sintética da face terrestre, nem é ela que nos esclarece sobre o relacionamento causal de todas as manifestações morfológicas, fito-zoológicas e humanas da mesma superfície.

Ainda dentro da geografia tradicional, outras sciencias pretendem invadir um campo que lhes não pertence. A cartografia, por exemplo, é de todas a que mais atenção chama nos congressos. Não há cartógrafo que não inclua a sua sciência na geografia. As cartas são um *meio* para o geógrafo, mas este nada tem que ver com a sua construção, com a sua técnica especial. A geodesia, a topologia e a cartografia são sciencias auxiliares; em nenhuma delas podemos encontrar um *conceito* geográfico. Aceitamos os seus subsidios, mas não discutimos os seus processos e as suas hipóteses.

Não há também uma geografia matemática. Como muito bem diz WILLIAM DAVIS, a geografia *nem é matemática, nem é astronómica*. Os fenómenos astronómicos e as condições geoplanetológicas são forças que actuam incessantemente sobre a superfície terrestre, são energias que incidem sobre esta e como tais interessam à geografia. Delas dependem os aspectos geográficos. A radiação solar, a precessão dos equinócios, as variações da excentricidade da órbita terrestre e da obliquidade da eclíptica, os deslocamentos do eixo ideal da terra e outros fenómenos da mesma categoria são agentes modeladores, são eles que nos explicam muitas das transformações climáticas, e portanto dessas energias deriva em grande parte a mobilidade fisionómica do globo. Não se pode negar uma importância considerável à documentação astronómica e geoplanetológica no estudo dos problemas geográficos, mas esses documentos constituem matéria doutras sciencias devem ser considerados unicamente como auxiliares da geografia.

Do que temos exposto, vê-se qual o erro dos que julgam que a sciência geográfica é uma simples aglomeração de afirmações doutras sciencias, sem uma estrutura própria, sem uma organização autónoma. A geografia assenta o seu conceito sobre uma documentação variadís-

sima. Ela não aprecia o fenómeno geológico, ou botânico, ou étnico, *em si*. Da botânica, por exemplo, não precisa conhecer a organologia, a fisiologia e a taxonomia, mas as formações vegetais, os tipos de vegetação, os seus agrupamentos topológicos condicionados pelas suas relações de conexão com as feições físicas da superfície do globo, com os factores climáticos, com a influência animal e a intervenção do homem. As variedades das *manchas* vegetais, nas suas migrações, nos seus avanços e recuos, nas suas transformações locais e regionais, as oscilações em quantidade e qualidade da cobertura vegetal nas suas múltiplas associações com o modelado, com o animal e com o homem são aspectos da superfície que entram no domínio da fitogeografia e podem não interessar o botânico. A obra de SCHIMPER, por exemplo, é muito diversa da obra de VAN-TIEGHEM.

Como as *manchas* fitológicas, as *manchas* animais são uma manifestação paralela da face terrestre. Há uma fauna das estepes, outra das florestas tropicais e ainda outra das tundras. As terras extremas, as ilhas e as montanhas especializam-se zoogeograficamente. A esta transformação física da superfície do globo pertence uma correspondente da cobertura animal. Cada região, — pelo seu modelado, pela chuva, pela vegetação e pela massa humana que a habita, — cria um meio especial, condiciona os tipos animais, as suas associações.

A geografia não indaga quais as semelhanças ou diferenças que distinguem os animais, não discute os individuos e as espécies, nem analisa a sua hierarquia; mas examina o condicionamento dos seus movimentos cíclicos ou irregulares, as suas migrações inconscientes, quais as dependências com as transformações da cobertura vegetal, os motivos do seu isolamento ou da sua expansão, as razões da sua extinção ou do seu renascimento, tudo enfim que diga respeito à sua movimentação sobre a superfície do globo. A zona dos corais, hoje limitada às latitudes intertropicais, veio até nós freqüentes vezes, invadiu em períodos largamente distanciados a parte ocidental da Europa; a rena, actualmente reduzida a um *habitat* circumpolar, foi a companheira do homem no Pleistoceno médio e superior; o tigre e o elefante viveram no sul europeu, quando floresciam no nosso continente os vegetais dos países quentes, e nas latitudes mais altas, onde a glaciação é agora permanente, florestas de tipo mediterrâneo cobriam, durante a Era Terciária, vastas superfícies das terras boreais. Todos estes fenómenos biogeográficos, o avanço e o recuo das *manchas* vegetais e animais, fenómenos relacionados com as transformações do meio, sincrónicas com as alterações horizontais e verticais da superfície física, são outros tantos aspectos das modificações sinérgicas

da superfície terrestre, revelando a cada momento uma textura especial e um equilíbrio geral momentâneo.

O homem é, como qualquer outro fenómeno da superfície terrestre, um ser condicionado. Embora nas suas mais altas manifestações psíquicas possa, dentro de certos limites, libertar-se das forças exógenas que o cercam, embora possa, por um solipsismo estranho, cujas leis desconhecemos, autonomizar-se das raízes endógenas que o prendem a todo um longo passado fortemente estratificado, nas suas relações com o solo, com a vida e com o próprio homem subordina-se nos seus movimentos *em massa* aos motivos exteriores que conduzem a sua vontade. A formação dos centros de povoamento, a distribuição em altitude e latitude da habitação humana, a localização das suas actividades criadoras, a fixação e o desequilíbrio étnico, a acumulação e o parcelamento da resaca humana, as migrações inconscientes, as formas concêntrica e esparsa da população, a constituição ganglionar nas zonas de alta cultura e em volta das grandes cidades, as variações da densidade, a massa humana enfim, deslocando-se sempre, transformando-se sem descanso, por condições as mais diversas, são fenómenos antropogeográficos, são a manifestação mais complexa da actividade da superfície terrestre, o seu aspecto mais plástico, mais instável, cujo condicionamento escapa frequentemente ao nosso poder de análise, criando-nos a ilusão duma completa autonomia humana. São todos estes aspectos da movimentação da massa humana e das suas actividades, o que importa dizer a exalação mais subtil e delicada da superfície do globo provocada pelo conflito de todas as energias genéticas e epigenéticas, que constituem o assunto do último capítulo da geografia científica.

É lícito agora perguntar se a interpretação da face terrestre, das suas linhas fisionómicas morfológicas, bio-orgânicas e humanas, feições intimamente conexas e sujeitas a alterações constantes, pertence ao domínio de qualquer das sciências auxiliares da geografia. Pelo contrário, em presença de toda a documentação moderna, pode-se afirmar que esta sciência não é uma aglomeração de materiais sem ordem, recebidos das sciências afins. Estas são inteiramente extranhas ao conceito próprio, à *teoria central* da geografia moderna e os seus fenómenos são *substancialmente* diferentes dos desta.

O movimento científico contemporâneo, principalmente nos Estados-Unidos e na Alemanha, tende para a constituição e autonomia da sciência geográfica e para a sua libertação das sciências próximas. Para compreendermos esse movimento e os diferentes pontos de vista da reacção contra o espírito tradicional da velha geografia, é indispen-

sável indicar quais os princípios e afirmações que, segundo a nossa opinião, devem servir de fundamento ao novo conceito.



A terra é uma *unidade astronómica*, fazendo parte dum sistema do Universo. A sua forma, os seus movimentos e todos os fenómenos geoplanetológicos são fenómenos condicionados. É também uma *unidade física*. A sua arquitectura e composição orgânica traduzem uma síntese estrutural análoga à dos outros planetas que, como ela, fazem parte do mesmo sistema. A sua superfície é, em cada momento, o resultado do conflito permanente entre as suas energias endógenas e a incidência ininterrupta de todas as energias exógenas. Dêsse conflito provêm a sua mobilidade fisionómica e portanto a sua instabilidade. Continentes e oceanos, superfície emersa e immersa, grandes relevos e profundas fossas abissais como que se equilibram, — parece confirmá-lo a curva hipsobatigráfica de WAGNER-PENCK, — num ritmo de movimentos e de ondulações cíclicas, centrípetas e centrífugas. Cada região, cada zona, pela sua caracterização aparentemente autónoma, é uma variação dentro da unidade geral, uma síntese morfológica menor numa síntese morfológica máxima. As linhas fisionómicas terrestres são conexas, intimamente associadas no espaço e no tempo, por contiguidade e continuidade, articulando-se ou desarticulando-se, levantando-se ou abaixando-se, emergindo ou imergindo, num engrenamento permanente, numa interdependência constante. Desde os tempos das primeiras consolidações a superfície complicou-se, polimorfizou-se. A vida vegetal e a vida animal, harmónicas com o seu *habitat*, diferenciaram-se, tornaram-se gradualmente mais complexas. A tessitura morfo-vegetal e animal fez-se a cada instante mais embricada, com particularidades regionais provenientes das especializações climáticas relacionadas com outras particularidades regionais. Surgiram sucessivamente, sempre em relação com o meio e como resultado do choque entre as forças internas e externas, novas manifestações da vida, duma policromia crescente. A cada mudança do clima, a cada transformação geomorfológica, uma alteração correspondente na localização, na quantidade e na movimentação vegetal e animal, revelando uma sucessão de conexões contíguas e contínuas entre todas as feições da face do globo.

Mais tarde, por uma gradação crescente de esforços, com o aparecimento do homem e o seu evolver progressivo, a superfície terrestre polimorfiza-se ainda mais. Criam-se novas feições, igualmente condicionadas. São quadros que se sucedem de momento a momento,

com um coeficiente de variação de vez em vez maior, quadros que a nossa consciência não colhe em flagrante, formando um todo uno, uma síntese morfo-orgânica perfeita.

É o conhecimento desta síntese geral e das sínteses regionais e locais, revelando a estrutura conexas da superfície terrestre, que constitue a «teoria central» da geografia. Esta sciência estriba-se portanto em um certo número de princípios:

a) *Princípio de actividade ou de transformação*¹²: significa uma instabilidade permanente das linhas fisionómicas da superfície emersa e immersa, alterações na forma, em altitude e profundidade, variações na localização, distribuição e densidade das coberturas vegetal e animal, mobilidade da massa humana e das suas actividades.

b) *Princípio de conexão ou de associação*¹³: traduz o relacionamento geral da superfície, a associação por continuidade e contiguidade de todas as feições do globo, uma interdependência constante, causal, entre os caracteres da forma, do clima, das associações vegetais, dos aspectos topológicos da vida animal e dos movimentos humanos; mostra como essa interdependência varia de grau, tornando-se sucessivamente mais complexa, da geografia do solo à geografia do homem.

c) *Princípio de gradação ou de complexidade gradual*: a superfície da terra diferencia-se, complica-se, polimorfiza-se de idade em idade; a sua fisionomia é sucessivamente mais movimentada; às coberturas vegetal e animal, nas suas ramificações divergentes ou paralelas, segue-se a cobertura humana, mais complexa, mais flutuante, mais activa.

d) *Princípio de unidade ou de coordenação sintética*: a superfície do globo é uma unidade física e bio-humana, uma síntese geral constituida por sínteses regionais e locais.

e) *Princípio de finalismo ou de tendência para o equilibrio*: há uma lei geral de formação, um encadeamento lógico entre as diversas fases da evolução da superfície; como um organismo vivo, cujo ciclo de existência obriga todas as suas actividades a uma polarização determinada, a face terrestre procura uma estabilização, que é incessantemente contrariada pela sua energia transformadora.

Dêstes princípios surge a concepção de que a superfície da terra, com as suas feições intimamente conexas, é polimórfica e poligénica pela própria essência dos seus fenómenos; ela complica-se a todo o instante, revelando formações sintéticas, unidades geográficas parciais dentro de uma síntese geral. Chega-se dêste modo ao conceito científico da geografia: é a interpretação das formas da superfície do globo e dos laços de conexão entre os caracteres geomorfológicos e

climaticos com a localização e distribuição das coberturas vegetal e animal; é a explicação da interdependência entre todos estes fenómenos e a cobertura humana considerada biológica e antropológicamente nos seus movimentos. Alargando mais o conceito, poder-se ia dizer que a geografia é a ciência da superfície da terra considerada como uma unidade orgânica. E como esta revela-se sob três aspectos, físico, biológico e humano, intimamente associados no tempo e no espaço, daí a divisão em geografia do solo ou geomorfologia, geografia da vida e geografia humana.

Quando se compara esta concepção científica com a opinião tradicional de que a geografia é um amontoado de afirmações desconexas pertencentes a diversas ciências, reconhece-se a enorme distância que separa o mesmo conceito do velho espírito geográfico, e compreende-se como a reacção contra esse espírito só recentemente pudesse estabelecer-se orientada por uma nova corrente filosófica e por uma sólida documentação derivada das ciências afins. A geografia tem de ser considerada como *ciência natural*, em todos os seus capítulos. É porém indispensável precisar, nos seus diferentes aspectos, os limites do domínio antropogeográfico, assunto ainda não definitivamente assente, apesar da alta autoridade de RATZEL, ELLEN SÉMPLE e JEAN BRUNHES.

As duas correntes científicas iniciais da geografia, que veem de HUMBOLDT e RITTER, provocaram duas orientações diversas na reacção contra a geografia clássica. Chamaremos *conceito naturalista* ao que deriva da obra de HUMBOLDT e *conceito ontogénico* ao que resulta das ideias de RITTER. O primeiro, incomparavelmente mais largo, abrange a superfície inteira da terra; o segundo limita-se ao homem nas suas relações com o meio que o cerca e á *resposta* (*response*, de WILLIAM DAVIS) das actividades humanas e da massa humana ás energias externas. O conceito ontogénico é predominante nos Estados Unidos. DAVIS e os seus discípulos seguem-no completamente. Deve-se porém considerar a escola americana como um neo-ritterianismo, com uma base científica incomparavelmente superior à que servia de fundamento à doutrina do sábio alemão. Em França, VIDAL DE LA BLACHE e os seus discípulos saídos da Faculdade de Letras, como VALLAUX, MARCEL DUBOIS, BLANCHARD, DEMANGEON e vários outros, adótam o mesmo conceito. Afasta-se, porém, dêste, não obsecado *pelo homem*, o professor MARTONNE, que define a geografia «a ciência dos fenómenos físicos, biológicos e sociais encarados na sua distribuição na superfície do globo, nas suas causas e relações recíprocas»¹⁴. Na Espanha, a escola americana encontrou um entusiasta em RICARDO BELTRAN Y RÓZPIDE¹⁵. O mesmo não se observa

na Itália, onde vemos MARCHI que, na sua obra de geografia ⁴⁶, mostra preferência pelo conceito naturalista, embora não discuta em nenhum capítulo do seu livro as correntes científicas actuais. Na Alemanha, a especialização geográfica e a preocupação da acumulação excessiva e pormenorizada dos documentos geográficos tem afastado os geógrafos de um conceito exclusivo. WAGNER, por exemplo, tende evidentemente para o conceito naturalista; não é, sem dúvida alguma, um ritteriano; êle não considera como fim da geografia o estudo da superfície da terra como habitação do homem. A ciência britânica, a exemplo de VON RICHTHOFEN na Alemanha, prefere o *conceito distribuição*, que outra coisa não é senão uma maneira do conceito naturalista, de alcance mais restrito; no entanto, nas escolas inglesas, e não diremos entre todos os geógrafos, é freqüente a definição da geografia como «*the study of the Earth as the home of man*» ⁴⁷. Na Inglaterra, as ideias de CLOSE, provenientes da geografia tradicional, são já fortemente combatidas pelos seus cientistas mais ilustres. MACKINDER, por exemplo, é francamente naturalista ⁴⁸; o professor CHISHOLM, da Universidade de Edinburgh, combate pela autonomia da geografia ⁴⁹; para êle a antropogeografia é o capítulo mais característico da geografia moderna.

A luta contra a geografia clássica, quer subordinada à história, quer como capítulo da geologia ou tomada como um amontoado de factos desconexos, é, como se vê, geral em todos os países. A reacção é porém diferente. A geografia é uma ciência muito vasta e com numerosos pontos de contacto com outras ciências. Ela exige uma forte disciplina científica e filosófica e um fundo sólido de conhecimentos como nenhum outro ramo do saber humano. O método de investigação geográfica não é idêntico em todos os seus capítulos e o grau de complexidade dos seus fenómenos é crescente da geografia do solo à geografia do homem. A especialização, como se pratica na Alemanha, é portanto uma consequência dessa complexidade. Referindo-se aos professores de geografia das universidades, diz SEDERHOLM ²⁰: *il doit se rendre compte qu'il lui est impossible de s'assimiler entièrement plus d'une ou de quelques spécialités géographiques*. A ciência geográfica, apesar da abundância da sua documentação, pela extrema variedade dos seus fenómenos e vastidão do seu campo de investigações, está longe de ser uma ciência definitivamente constituída. E, a nosso ver, verdadeira a afirmação de MARTONNE, quando sustenta «*qu'il faut donc se garder de considérer le développement de la géographie comme achevé*» ²¹.

É consoante a orientação filosófica do geógrafo e a sua disciplina científica criada pelas ciências físicas e naturais ou pelas ciências

históricas, que um ou outro conceito se lhe impõe. O conceito *naturalista* tem uma visão mais larga dos fenómenos e exige por isso uma base mais sólida, uma cultura prévia muito mais variada e consistente; o conceito *ontogénico*, pelo contrário, pela obsessão do homem e pela multiplicidade dos aspectos sociais que a êle se referem, limita-se à parte antropogeográfica da ciência, abandonando às ciências afins o exame e a interpretação dos fenómenos que o conceito *naturalista* inclue na ciência geográfica. Há, sem dúvida, excepções muito notáveis. O professor WILLIAM DAVIS, por exemplo, que é um geólogo eminente e o primeiro geomorfologista norte-americano, é ao mesmo tempo o chefe mais ilustre da escola neo-ritteriana e a êle se deve particularmente a larga expansão do conceito ontogénico na Europa e na América.



O conceito-distribuição não é, a nosso ver, um conceito verdadeiramente científico. O estudo da distribuição das linhas fisionómicas morfológicas, das plantas, dos animais e dos homens, sem o método explicativo paralelamente ao método descritivo, não pode constituir assunto de uma ciência. A localização e a distribuição, isto é, os caracteres topográficos das feições da face terrestre são, sem dúvida alguma, fenómenos basilares da geografia. Mas o simples enunciado da situação não é um conceito que satisfaça. Em geomorfologia, por exemplo, não basta examinar uma carta que indique os caracteres da distribuição dessas feições. Entre estas e as restantes das coberturas vegetal, animal e humana há interdependências que tem de ser analisadas e interpretadas. Entre os proprios caracteres morfológicos há encadeamentos e associações muito intimas. Pode-se dizer que cada feição da superfície terrestre tem uma evolução propria, tem a sua vida, constitue uma pessoa no sentido mais largo desta palavra, e como tal vive intimamente associada com outros individuos. Uma rede hidrográfica é uma feição da superfície com um ciclo de existência definido, porque tem, segundo WILLIAM DAVIS, *infância, juventude, virilidade e velhice*; os sistemas de montanhas nascem, crescem e morrem; os lagos são individuos com fases proprias de desenvolvimento, de crescimento e de extinção. Na cobertura vegetal manifestam-se, segundo HENRY COWLES os *Vegetational cycles*²². Quanto à ondulação humana sobre a superfície terrestre, toda a obra de RATZEL revela-nos como fenómenos análogos se observam constantemente. Isto importa dizer que a face do globo, segundo os princípios que indicámos, procurando sempre a estabilidade, é uma superfície em

constante transformação e as suas linhas fisionómicas todas conexas entre si no tempo e no espaço.

Não se altera uma feição sem outra contígua se alterar. Há interdependências locais, regionais e gerais, mais ou menos íntimas, mais ou menos fortes. Mas todas as unidades geográficas associam-se, sejam simples ou compostas. Os continentes e oceanos, que são as unidades máximas, vivem numa dependência perpétua. Alterações orogénicas dão reflexos imediatos sobre as rêdes hidrográficas; o perfil de equilíbrio de um rio é função do grau da peneplanificação. Entre todos os aspectos da superfície terrestre, nos seus diversos graus de evolução, individuais ou associados, há uma conexão de tal ordem, que não é possível estudar o carácter topológico de um dêles sem que o carácter topológico do outro próximo se não imponha. O *conceito-distribuição* é por isso unilateral, demasiadamente simplista, é quasi um processo gráfico de estudo não acompanhado de uma interpretação dos fenómenos que se vão observando.

É certo que há feições puramente locais, cujas alterações não influem sobre a superfície total: são como que feições acidentais cercadas por condições exógenas ou endógenas que não deram contrapancada em outras regiões. Mas também o quanto da associação ou conexão contígua e contínua não tem sempre o mesmo valor ou uma mesma intensidade. Poderíamos talvez dizer, aplicando à superfície terrestre e relativamente às suas feições a nomenclatura biológica, que há caracteres de espécie, outros raciais e ainda outros revelando variações individuais. Mas, entre todas as feições de graus os mais diferentes, há um encadeamento causal e laços de conexão de local a local, de região a região, de zona a zona. Os levantamentos orogénicos da Era Terciária modificaram completamente a fisionomia inteira do globo; poder-se ia classificar êste fenómeno de conexão morfológica máxima. Pois dêste resultado geral à conexão puramente local é indeterminado o número de graus possíveis.

Em fito-geografia não é suficiente indicar as zonas da distribuição das plantas; é indispensavel relacioná-las entre si, com o meio físico, com os animais e com os homens. As *unidades fito-geográficas* do professor FLAHAULT, da Universidade de Montpellier²³, significam sínteses topológicas, *séres* colectivos, agrupamentos vegetais relacionados com as condições físicas. Se nos limitássemos a uma simples descrição do modo como as plantas se distribuem ou se localizam, sem nos importarmos com os diversos graus de conexão dêsses vegetais com as outras feições do globo, sem nos darmos ao trabalho de investigar quais sejam as suas relações conexas, como os vegetais migram, deslocam-se, rareiam ou acumulam-se, como se movimentam

enfim no espaço e no tempo, as *manchas* vegetais, as feições fitogeográficas, não seriam compreendidas nas suas relações gerais com as restantes linhas fisionómicas.

Igual crítica merece o *conceito-distribuição* em zoo-geografia. Se este capítulo da geografia se reduzisse a uma simples indicação da distribuição animal, o Atlas de BARTHOLOMEW devia ser considerado como um excelente tratado de zoogeografia. Mas é indispensável não esquecer que a cobertura animal move-se, sofre a influência das energias as mais diversas, apresenta feições de categorias diferentes e nos seus movimentos manifesta avanços, recuos, variações de densidade, tudo subordinado às dependências em que nas suas transformações se encontra constantemente com outros aspectos e outras feições da face da terra.

Em antropogeografia o *conceito-distribuição* é ainda menos sustentável. Há formas de localização humana que são absolutamente dependentes do solo, outras que são conseqüências das condições topográficas, muitas de causa vegetal, agrícola ou florestal, outras ainda que derivam de circunstâncias políticas e económicas. A movimentação humana é constante e a massa humana é essencialmente plástica. Quer se trate das suas migrações ou dos deslocamentos das suas actividades, que se considerem as *manchas* humanas unicamente no ponto de vista étnico ou como fenómenos de acumulação demográfica, não há meio de interpretarmos a fisionomia antropogeográfica da terra, nas suas variações, se limitarmos o nosso inquérito a saber unicamente como os homens se distribuem, sem indagarmos, o que é fundamental, das causas do seu heterotopismo e das múltiplas condições que o provocam.

Quanto mais complexa é a feição da superfície da terra tanto mais relacionada, mais conexa está com as outras feições. A cobertura humana depende de todas as energias que a cercam. A formação dos centros de população, a criação dos portos, os centros de actividade mineira, a localização das indústrias, as linhas de comércio, todos os aspectos da ondulação humana dos mais simples aos mais complexos, estão tão intimamente engrenados com as outras linhas estruturais da face do globo, de tal modo com elas se associam, que cada local, cada região, pode considerar-se uma síntese morfo-orgânica. Limitar o estudo antropogeográfico à determinação da maior ou menor densidade humana e à sua distribuição étnica corresponde a indicar um fenómeno sem procurar a sua interpretação.

Segundo CHISHOLM, o *conceito distribuição* não se opõe à interdependência dos fenómenos da superfície terrestre. Mas o carácter topológico é para esse conceito o fenómeno predominante, con-

siderando-o porém rígido e não essencialmente movel. A face do globo não é considerada como uma face viva, cujas feições se relacionam intimamente, apresentando sínteses locais e regionais dentro de uma síntese máxima. A interpretação destas sínteses morfo-orgânicas e o exame das suas transformações conexas não entram no conceito que estamos discutindo, visto que êle não procura a relação geral de todas as linhas fisionômicas. Nos caracteres heterogénios e heteromorfos, pelos quais estas se distinguem, como nas suas relações em série e nas suas associações em contiguidade o *conceito distribuição* não reconhece a sua subordinação a um princípio geral de unidade orgânica.

O *conceito ontogénico* é um neo-ritterianismo. Deve-se a WILLIAM DAVIS, em primeiro lugar, a sua grande aceitação em quasi todos os países; mas nem todos os geógrafos o adótam e não poucos o discutem severamente. Na Alemanha, por exemplo, a escola norte-americana não recebeu os mesmos aplausos que a ciência francesa lhe dispensou. Para DAVIS, «*the whole content of geography is the study of the relation of the earth and its inhabitants*»²⁴. Ele considera dois grupos de fenómenos: o 1.º, ou *grupo fisiográfico*, constitue a matéria das sciências que estudam o meio físico que cerca o homem (*the inorganic environment*); o 2.º, ou *grupo ontográfico*, é a resposta dos seres vivos ao meio físico ambiente (*the organic response*). A sciência que estuda todas as condições exógenas tem o nome geral de *Fisiografia*. Esta subdivide-se em: *Geoplanetologia*, que trata da influência dos fenómenos astronómicos sobre a superfície da Terra considerada como uma unidade astronómica, *Meteorologia*, que mostra como as energias atmosféricas actuam sobre os seres vivos, *Oceanografia*, *Geomorfologia* ou fisiografia da terra emersa e *Climatologia*, sciência mais complexa, que não se deve confundir com a meteorologia. Os fenómenos geoplanetológicos, meteorológicos, oceanológicos, geomorfológicos e climáticos são *agentes* da vida orgânica; as suas energias formam um casulo, dentro do qual encontram-se os habitantes da terra, — vegetais, animais e homens. Todos estes seres *respondem*, reagem à excitação do meio exterior. As suas respostas ao meio externo constituem o *fenómeno ontográfico* e manifestam-se de modos diversos. A *response*, ou resposta orgânica, não se reduz, segundo WILLIAM DAVIS, à distribuição e localização das plantas, dos animais e dos homens; entram também no domínio ontográfico, e portanto geográfico, certas particularidades orgânicas e fisiológicas adquiridas pelos seres vivos no seu conflito permanente com o meio exterior ou forças fisiográficas. Dêsse conflito e da luta que as substâncias vivas teem umas com as outras surgem aptidões, tendências, formações histológicas, deformações, hábitos e caracteres especiais.

Todos estes fenómenos pertencem, segundo DAVIS, à geografia. Em antropogeografia, por exemplo, os caracteres morfológicos raciais, a pigmentação, todos os estigmas étnicos são no seu entender respostas orgânicas às energias conjugadas das cinco espécies de fenómenos fisiográficos.

WILLIAM DAVIS distingue o fenómeno ontogénico *em si* do fenómeno distribuição e do fenómeno relacional ou resposta orgânica. É por isso que divide a *Ontografia* em três ordens de sciências: a 1.^a investiga os fenómenos independentemente da sua localização e das suas relações com o meio, — são a Fitologia, a Zoologia e a Antropologia; a 2.^a estuda-os tendo em vista unicamente a localização, quer em altitude, quer em latitude, e compõe-se da Fitografia, Zoografia e Antropografia; a 3.^a considera-os nas suas relações de dependência com os agentes externos, contra os quais reagem: são a Fitogeografia, a Zoogeografia e a Antropogeografia. São portanto estas três sciências que constituem, segundo o ponto de vista de DAVIS, a sciência geográfica.

O conceito ontogénico é, como se vê, inteiramente diferente do conceito-distribuição e afasta-se ainda mais do conceito naturalista ou sintético. Apesar da grande e incontestável autoridade do sabio norte-americano, a sua opinião não encontrou ainda na Alemanha e na Inglaterra um aplauso geral. Em França, nota-se já uma reacção contra a «obsessão do homem». MARTONNE, por exemplo, como já dissemos, não é favorável ao conceito sustentado por WILLIAM DAVIS. No Congresso Internacional de Genebra ¹ a Comissão encarregada de elaborar uma definição da geografia sob o ponto de vista do ensino não foi conforme com o exclusivismo doutrinário da escola norte-americana ²⁵. W. DAVIS viu com uma notável sagacidade todos os erros da geografia tradicional, foi elle quem mais se esforçou por dar à sciência geográfica uma completa autonomia, uma personalidade independente da das outras sciências. Porém, embora reconheçamos quanto a geografia scientifica deve ao illustre professor da Universidade de Harward, afigura-se-nos que o seu conceito não é o que melhor traduz a geografia considerada como sciência.

Segundo DAVIS, a geomorfologia não constitue o primeiro capítulo da geografia. As feições físicas da superficie do globo, que são linhas

¹ A Comissão, que perfilhou essa definição, compunha-se dos seguintes congressistas: W. ROSIER, C. KNAPP, G. WERDER, J. F. NIERMEYER, H. JACCARD, CHARLES FLAHAULT, G. RICCHIERI, WILLIAM M. DAVIS, ARTHUR DE CLAPARÈDE, JEAN BRUNHES, ROBERT CHODAT, SILVA TELLES, CH. SCHÖNDELMAYER, ED. BRÜCKNER e ALBRECHT PENCK.

fisionómicas tão condicionadas como as das coberturas vegetal, animal e humana, não teem lugar no seu quadro dos fenómenos propriamente geográficos. O campo geográfico é consideravelmente reduzido, porque fica fóra d'êlo o conhecimento e a interpretação dos caracteres morfológicos da superfície do globo. As sínteses locais e regionais sob os aspectos morfológico, orgânico e humano, formando verdadeiras unidades geográficas, células de um vasto tecido heteromorfo e heterogénio, sínteses secundárias ou inferiores constituindo a síntese máxima, que é a face da Terra, são, segundo o seu conceito, fenómenos não geográficos, o que importa dizer que não há fenómenos geográficos quando não há seres vivos. Toda a geografia física ou do solo passa a ser uma sciência estranha à *geografia propriamente dita*.

Como só a resposta ontogénica é para êle o fenómeno geográfico, segue-se que a biogeografia e a geografia são sinónimos. É certo que nas subdivisões da antropogeografia encontramos a *organic response* colectiva, visto êle dividir esta sciência em geografia económica, g. comercial, g. histórica e g. política. Mas esta mesma subdivisão é um argumento contra o seu conceito e uma razão favorável ao *conceito sintético*. Efectivamente, o condicionamento dos fenómenos geográficos económicos, comerciais e políticos é em grande parte devido a energias estranhas ao meio físico; a *response*, na expressão de DAVIS, não deve neste caso ser considerada como um fenómeno ontográfico.

Dissemos que as linhas fisionómicas morfológicas são o produto de duas ordens de variáveis, endógenas e exógenas. A superfície é, a cada instante, o resultado de um conflito entre os factores geológicos, atmosféricos e geoplanetológicos; a localização das feições físicas corresponde em cada quadro a uma localização especial das linhas ontográficas. A fauna e a flora da Europa, por exemplo, dizem com a superfície actual do nosso continente e com os seus caracteres climáticos. Nas diversas fases das transformações morfológicas por que tem passado a fisionomia da Europa, as suas coberturas vegetal e animal estiveram sempre com elas conexas, constituindo aspectos heteromorfos da mesma síntese. A vida *responde*, sem dúvida alguma, aos fenómenos geomorfológicos e tanto mais quanto mais complexa ela é, afirma RATZEL; mas é necessário não esquecer que as feições morfológicas são a seu turno frequentemente uma consequência dos fenómenos ontogénicos. Inúmeras ilhas de formação coralífera, massas imensas de estratificação calcárea, deposições hulfíferas e bolsas petrolígenas com manifestações exteriores são de proveniência orgânica, animal e vegetal.

O conceito de DAVIS repele do domínio geográfico toda a geomor-

fologia, mas inclui fenómenos que pertencem a outras sciências. Todas as respostas orgânicas são para êle fenómenos geográficos. É principalmente neste ponto que a sua escola se distancia mais da fonte ritteriana. Procurando abranger os fenómenos ontográficos *em si* e não os separando dos fenómenos ontográficos *relacionais*, parece-nos que DAVIS, pela extrema latitude que dá à *organic response*, cai no erro de confundir o que é geográfico com o que não é. Os caracteres cranianos, por exemplo, são para êle uma *resposta*, um fenómeno de relação com os agentes externos, um fenómeno geográfico enfim. A geografia antropológica não deve, a nosso ver, interessar-se pelos fenómenos etnogénicos individuais, mas limitar-se a procurar as relações entre os diversos *aspectos* da cobertura humana, étnica ou não, e as condições que nêles influem. Chamar a reacção orgânica modificadora de um índice craniano ou nasal para dentro da geografia é confundir o fenómeno antropogénico ou etnogénico com o fenómeno antropogeográfico, é identificar um fenómeno *na sua essência* com o mesmo *como produto relacional*. A aceitar-se o ponto de vista de DAVIS, sem uma fronteira definida entre o que é a resposta ontográfica no sentido propriamente geográfico e o que é um fenómeno de fisiologia vegetal, animal ou humana é sujeitarmo-nos ao equívoco de supormos geográficos todos os fenómenos biológicos, quer se manifestem nas plantas, nos animais ou nos homens, porque todos são, mais ou menos, respostas aos estímulos exteriores.

De todas as considerações feitas resulta que preferimos o *conceito sintético* ou *naturalista*. Êste traduz uma reacção mais filosófica contra as velhas ideias; engloba na sua concepção relacional tanto os fenómenos ontográficos como os geomorfológicos. Este conceito considera a superfície da terra como formada de unidades geográficas regionais dentro de uma grande síntese morfo-orgânica; a essas unidades, maiores ou menores, correspondem adaptações vegetais e animais; a cobertura humana, nas suas numerosas manifestações de distribuição, localização, circulação, fixação ou desequilíbrio, confluência ou parcelamento, quer da sua massa, quer das suas actividades, subordina-se igualmente às energias exógenas de todas as categorias que a cercam. Ê esta relação geral das linhas fisionómicas da superfície do globo que constitue o conceito scientifico da geografia.

Esta sciência adquire com êste conceito uma alta significação filosófica; é, num domínio mais vasto, o que a antropologia representa entre as sciências do homem. Quando estudamos os caracteres antropológicos e raciais, não intervimos, senão a titulo de documentação scientifica para uma melhor elucidação dos fenómenos antropogénicos, no exame da constituição histológica e das particularidades anatômi-

cas e fisiológicas do homem. Todos estes fenómenos constituem assuntos de outras sciências e não da antropologia. A esta interessa principalmente a *superfície externa*, a associação entre os caracteres exteriores, e só aprecia-os *relacionando-os* e desta relação criando tipos raciais ou étnicos. Não estuda o individuo *em si* ou abstractamente, mas como fazendo parte de um agrupamento conexo. A concepção geográfica é análoga. A face terrestre considerada sinteticamente é o seu verdadeiro domínio. Não há portanto confusão possível com as sciências cuja documentação ela procura e que a auxiliam na determinação das unidades ou sínteses morfo-orgânicas.

Dentro desta orientação científica esclarecem-se facilmente algumas das afirmações da geografia, que a muitos espíritos podem parecer anárquicas. Não existe, por exemplo, uma *geografia matemática* ou *astronômica*, mas há fenómenos astronómicos que concorrem para a modelação da superfície terrestre, alterando as suas linhas fisionómicas. O fenómeno geográfico é inteiramente diverso do fenómeno geoplanetológico; este interessa à geografia como um agente da transformação, mas o fenómeno *em si* está fóra do campo da sciência geográfica. Também não há uma *geografia descritiva*, embora este qualificativo seja de uso corrente, — porque a geografia é essencialmente *explicativa*. Entre esta sciência e as que lhe são afins as diferenças são flagrantes; cada uma delas fornece-lhe elementos e subsídios para a mais fácil interpretação dos fenómenos, mas são completamente estranhas à sua *teoria central*.

O conceito especial da geografia e os princípios em que esta se estriba dão-lhe um domínio considerável, mas não lhe permitem uma ambição enciclopédica. Com limites mais precisos e melhor definidos, nenhuma confusão é lícita entre ela e as sciências que lhe são afins. O conceito da relação geral obriga-a a uma observação plurilateral e não simplista dos fenómenos, ao conhecimento da unidade dentro da variedade, e da interdependência entre os fenómenos aparentemente desconexos ou dissociados. No campo antropogeográfico, mostra-nos o aspecto lógico da movimentação humana, dos seus caracteres topológicos, esclarece a sua circulação e as suas fases de recuo ou avanço, de retracção ou expansão. É uma sciência profundamente educativa, porque chama as nossas actividades intellectuais a uma laboração mais extensa, atraindo-as em várias direcções e habituando-as a uma visão do conjunto. E no domínio moral, pelo seu conceito científico, é sem dúvida a sciência que melhor disciplina o carácter, desviando-o da fórmula unilateral de resolver os problemas da vida.

Bibliografia

- ¹ H. R. MILL, *Bulletin of the American Geographical Society*, vol. xxxvi, pág. 658.
- ² WALTER G. TOWER, *Ibidem*, vol. xlii, pág. 803.
- ³ G. W. HOKE, *The Scottish Geographical Magazine*, 1907, pág. 64.
- ⁴ WILLIAM M. DAVIS, *Geographical Essays*, pág. 6.
- ⁵ E. RÉCLUS, *Géographie Universelle*.
- ⁶ WILLIAM M. DAVIS, *L'esprit explicatif dans la Géographie moderne. Extrait des Annales de Géographie*, 1912, tom. xxi, pág. 15.
- ⁷ COLONEL CLOSE, *Bulletin of the American Geographical Society*, vol. xliii, pág. 740.
- ⁸ MARTHA KRUG GENTHE, *Ibidem*, vol. xliiv, pág. 27.
- ⁹ J. SCOTT KELTIE, *Applied Geography, A preliminary Sketch*.
- ¹⁰ F. KRAENTZEL, *Bulletin de la Société Royale Belge de Géographie*, 1911 n.º 0, pág. 359.
- ¹¹ IOS. HALKIN, *Ibidem*, 1907, n.º 1, pág. 22.
- ¹² JEAN BRUNHES, *La Géographie Humaine*, pág. 6.
- ¹³ *Ibidem*, pág. 17.
- ¹⁴ EM. DE MARTONNE, *Traité de géographie physique*, pág. 23.
- ¹⁵ RICARDO BELTRAN Y RÓZPIDE, *La geografia y su enseñanza*, Madrid, 1913.
- ¹⁶ L. DE MARCHI, *Tratatto di geografia fisica*.
- ¹⁷ A. J. HERBERTSON, *The Journal of the Manchester Geographical Society*, vol. xxvi, pág. 21, parte 1.ª, 1910.
- ¹⁸ H. J. MACKINDER, *Britain and the british seas. The regions of the world*.
- ¹⁹ GEO. G. CHISHOLM, *The Scottish Geographical Magazine*, vol. xxvii, pág. 561.
- ²⁰ I. J. SEDERHOLM, *But et méthodes de la géographie scientifique*, Fennia 32, N. 11, pág. 25.
- ²¹ EM. DE MARTONNE, *Société de géographie de Lyon. Bulletin*, 2.ª série, fasc. 1, pág. 9.
- ²² HENRY C. COWLES, *Annales of the Association of American Geographers*, vol. 1, pág. 3.
- ²³ CH. FLAHAULT, *Boletim da Sociedade Broteriana*, xviii, 1901, pág. 6.
- ²⁴ W. TOWER, *Bull. of the American Geographical Society*, 1910, pág. 805.
- ²⁵ *Neuvième Congrès International de Géographie (Genève). Compte Rendu des Travaux du Congrès*, tom. iii, pág. 499.

Francisco Rodrigues Lobo

ENSAIO BIOGRÁFICO E CRÍTICO¹

ADENDA

Consegui finalmente agora decifrar o enigma do *Arriaza* — decifração seguida como sempre do despeito de tanto ter esbarrado neste quebra-cabeças. Não se trata de nenhum luminar das letras, mas sim dum subalterno, daqueles que as memórias literárias desfavoreceram, escurecendo nomes e méritos dignos de melhor e maior menção. É *Riaza*, mimoso poeta toledano, *Pedro Liñan de Riaza*, amigo de Lope de Vega, romancista selecto, de que se encontram especimes do melhor gosto recolhidos na 6.^a parte da *Flor de Romances*, de Pedro Flores, publicada em Lisboa em 1593, e ao depois ainda na 1.^a parte da conhecida antologia de Pedro Espinosa (1605).

Parte dêsse cabedal poético por valioso que é, foi communmente encabeçado no Gongora, e nomeadamente o delicioso romance *Assi Riselo cantaba* (ap. Fitzmaurice). Tinha-se apagado de tal arte a sua memória que no *Romancero* de Duran nem sequer figura nominalmente. Ao Lobo, ainda seu contemporâneo (*Riaza*, † 1605), é que não escapou a excelência do trovador de Toledo, só agora realçada pela moderna exegese literária.

VII

Églogas

A glória esperava-o no género pastoril onde franqueia lugar hombro a hombro dos mais célebres.

A bucólica, a arte pintural de quadros campestres encenados de pastores mais ou menos trasvestidos, que deixou na literatura clássica

¹ Continuado do vol. III, pág. 776.

como modêlos sempiternos os idílios de Teócrito e as églogas de Vergílio, desenha na península a sua forma embrionária nas *pastorelas* e *serranilhas* das trovas galaico-provençais; acentua os traços nos séculos XIV e XV com as cantigas de serrana do Arcipreste de Hita, e sobretudo os graciosos *decires*, *serranillas* e *vaqueras* do marquês de Santillana; avulta enfim de vez com a criação fecunda das églogas e dos autos de Juan del Encina «que o pastoril começou», como dizia em verdade o Garcia de Resende ao filiar no vigoroso iniciador os autos de Gil Vicente que desabrocharam nessa feição zagalesca. Destinada à representação efectiva, a égloga do Encina como o auto pastoril de Gil Vicente, ao mesmo tempo que servem de geratriz à arte dramática, proliferada admiravelmente no teatro de Lope de Vega, Tirso de Molina e Calderon, marcam a primeira pègada do drama pastoral que na Itália havia de florir efêmeramente com o *Aminta* de Tasso e o *Pastor Fido* de Guarini.

A égloga, porém, propriamente dita, peça pouco estensa de moço campesino e singela urdidura, somente se aforou como género poético definido e pautado, a quando da intrusão triunfante da escola italiana, onde renascera imitativamente do figurino vergiliano e helênico. Trabalham-na a capricho os que podem chamar-se os *dioscurros* das Espanhas, o Boscan e sobretudo o Garcilasso, os patriarcas dos italianizantes, os influenciadores do Sá de Miranda e Bernardim Ribeiro¹, primeiros egloguistas portugueses. Todo o cinquecento se lhes afervorou na piugada bucolista; que o digam as églogas do António Ferreira, do Camões, do Caminha, do Bernardes—o cantor do Lima com quem, segundo é fama, o Lope de Vega dizia que tinha aprendido a fazer versos pastoris (ap. Garcia Perez). O género torna-se integrante forçada de toda a poesia e de todo o poeta.

Roiz Lobo propõe-se seguir estes mestres hispano-portugueses, mas sem cometer o plagiato reles da matulagem bordalenga. Contra essa investe de sarcasmo em riste, ao abrir a segunda parte dos *Romances*:

Voyme à defender las Musas,
 porque le tienen cercado
 dos millones de poetas
 que han ese nombre usurpado:
 ... Son los otros bandoleros
 que solo viven de saltos
 y lo que de balde compran,
 también lo venden barato.

¹ Faz-me notar a sr.^a D. Car. Michaelis que o influxo do Garcilasso sobre o autor da *Menina e Moça*, embora aduzível, não tem prova segura.

Mesclan oro à su laton,
 haziendo alquimes dorados,
 cubren de olvido à los libros
 solamente por robalos.

Ay de Homero, ay de Virgilio,

ay de Camões Lusitano,

ay de Miranda y Petrarcha,

de Boscan y Garcilaso:

que de versos y concetos

le tienen metido à saco,

que salen cojos y ciegos

por milagro de otras manos.

No hurtan solo al latino,

al griego, al italiano,

mas á los vezinos propios

le destruyen los sembrados.

Ya en este sagrado bosque

bestias deshojan los lauros,

y á las aguas Cabalinas

van á beber muchos asnos...

Ele enxotava, como poeta honrado, esta nuvem de moscardos dos lombos do Pégaso. Trabalho baldado que desafiaria o próprio Hércules! Os rapinantes enxameavam, e Rodrigues Lobo inscreve as vítimas mais dilectas destes vampiros das rimas: os dois grandes épicos antigos e o seu sucessor moderno Camões que com o Sá de Miranda eram a tentação dos arremedadores; o Petrarca, fonte perene de lirismo onde se remolhava a horda dos petrarquistas; enfim Boscan e Garcilasso, de quem dizia o Sá de Miranda,

Liamos pelo alto Lasso

E seu amigo Boscão,

Honra de Espanha que são,

— honra de Espanha e remedeio de Portugal que os saqueava a toda a vez e hora.

O nosso bucólico, esse milita altivamente como soldado parnasiano, orgulhando-se dos capitães perante os quais jurou bandeiras:

Voyme tras los Portugueses,

tambien tras los Castellanos,

tras de Franco y de Frondelio,

tras de Riselo y Belardo.

Voy siguiendo sus banderas,

poca plaza mientras marchó,

mas con tales capitanes

bien puedo ser buen soldado.

¿ Quem são esses chefes, invocados sob o tropo nominal de pegureiros de sua criação e baptismo?

Franco, o Franco de Sandovir, figura na égloga 11 de Bernardim; supõe-se representar o poeta Sá de Miranda (D. Car. Mich., *loc. cit.*). *Frondelio* é o pastor das campinas do Tejo que dialoga com o Umbrano na égloga 1.^a do Camões — à frente das editadas em 1595 pelo Soropita; é o próprio épico.

Riselo e *Belardo* inçam os versos bucólicos espanhóis; são um apelativo comum, uma espécie de nome de guerra, se tal se pode dizer na paz pôdre do pastoralismo. Nomeia-os Lope de Vega ao motejar dos seus próprios romances pastoris (1632, Duran), em tantos dos quais amoreja o pastor Belardo. *Belardo* aparece ainda na *Arcadia*, publicada em 1598, onde é criptonome pastoril do mesmo Lope. *Riselo* designa mais propriamente Pedro Liñan de Riaza, e ainda o Gongora, ao nome do qual se adscreveu bagagem romancista onde canta o pegureiro dêsse chamadoiro ¹.

O quadro bucólico reveste, como já dissemos, uma boa parte dos romances — temas curtos e monótonos de pastoragens. Como personagens mais comuns dá-nos o par enamorado *Délio* e *Filena*. O nome de Délio vem já do elenco camoneano; Délia é também uma pastora da *Diana*. Filena será reminiscência do *Fileno y Lombardo* do Encina e do *Fileno* da Égloga 4.^a do Bernardim Ribeiro.

Em dois deles já vem ao tablado o zagal Lereno das ribeiras do Lis com cantilenas à amada. Esse romance português é o que oferece mais ressalto; o mais não passa de tenues pastorelas no bordão do lirismo corriqueiro da amatória. O bucólico julga-se porém possesso do Eros, e apela para as almas afinadas; só capaz de abranger-lhe a emoção estética,

El que al fin espera y teme,
el que al fin ama y recela,
es sujeto de mis ayes
y es de mis obras Mecenas.
Este mis escritos guarde,
este mis obras defienda,
que son nacidas de amor,
y para amor son perfetas.
Este condene mis yerros,
este alabe mis endechas,
que quien no entiendo de amor,
no es possible que me entienda.

¹ Vidé a nota final do capítulo anterior.

Em lavor de outro lote se talham as *Églogas*, saídas à luz em 1605 já quando a *Primavera* tinha corrido mundo e fama. Essas sim, que são obra de mestre, seguro da técnica e da inspiração. Abundam trechos que se ordenam entre as melhores peças da sua antologia, e a feitura geral não teme o paralelo com a dos egloguistas mais admirados. O estofo tem a solidez da trama do Sá de Miranda com o bordado e matiz do tear do Camões e do Bernardes. Salvos os senões inerentes à artificialidade inevitável do sistema, a égloga do Lobo é dos exemplares mais perfeitos que podem lêr-se no género.

Anima-a uma intencionalidade manifesta e até confessada; não é por simples virtuosidade poética que êle bucoliza. Proclama-o no *Discurso sobre a vida e estilo dos pastores*, espécie de profissão de fé literária, onde apologiza as virtudes e mais partes da profissão pastoril, a arte antiga e nobre por onde se engendrou o primeiro saber dos homens — «o conhecimento dos pastos, a natureza das terras, a virtude das hervas, as mudanças do tempo, o movimento dos céus, os efeitos do sol, a calidade dos animais». A singela prática dos pastores é, diz êle, «o estilo mais conforme ao uso da razão e menos inficionado de malícia». «Desta razão nasceu aos escritores antigos disfarçarem a doutrina de suas obras no modo pastoril como mais puro estilo e verdadeiro». «Neste estilo escreveram os Gregos, Latinos, Italianos e Espanhoes e os nossos Portugueses, raros em número e em qualidade, obras maravilhosas que conta-las seria outra nova empreza. Aqui, curioso leitor, vos ofereço pratica e estilo de Pastores, doutrina verdadeira de avisados: não pirulas doiradas, viboras entre flores, nem veneno em vaso rico; antes pelo contrario, diamantes por lavar, perlas em sua concha, e em lugar de mentiras enfeitadas, verdades honestas. Não estranheis logo ouvir rusticos filosofos e avisados aldeãos; ... o que não parecer que representa o modo dos pastores com a viveza e termo que convem, attribui ao intento que é mostrar debaixo de seu burel, e com suas palavras, a condição dos vicios, e o sossego das virtudes». Em verso o repete na dedicatória ao padre Luís de Soutomaior:

Um queixume dos muitos desta idade
Que, como meu, se esconde e se receia,
Para o tirar á luz com liberdade,
Vai vestido do trajo de uma aldeia;
Se lhe rômper a capa da humildade
(Como costuma) a vã soberba alheia,
Não lhe acharà debaixo deste pano,
Mais que razão, verdade, e desengano,

É pois uma moral em acção no meio campestre e pela bôca de vaqueiros.

A égloga de simples lirismo torna-se parenese: quer educar e corrigir. Esse propósito intrínseco distingue já das suas congêneres esta obra bucólica do Lobo; é a *égloga de costumes*.

¿ Teremos pois de aturar algum enfadonho catecismo versegado? Muito longe disso. O artista não larga da mão o pincel hábil no toque impressivo e fresco da scena rústica:

Uma novilha dourada,
Que anda naquella floresta,
Com uma estrella na testa,
Silva branca e remendada,
Viste, Aleixo, donde veiu?
(Égl. i).

Como estás, Gil, descansado
Á sombra deste amieiro,
Seguro no teu rafeiro,
Que anda vigiando o gado,
Ora cantando a sabor
Das pastoras deste monte,
Ora rodeando a fonte,
Quando tem sombra melhor!
(Égl. iii).

Hontem, quando o sol naceu,
Me pus sobre aquelle outeiro,
Que a vista me faleceu,
Tão triste como o primeiro
Que a tristeza conheceu.
Pus estes olhos cançados
No lugar e na ribeira,
Nas cabanas e nos gados,
Levantei-os de maneira,
Que estavam d'agoa alagados.
Vi muito gado perdido,
Sem pastor, sem pegureiro,
Por entre as balças metido;
Aqui balava hum carneiro,
Sem ser da mãe socorrido,
Acolá dava outro balo
A mimosa ovelha branca,
Outra jaz morta no valo,
Outra sem poder salta-lo,
Vem entrezilhada e manca.
As cabras vão pelo outeiro,
Cada qual toma um atalho,

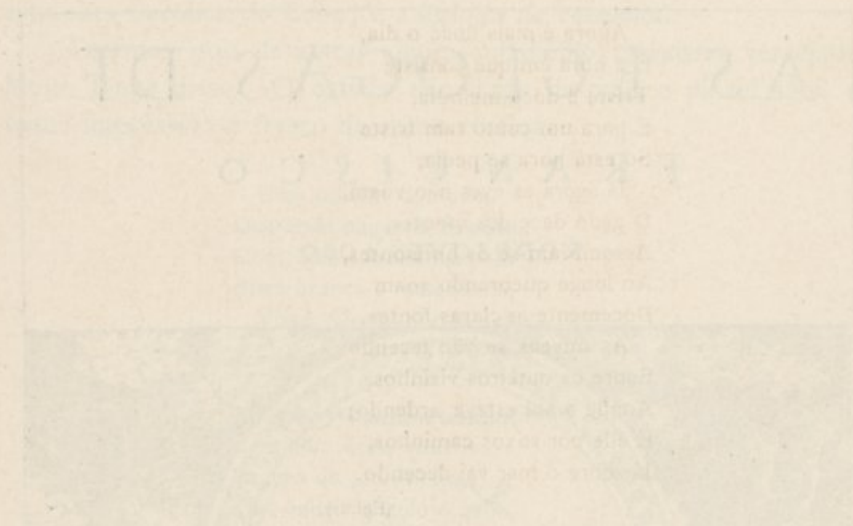
AS EGLOGAS DE
FRANCISCO

RODRIGUES LOBO.



FRONTISPÍCIO DAS «EGLOGAS»

Este documento é de propriedade da
Biblioteca Nacional do Brasil
e não pode ser vendido, alugado, emprestado,
reproduzido ou de qualquer forma divulgado
sem a autorização expressa da Biblioteca Nacional do Brasil.



Este documento é de propriedade da
Biblioteca Nacional do Brasil
e não pode ser vendido, alugado, emprestado,
reproduzido ou de qualquer forma divulgado
sem a autorização expressa da Biblioteca Nacional do Brasil.

Este documento é de propriedade da
Biblioteca Nacional do Brasil
e não pode ser vendido, alugado, emprestado,
reproduzido ou de qualquer forma divulgado
sem a autorização expressa da Biblioteca Nacional do Brasil.

Este documento é de propriedade da
Biblioteca Nacional do Brasil
e não pode ser vendido, alugado, emprestado,
reproduzido ou de qualquer forma divulgado
sem a autorização expressa da Biblioteca Nacional do Brasil.

Cada qual segue um carreiro,
 Já não nas guarda o rafeiro,
 Já não nas guia o chocalho.

(Egl. iv).

Agora é mais doce o dia,
 É a hora em que consiste
 Triste e doce melodia,
 E para um canto tam triste
 Só esta hora se pedia.

Já agora as aves não voam,
 O gado dece dos montes,
 Assombra-se os horisontes,
 Ao longe quebrando soam
 Docemente as claras fontes.

As nuvens se vão tecendo
 Sobre os outeiros vizinhos,
 Aonde o sol esteve ardendo,
 E elle por roxos caminhos,
 Já sobre o mar vai decendo.

(Égl. iv),

São de belo teor e forma estes e outros trechos; não se toparão melhores, nem mais gostosos em nenhum dos egloguistas. Poesia dêste quilate pode esquecer, mas não envelhecer; vale em toda a parte e em todos os tempos.

Soube vasa-la no molde mais natural ao idílio rústico, a *redondilha*, o metro nacional por excelência — a medida velha que êle dedilha superiormente, com mais mestria ainda do que o verso italiano. Vai na feira da tradição primitiva do Bernardim Ribeiro, do Christóvam Falcão ¹ e das primeiras églogas do Sá de Miranda. E para mais acentuar esta feição dá preferênciã à quadra peninsular, em nada menos de quatro églogas, I, II, III e VII; o esquema métrico, *abba*, é o da égloga I *Alejo* do Sá de Miranda. Na quintilha, fórmula *ab aab*, e ainda *ababa*, *abbab*, compôs as églogas IV e V no género da égloga VII, *Montano*, do mestre ². A égloga VIII está em décimas do teor *abbabccddc*.

O *endecasilabo* italianista, favorito da égloga do Ferreira, do Camões e do Bernardes, entra no verso misto das canções e nos

¹ Aduziu-se últimamente a identificação do autor do *Crisfal* com Bernardim Ribeiro (Delfim Guimarães), mas tal identificação não passou em julgado, negada como foi por Th. Braga e D. Car. Mich.

² Própriamente as quadras dobram em oitavas e as quintilhas em décimas; mas certo é que na edição príncipe as quadras e quintilhas veem desdobradas.

tercetos das elegias e epístolas intercalares; nêlé compõe ainda três églogas, a vi, ix e a x, ora em tercetos, ora na oitava rima.

Alceia-se, não há dúvida, até aos três predecessores:

Torna essas vacas, Bento, que ind'agora
As fui tirar de dentro do serrado
E não nas posso haver do dano fora.
Herva ha neste olival, herva ha no prado,
Não sei porque é melhor a defendida,
Que assim se inclinam mais ao que é vedado.

(Égl. vi).

etc.; mas aí mesmo, na ritmia do verso italiano, mete como destaque o metro ligeiro das cantigas interpoladas:

*Descalça vai para a fonte
Leonor pela verdura,
Vai fermosa e não segura.*

A talha leva pedrada,
Pucarinho de feição,
Saia de cor de limão
Beatilha soqueixada;
Cantando de madrugada,
Pisa as flores na verdura,
Vai fermosa e não segura. etc.

(Égl. x).

Inexcedível de louçania e perfeição. Uma aguarela silvestre ¹.

¹ O mote de letra velha vem já do cancionero camoneano; a glosa do mestre é bellissima, mas não escurece a do discípulo:

Leva na cabeça o pote,
O testo nas mãos de prata,
Cinta de fina escarlata,
Sainho de chamalote,
Traz a vasquinha decote,
Mais branca que a neve pura,
Vai fermosa e não segura. etc.

Outro cantarzinho semelhante andou muito em voga também para *voltas* de mote:

Na fonte está Leonor,
Lavando a talha e chorando,
Às amigas perguntando:
Vistes lá o meu amor?

Têm uma glosa de Camões, que é um primor, e outra de Caminha (ed. Priebisch), além das trovas anónimas em folhas volantes (D. Car. Mich.). A raiz

Ferra a sua unhada censora o Costa e Silva na gravidade e sabença dos pastores do Lobo, «filósofos de çurrão e cajado» «a arrebeçar sentenças» intermináveis. O pecado não é singular, é colectivo,

temática vem do romancelheiro castelhano. O conde de Salinas glosou também a letra em quintilha castelhana (Not. fornecida por D. Car. Mich.):

En la fuente está Leonor,
Lava el cantaro llorando,
Sus amigas preguntando,
Vistes allá mi amor ?
No lo hemos visto, Leonor.

Num poeta menor dos setecentos António Villasboas Sampaio, no auto minhoto da *Lavradora do Airó*, diviso em romance o desenvolvimento temático da Leonor na fonte, manifestamente tomado e do Lobo :

Pelo caminho de cima
com uma talha apedrada,
pucarinho de Estremoz
em prato de porcelana,
ia Leonor pela sesta
para a fonte a buscar agua,
lavradora que de todas
é por formosa invejada.
Leva o cabêlo em rolêto,
melenas dependuradas
gargantilha de velórios
com relicário de prata,
colêto de serafina,
figa de azeviche á banda,
ramal de coraes no braço,
e camisa debuxada.
Descalça pelas pedrinhas,
vai sem medo de topadas...

D. Francisco de Portugal, o autor da *Arte de galanteria*, moteja desta aguadeira Leonor, tão decantada, no romance :

Deixou de ir Leonor á fonte
Por vêr damas estrangeiras...

Num para-romance do Lobo (*P. Peregr.*, 2.^a P., Jorn. 1.^o)—*Uma fermosa serrana, que de cima desta serra* — vem, entre outros, êste pé de cantiga :

Quebrara Leonor
O pote na fonte
E deitara os testinhos
Tão longe.

Será talvez uma forma popular da *Leonor na fonte*. Vejo que Fr. de Portugal mete êste motivo também no romance citado, não sei se para arremedar o Lobo :

Quebrou Leonor
O pote na fonte
E deitou-lhe os testinhos tão longe.

inerente ao género; peca êle, e é por sinal o que menos peca, como pecaram todos, desde o Titiro e Melibeu que cheiram ao fartum das aulas de retórica e dos debates do fôro romano. Ao menos o nosso bucólico escapou quanto pôde à carepa mitológica. Tem o bom senso de não nos encampar a todo o passo os estafados deuses, semideuses e mais comparsaria do paganismo. Nesta imunidade mitológica, tanto de louvar e agradecer, dista do Camões que infestou a égloga, tal como a epopeia, da malta inteira do Olimpo e adjacências. Sem animar a paisagem com estas figuranças de pacotilha, não se julgava viável a poesia bucólica. Tal era ainda o sentir de Corneille:

Ôtez Pan et sa flûte, adieu les pâturages:
 Ôtez Pomone et Flore, adieu les jardinages;
 Des roses et des lis le plus superbe éclat
 Sans la fable, en nos vers, n'aura rien que de plat.

A moral em acção métrica, prégada pelo Lobo, grava-se em caracteres scintilantes de luz e de verdade; o pensamento ético encarna-se no corpo dum verso de arte sã, inervada de vigor e expressividade. ¿Quem não saboreará logo de entrada aquela égloga «contra o desprezo das boas artes»? A pena branda do bucólico aqui arrija-se, tetanizada pelo tártaro do censor austero da *Basto*. O Melibeu torna-se Juvenal, a égloga descarta-se em sátira.

A crú e a direito, escancara a diátese nacional, o *ethos* maligno e malfazejo do português de casta — a *baixa inveja*, o torpe tolhimento a tudo quanto sobresaia em talento e mérito, gerando a infecção esterilizante da nação. Diagnostica sem temor a moléstia psico-moral, e aplica a ponta ígnea do verso ao lombo colectivo dos portugueses mesquinhos:

Nós e os nossos naturaes
 Somos de má natureza.
 Queremos grão mal ao bem,
 (Se isto se pode dizer),
 Somente pelo querer
 A quem o merece e tem...
 Coitado do que naceu
 Nesta nossa terra ingrata,
 Que tão mal conhece e trata
 Bens da sorte e dons do ceu.
 Que o mais honrado e mais dino
 Pelas partes naturaes,
 Não lhe serve de ser mais
 Senão de ser mais mofino...
 ... Pesa-nos do bem que é nosso,
 Quando o vemos num vizinho.

Ouvi qualquer estrangeiro
Falar de seus naturaes,
Dá deles tão bons sinaes
Que o não tem por verdadeiro.

Falem-vos num natural,
Dizeis faltas que não tem:
Mente o outro para bem,
Nós mentimos para mal.

(Égl. 1).

Se por um momento o espírito do grande bucolista largar o idílio eterno que nos Campos Elisios os ceus lhe reservaram em continuação dos Campos do Lis, e baixar os olhos para as ribeiras salgadas do Tejo, observará com mágua que no rodar das gerações submetidas à progressão degenerativa, a escoliose vertebral ainda mais entortou, e tanto que a ortopedia desesperou há muito. É uma tortura nata que invalida todos quantos endireitamentos se pregam. Ao menos que os correctores da pedagogia nacional, na pia intenção de reformar a estatura moral—porque, emquanto essa o não fôr, a intellectual pouco será — mandem inscrever em letras gordas nas escolas os versos lapidares do Roiz Lobo.

Sátira inútil para a reformação de maus costumes recalcitrantes, serve ao menos de desabafo ao poeta que, mercê dos seus méritos incontestáveis, se via alvo, êle como os bons escritores, das depreciações invejosas. «Vença a humildade dos meus pastores o costume dos nossos naturais e o queixume de todos os escritores portugueses; que não parece razão que os famosos engenhos deste reino façam entre si guerra civil para se destruir, em lugar da fama que podiam grangear noutras conquistas e empresas de maior honra sua». Guerra civil chama êle a esta guerra intestina que incessantemente se move contra quem tem o ousio de estremar talento — guerra fatal em que tudo serve de arma de combate, a indiferença desdenhosa, o ataque surdo da perfidia, e até o elogio traiçoeiro. Ao que se levantou acima dos hombros dos demais, trata-se logo de decepar-lhe a cabeça; ou tem de se deixar sacrificar, ou de encolher-se até à rasoira comum. Quem se sentir com talento, o mais seguro que tem a fazer, é escondê-lo; se o luz, ai dêle !

... Entre nós de envergonhadas
Se encolhem as artes boas.
Saber e conhecimento
Fazem já desmerecer,
De sorte que o não saber
Serve de merecimento...

O enxerto já crecido
 Com sal e agua acomodada,
 Se cae sobre ele a geada,
 Seca-se, murcho, encolhido...

Crece a virtude louvada,
 A planta favorecida,
 A vontade agradecida,
 E a parreira levantada.

(Égl. 1).

E a propósito conta uma fábula :

Dizem que já noutra idade
 Falaram os animaes,
 E eu creio que por sinaes
 Inda hoje falam verdade.

Ouvi contar como então
 Se fez valente e temido
 Um vil jumento escondido
 Nos despojos dum leão.

Emquanto de longe ouviam,
 Os outros fugiam dele,
 Eram milagres da pele
 Do Rei a que elles temiam.

Quiz falar, buscou seus danos,
 Que os outros com raiva crua,
 Fazem pagar pela sua
 Da outra pele os enganos.

Quantos ha na nossa aldeia
 Leões e lobos fingidos,
 Que houveram de andar despidos,
 Se não fôra a pele alheia.

Sem saber, sem consciencia,
 Andam com ela entre nós,
 Conhecem os pela voz,
 Honram os pela apparencia.

(Égl. 1).

Êste mimetismo leonino dos onagros indígenas é sangrento de sarcasmo. Ah que se o Lobo houvesse de defrontar-se com certos equideos da fauna de hoje, a pena de pavor e nojo partia-se-lhe nas mãos.

Como o interlocutor Bieito se apegasse ao estafado bordão dos bons tempos de outrora, êle acertadamente objecta :

Não dêmos culpa á idade
 Com tudo, que é desacerto,
 Temos a causa mais perto,
 Porque é nossa enfermidade.

Que estes despresos que vemos
Do bom saber, da boa arte,
Não se usa em toda a parte
Que é na terra aonde nacemos.

(Égl. i).

Sim, é a nossa enfermidade, a de hontem, a de hoje e a de amanhã
— o *morbus lusitanus*.

Não se cansa na autópsia; às causas lesionais consagra duas
églogas (II, III), ao *ódio*, à *inveja* e à *cubiça*, a trindade nefasta dos
pecados mortais. A filosofar, cantando, sôbre ética social, não recua
perante as últimas consequências; tem relanços onde faiscam as có-
leras dos proletaristas de hoje:

Fortes demos tençoeiros
São estes, forte pecado,
Que não ha de haver jurado
Senão para os jornaleiros.

Ao rico tudo lhe cabe,
O pobre lamenta e sua,
É só a canceira sua,
E o bem de cujo Deos sabe.

Males que faz a pobreza,
Perder justiça e razão,
Mudar vida e condição,
E ofender a natureza.

Se és pobre, perdes direito,
E o que é mais, não tens juizo...

(Égl. III).

Eivara-se de pessimismo, mas nem por isso entibia o braço ou
refreia a língua. Salga nova égloga, a VI, arremetendo de cara contra
os detractores e murmuradores. Dirigindo-se ao leitor, ironiza os
zoilos,

Estes, claro Leitor, que hoje desviam
A honra e ser que a meus escritos dais,
Que mais favor, que inveja lhes deviam,
Para que só no modo os conheçais,
A mascara de doutos com que ofendem,
Tirai-lha, e sabereis que não são tais.

Preguntai-lhes que buscam? que pretendem?
Se louvor proprio, ou interesse alheio,
Nas inocentes obras, que reprimem.

E vereis a cada um trazer no seio
Mais Gregos d'armas que o cavallo antigo,
Que para mal de Troia a parir veiu.

Retalha a língua maligna dos murmuradores:

Dizes bem: que mór mal, que mór peçonha,
Que a lingua descomposta, vil malina,
Que das vidas alheias trata e sonha.

Todo o mal busca, a nenhum bem se inclina,
Mata ao mais escondido e mais seguro,
É grossa à vista, mas no corte é fina.

Bem viu a natureza o mal futuro,
Pôs-lhe os beiços diante, e pôs-lhe os dentes,
Duas portas serradas e o seu muro.

(Égl. vi).

Um pastor antigo, a quem um amigo quer tirar das selvas, onde vive cercado de feras :

Não te espantes (responde), amigo certo,
De ver que busco os feros animais,
Que parece da vida um desconcerto :

Tem dentes e unhas, armas naturais
Para ofender-me a vida duvidosa,
E os homens tem a lingua além das mais.

Arma mais que outras armas perigosa,
Tem veneno mortal, que ás almas chega,
E está menos que as outras ociosa.

Ah vil murmuração cativa e cega,
Quem te ama, quem te serve, quem te estima,
A que inferno imortal sua alma entrega !

No cabo da epístola estica as orelhas dos censores :

Sirvo á minha tenção e a vosso gosto ;
Quem o tem de ofender-me, e como Jano,
A mim mostra um, a vós mostra outro rosto,
Siga atrás seu costume e seu engano,
Que para estas ofensas conhecidas,
Nem tomo valedor, nem temo o dano.

E as orelhas de muitos mais compridas,
Inda que azas a alguns se representem,
Para julgar ás vezes são de Midas,
E não é bem que as Musas lhes contentem.

(Égl. vi).

Muito mordido devia de estar o poeta pelos « dentes dos vis murmuradores ». Aos vinte anos trazia à praça uma obra prima — a *Primavera*, que o projectava de chofre muito acima dos escritores do seu tempo. Haviam de senti-lo mesquinamente os despeitados e haviam de tolhê-lo com todas as misérias que a mediocridade odienta pratica. Da guerra que lhe moviam, não nos deixou peripécias — sabe Deus o que lhe fizeram, males insanáveis talvez. Deixou-nos só o seu desfôrço, o tagante a marcar nas espáduas a turba dos maldizentes. Certamente, que a monumental tarefa não lhe trouxe

proveitos nem melhorias, porque, como bem dizia o Machado de Azevedo ao Sá de Miranda:

Hade enfrear sua penna
 Como um potro desatado,
 Quem quizer ser mais medrado
 Que Camões e João de Mena...
 Não queirais emendar tudo
 No mundo e seu desconcerto,
 De cujos erros é certo
 Ouvir, calar ou ser mudo.

O Lobo consolava-se, recordando talvez aquele traço filosófico do mestre do *Basto*:

Des i tenho um coração
 (Que é isto o que mais me empece)
 Que outro senhor não conhece,
 Sa vo verdade e rezão.

Herda a filosofia moral daquêle a quem chamava o grande português, e em plena tradição moralizante, invoca a miude o bom *sengo* antigo, a pessoalização da sabedoria acumulada das gerações portuguesas de outrora — vocábulo que para de todo mostrar quanto nos desatamos do passado, há muito foi expungido da linguagem de toda a gente, conhecido se tanto dos poucos que ainda enviezam olhares saudosos sôbre os papeis velhos.

Depois do mal dos homens, os males da natureza; as églogas iv e v tocam à peste e à morte. À conta da morte do amigo Teónio (v. cap. iv), versa o tema velho da sabedoria sôbre a fragilidade da vida:

Esta que chamamos vida,
 Tam fraca e de pouca dura,
 Tam buscada e perseguida,
 Entre inimigos metida,
 Quem a terá por segura?...
 Um pé que se desviou,
 Um olho que se ofendeu,
 Um mau ar que nos chegou,
 Um caminho que cansou,
 E uma dor que nos doeu;
 Um desgosto e um pesar,
 Que, fóra de fantasia,
 Nos acerta a magoar,
 E o que é mais para espantar,
 Que ás vezes mata a alegria;

São emfim tantos perigos,
Os que a nossa vida tem,
(Não falo inda dos castigos),
Que assi o mal como o bem
Todos são seus inimigos.
(Égl. v).

Com que delicadeza pinta o pressentimento e a nova da morte do amigo, logo à volta da visita que lhe fizera :

Lembra-me que á despedida
Vim eu cuidando assim só
Nas glorias daquela vida,
Bem gastada e bem servida,
Só da minha havendo dó.

E ao dobrar duma assomada,
Duma grande soveira
Sobre um vale debruçada,
Uma gralha praguejada
Ouvi triste mensageira.

Bem como que me falava,
Isto que se satisfaz,
Olha o fim que o esperava,
E eu de suspenso parava,
Lançando os olhos atraz.

Ouvi cães uivar na aldeia,
Os gados balar ouvi,
Mas como quem não receia,
Não olhava a má estreia
Com que eu triste me parti.

E inda á subida da serra,
Dei de tope num penedo
Que estava a carão da terra,
Nunca o mau agouro erra,
E os meus que acertam mais cedo.

(Égl. v).

Esta égloga funérea corre o paralelo com a famosa égloga de Umbrano e Frondelio, onde Camões harpeja o dó do seu Teónio, o malogrado amigo D. António de Noronha.

A égloga da *peste* ressuma o pavor causado pela acometida epidémica que, brotando por fins de 1598, reinou durante quatro anos com vária intensidade.

Sombreia o quadro das terras abandonadas, a gente a monte, afugentada dos focos pestíferos.

Tudo está como deserto,
O mato só se povoa,
E na aldeia em descuberto,
Assim como por acerto
Se divisa uma pessoa.

Estão sem gado os currais,
E os pastores sem abrigo,
Nas brenhas e pedregais
Moram como em tempo antigo
Os homens e os animais.

(Égl. iv).

André Falcão de Resende entôa também a elegia da pestilência, traçando o desolamento da capital quando em 1599 a epidemia batia o auge, ermando Lisboa pelo extermínio da morte e pela afugentação do pánico. Foi por sinal o seu canto de cisne; a breve passo a terrível bubónica prostrava também o velho trovador.

Como está triste e só, qual pobre aldeia,
Lisboa, populosa e grã cidade,
De rica e alegre gente que era cheia!
... Quem a pode ver ora perseguida
De tão pestifera e vil pobreza
E dos seus ricos por imiga havida ?!

Carrega no egoísmo avaro dos poderosos que deixam a sós os pobres, castigados pelo mal:

De pobres multidão de porta em porta
Por ruas e por arcos jaz morrendo
À fome, ao frio, ou jaz de todo morta.
... Quem val ao vivo ? ou quem o morto enterra ?
Sem sepultura jazem, sem mortalha,
As terras, ceos e ares anojando.

Epidemiologista em rimas, traz o Lobo a versão do modo como a peste se físgou no reino:

... um vaqueiro que aqui veiu
No começo da morrinha,
Pode ser que com receio,
Dizia que um estrangeiro,
Que ora eu não sei nomear
Pelo nome verdadeiro,
Por engano ou por dinheiro,
Trouxe a peste d'além-mar.
Não souberam ter recato,
Os seus, té que neste ensejo,
Como o mal era sobejo,
Ateou-se-lhe entre o fato,
Com que vinham para o Tejo.
Este interesse invejoso,
Que nunca ha de ter emenda,
Fez secreto o perigoso,
Deu azas ao mal forçoso,
Em se espalhando a fazenda.

Morre aqui, morre acolá,
 Eis que aqui corta, ali corta,
 Mas a tempo que o não dá
 A morte que andava já,
 Como duma em outra porta.

Acudiram todavia
 Os abegões da ribeira,
 Cada um como entendia,
 Cortavam por onde ardia,
 Davam mais lenha á fogueira.

Eis o fato que ficou,
 Um se queimava, outro não,
 Mal pelo que o cubiçou,
 Que enfim ficou por tição,
 Em lugar do que tirou.

(Egl. iv).

É uma espécie de gazetilha de reportagem, carregando na ganância comercial e no abandono dos poderes públicos. O veículo contagionante fôra fazenda trazida, por engano ou por lucro, de porto inficionado; ateado o mal, entra em acção a Provedoria de Saude, desconexa e impotente, mais danando que valendo. Fautores da epidemia em vez de seus guardadores, apanham a sua sova esses abegões da ribeira a deitar lenha á fogueira—a eterna e sabida sátira de todos os tempos aos homens e às coisas da hygiene official.

O Gil da égloga entôa no cabo a elegia ouvida ao «nosso Lereno», trespassada de desolamento:

Ah! doce patria minha, quem podera
 Resgatar com a vida o teu sossego,
 Que, como Curtio fez, tambem fizera.

Tornou-se turvo o Tejo e o Mondego,
 Envolvei vossas aguas, Lis e Lena,
 Assombraí tristemente o fundo pego.

Caí, soberbos montes e alta pena,
 Baixos vales, abri vossas entranhas,
 Claras fontes, secai, que Amor o ordena.

Escondei-vos no mar, altas montanhas,
 Que já vossos pastores conhecidos
 Peregrinando vão terras estranhas.

Uns da temida morte andam fugidos,
 Outros dela vencidos se esconderam
 Nas entranhas da mãi dos mais nacidos.

O poeta, fugido do andaço e recolhido a um monte, como já dissemos, devia de estar, parece, ao largo de Lisboa e à vista do mar, pois escreve

Aqui nestes outeiros levantados
 Que descobrem do mar a roxa entrada...

Dêse destêrro manda os seus suspiros aos patricios que por fortuna estavam já isentos da praga:

Ah pastores do Lis mais venturosos,
Que já gozais do ceu claro e sereno,
E da vil morte estais pouco medrosos.

Leiria padeceu da peste logo após os primeiros meses da invasão de Lisboa; teria escapado à reincidência epidémica que talvez apanhasse o Lobo na capital, donde fugira para o primeiro pôrto de salvação que se lhe deparou.

Lobo foi com o Falcão o elegista da peste derradeira, como Diogo Bernardes da *peste grande* de 1569. As duas églogas são parelhas; ambas formam um trecho antológico do bubão lírico, túmido do bacilo pestígeno.

O Bernardes, que endereça a sua égloga XII «deploratória ao Senhor D. Duarte no tempo do mal», toca os mesmos bordões desferidos pelo Lobo. Talvez que o vate do Lis tomasse a lição do vate do Lima; mas basta o assunto para explicar os encontros análogos. Se os efeitos das grandes crises epidemias se identificam, mais uniforme é ainda o que delas se pensa, diz e escreve em todos os tempos; a psicologia colectiva e escritural não muda em matérias de pestilência e suas responsabilidades.

Depois que se ateou na môr aldeia,
Derramando-se foi por cada malha,
E, ora aqui, ora acolá, se ateia.
Se quem tudo governa, não atalha
A mal tão sem remedio, ah triste terra,
Quem cuida que te guarda, em vão trabalha.
Os pastores mais ricos para a serra
Com seu fato e cabana vão fugindo,
No mais seguro cada qual se encerra,
Sem dó de quantos fica consumindo,
Não digo esta peçonha, a fome digo,
Que dela muitos mais estão caindo.

A medicina aconselhava que se fizesse cara alegre; os tristes e os timoratos eram alvo predilecto da moléstia.

Satisfazendo em tudo inteiramente,
Tenha esperança em Deus, e baile e cante,
Que não dana a ninguem viver contente.
Antes, segundo disse um viandante,
Passando por aqui... ora qual dia?
Foi quando casou Gil com Violante;

Este mal que chamou epidemia,
Com nojos e tristezas se acrecenta
E foge do prazer e da alegria.

O Lobo prega também o desprendimento, que aliás não pratica,
tal é o medo que dêle se apossa:

Se o homem trazer sempre o tino
No mal que se lhe oferece,
Será triste de contino;
Dizia o velho Corino
Que a dor estudada crece.

Quem dantemão considera,
Em dobro os males lhe vem,
Partido que eu não quisera,
Pois os sente quando espera,
E os padece quando vem.

Quem mais ao longe lançou
Os olhos, tem mór fadaíro,
Quem sente o mal que esperou,
E inda chora o que passou,
Faz vespéras e oitavairo.

E mais o que reina agora,
Que é de tam má natureza,
Como dizem lá por fora,
Que sempre busca a quem chora,
Tanto lhe apraz a tristeza.

(Egl. 1v).

Estoicamente deixa os céus em paz. Mais impregnado o Bernardes de piedade religiosa invoca a terapêutica divina de dois assistentes especialistas dos empestados — a virgem Maria e o mártir S. Sebastião — que adornavam outrora a sala e os livros da provedoria da saúde:

Virgem toda fermosa, toda pura,
Volvei á Lusitania olhos beninos,
Olhai nossa miséria dessa altura
E logo fugirão ares malinos:
Que se esta corrupção mais tempo dura,
Quem vos pode cantar psalmos, quem hymnos?
... Ó tu que por teu Deus foste assétado,
Martir e juntamente cavaleiro...
Se fores lá no Ceu nosso avogado,
Como na terra cá és padroeiro,
Erguendo com teu braço estes maus ares,
De novo te ergueremos mil altares.

O Falcão também clama derreado aos pés do pai celeste e dos seus santos :

Sarai, Senhor, ao povo enfermo e affito
 Desta cidade, onde vos reconhecem
 Tantos vossos fieis em carne e espirito.
 ... Comnosco os vossos santos vos invocam,
 Os vossos santos, nossos protectores,
 Sebastiãos, Antonioes e Vicentes,
 Por nós ante vós sempre intercessores ¹.

Nem assim o anjo do exterminio poupou ao gládio homicida a cerviz do pio salmista da peste.

Escapo do horrífico pesadello, as mulheres e o amor recobram os seus fóros nas églogas seguintes — VII a X — do tipo comum do idílio amatório. O que não é comum, é escrever disto que se encontra na égloga «das mudanças» ² — um pedaço de fina psicologia do coração humano, talhado ao natural em verso de agradável fluência, sem estragos de artificio:

Numa festa d'aldeia me achei já,
 Era (se bem me lembra) um casamento,
 E o noivo que eu tratei, me levou lá.
 Vi nos pais e nas mãis contentamento,
 A noiva envergonhada de alegria,
 E ele mostrava o mesmo pensamento.
 Uma irmã que cantava, outra gemia,
 Um irmão baila e outro suspirava,
 Que os mesmos desposouros pretendia.
 Um triste do que a noiva lhe tirava,
 E a irmã que no dote tinha o posto,
 Ora se finge e ora se queixava.
 Eu que cuidei que ali tudo era gosto,
 Voltei para a primeira com cautela,
 Que estava mãos dobradas, baixo o rosto;
 Disse-lhe este queixume de assim vê-la
 E sem alçar-me os olhos respondeu:
 Cada um da festa diz o que acha nela.
 Ah, como esta razão me pareceu:
 Cada um diz o que tem, sabe o que sente,
 Cuida o que teve, e chora o que perdeu.

¹ Esta torta elegia está impressa, mas não publicada, na compilação de Coimbra já referida.

² A égloga VII é encabeçada duma «carta que o auctor mandou a um amigo com a égloga seguinte das mudanças». Não traz porém tal título, que aparece na égloga VIII.

O poeta que mais ou menos se embuça atéqui nas personagens de Corino, Franco, Gil, Clorindo, na égloga ix, vimo-lo já (cap. III), desmascara-se; o Tirreno ou Lereno celebra as festas e as grandezas de Vila-Viçosa, dedicando a peça ás graciosas damas da sua côrte.

Reveste um bucolismo estreme a égloga do fecho — a «dos vaqueiros».

Dos rusticos vaqueiros guardadores,
As praticas humildes e os cuidados,
Não por arte fingidos e enfeitados,
Mas de singelos peitos amadores,
As festas das Serranas e os amores,
Os requebros e os ditos namorados,
Em este humilde estilo retratados,
Bem que do meu pincel, com proprias côres,
Lêde, Senhora...

Cheira com-efeito ao montesinho como nenhuma outra do seu género.

Assim te eu veja, Gil, livre de engano,
Assim te creça a olho a sementeira
E as vacas te deem leite todo o ano,
Que me contes aqui de que maneira
Te disse Madanela que me vira,
Quando nos viu lutar lá na ribeira.
Porque eu tenho por graça e por mentira
O que dizem por ahi por essa aldeia,
Que se fora verdade eu a sentira.

Entremeia os tercetos de cantigas de acento rural. Tais, a da Leonor ao ir para a fonte — a belíssima glosa do mote camoneano; a de Violante, não menos mimosa:

É tanta a graça que tem,
Com uma touca mal envolta,
Manga de camisa solta,
Faixa pregada ao desdem...;

e as «cantigas das Serranas»:

Donde vem Rodrigo,
Donde vem Gonçalo,
De sachar o milho,
De mondar o prado.

— reminiscência dum cantar velho:

Donde vem Rodrigo?
De mondar o trigo¹.

Põe-lhe o sainete dos brinquedos e jogos populares — uma aproveitável citação folkloresca:

... ordenam grande refestela,
Para irem dali em romaria
Á ermida do santo da portela.
Hão de bailar, hão de fazer folia,
Hão de jogar o gato repelado,
Panela, busca tres, é belo dia.

A égloga dos vaqueiros vem dar o remate à impressão deixada pelas anteriores. O bucolista esforça-se, quanto pode, por casar o metro e o estilo à humildade pastoril; atinge por vezes a feitura desartificiada, a singeleza engraçada, próprias do cenário silvestre. Essa rusticidade, reunida ao alinhamento parnasiano, seduziu justamente os críticos antigos que dentre os egloguistas peninsulares conferiam um lugar à parte ao zagal do Lis. Não desdiremos dêsse juízo. Sem desfazer aliás nas clássicas de Camões e Bernardes, nem essas nem outras aprazerão mais ao leitor moderno do que as églogas do Lobo.

VIII

Pastoral

A obra de arte capital do Lobo, a que lhe estereotipou o nome na imortalidade literária, foi a trilogia da *Primavera* (1601), *Pastor Peregrino* (1608) e *Desenganado* (1614).

Era a inflorescência mais refinada e culta do bucolismo — a *novela pastoral*, género da mais alta cotação no mercado das letras no período quinhentista e post-quinhentista, e tipo representativo da arte peninsular do renascimento que daqui se difundiu por essa Europa fora, exercendo uma hegemonia literária das mais profundas e dura-

¹ Divisei esta parelha como cantiga velha num vilancete do Caminha (Pribsch, pág. 348).

doiras ¹. Esse ciclo pastoral tem, senão por creadores, por instauradores os portugueses primeiro e os espanhoes depois; entre êles, numa pre-excelência que críticos da melhor nota não deixaram de visar, o bucólico do Lis.

A novela pastoral era um romance idealista da vida aldeã, figurada na idade de ouro: pastores de surrão e cajado, pastoras de vasquinha e beatilha, tecem e destecem intrigas de amores; lutam os corações na palpitação continua do frenesi erótico, sempre nõ tom da ternura, da melancolia, da saudade, e dos zelos, sem se desmandarem em vias de facto carnavais ou sangrentas; ali não entra a licenciosidade, porque o amor só reina platonicamente, nem há outra tragédia senão a da paixão amarga e triste dos malogrados, que desandam às vezes em orates; o scenário é o da paisagem silvestre com a comparsaria dos rebanhos da pastura; os episódios são as lutas e as justas pastoris; as vozes das personagens a da prosa meliflua, entremeada de versos de toda a casta — a lírica vária das cantigas entoadas ao som de rabel e samponha, de cornamusa e adufes.

Prato ensôso e até enjoativo para os paladares de hoje, fez as delicias de gerações sucessivas que nela encontravam a mais aprazível leitura — gostos sedições de que o moderno não tem jús a mofar. Tempo virá, por certo, em que se ha de pasmar que nos entretivéssemos em romances de aventuras e aturássemos o adultério como tema moido e remoido incessantemente em romances e dramas até ao nojo, numa fecundidade falsa a cobrir a mais derrancada das esterilidades. Ficção e convenção monótona muito embora, a bucólica transporta o leitor do mundo habitado, repugnante e baixo, ao mundo ideal e simples da virtude, da verdade e do sentimento — refúgio da fantasia contra a barbárie e as misérias da existência social, evocação encantadora dum sonho de paz e amor.

¿ Onde despontou o germe primevo da pastoral nas literaturas modernas? A novela bucólica surge logo na primeira renascença,

¹ A citar como fontes compulsadas de subsídios para o perfil crítico da novelística bucólica:

Menendez y Pelayo, *Origenes de la Novela*, vol. 1, 1905; Hugo Rennert, *The Spanish Pastoral Romances*, 1.^a ed. 1892, 2.^a ed. 1912; M. Scherillo, *La Arcadia di Jacopo Sannazaro*, 1888; Th. Braga, *Bernardim Ribeiro*, 1.^a ed. 1871, 2.^a ed. 1897, *Recapitulação*, II, 1914; D. Car. Michaelis, *Sá de Miranda*, 1885 e 1912, *Cancioneiro da Ajuda*, t. II, 1904, etc.; Ticknor, *Sp. literat.*, ed. esp. 1854; Fitzmaurice-kelly, *Sp. literat.*, ed. fr. 1904 e 1912; V. Cherbuliez, *L'idéal romanesque en France*, 1911; G. Réynier, *Le roman sentimental avant l'Astrée*, 1908; L. Lévrault, *Le Genre pastoral*, 1914; etc.

como promanação do modelo clássico fecundado pelo génio italiano: Boccaccio, estreado já no idílio do *Ninfale Fiesolano*, cria o *Ameto* (1341), alegoria pastoril, ao mesmo tempo pagã, erótica e mística, lavrada em mescla de prosa de ornato e versos líricos, entresachando as narrações e diálogos com os tercetos da nova métrica italiana. Foi a cêpa onde enxertou o Sannazaro a sua famosa *Arcadia* (1502), talhada no molde do *Ameto*, em misto de prosa e de verso, ensopado no sumo idílico espremido com paixão clássica dos antigos gregos e latinos, e maiormente do dulcíssimo mantuano, mestre predilecto do grande poeta humanista.

Rapsódia selecta do bucolismo erudito, ornada de prosa majestosa, recamada de poesia elegante e refinada, apesar da pobreza de acção e do artificio retórico, a *Arcadia* assumiu um papel capital, superior em muito aos seus méritos intrinsecos. Logrou ser o padrão assinalado e aferido de toda uma literatura que disfrutou no discurso de dois séculos preeminência europeia. Sannazaro, que tem passado por se retratar a si próprio como pegureiro, sob o nome de *Sincero*, por entre amigos e poetas disfarçados em zagais, é o patriarca sagrado dos pastoralistas. Se a *Arcadia* não deu no torrão natal, apesar da sua requintada fama, senão frutos pêcos, evoluendo logo na forma dramática de que desabrocharam como obras primas o *Aminta* de Tasso e o *Pastor Fido* de Guarini, a sua semente ao cair aqui neste chão de eleição germinou com vigor insólito. Quem operou esta reviviscência, foi o génio dum poeta, Jorge de Montemór, português de nascença e espírito, mas castelhano de pena «que deu à língua e aos valles estrangeiros o que devia ao Mondego aonde nasceu» (R. Lobo). A famosa *Diana*, lustre da literatura peninsular, é a florescência arcádica transplantada e metamorfoseada com vantagem no solo ibérico, enseivada com o humo nativo e aquecida ao sol das Espanhas.

Sobrepuiu e substituiu em grande parte a influência da *Arcadia* italiana; da sua matriz se desentranhou uma progénie novelística intra e extra peninsular. Marca o ápice do pastoralismo, e ao mesmo tempo um momento raro para nós de primado literário em que pela segunda vez, depois do *Amadis de Gaula*, interferíamos possantemente na evolução da arte mundial.

¿ Quais as influências tópicas que chocaram esta eclosão ocidental do romance zagalesco? Hugo Rennert, tocado talvez das teorias de Taine, lembra que «the climate and the warm, impressionable nature of the people, were not unimportant factors in its success, since pastoral poetry never flourished in northern countries for lack of conditions congenial to its growth». Esta carência de condições congeniais

atribuída às zonas do norte não confere bem com a receptividade manifestada em favor das novelas idílicas; ingleses, franceses e alemães consolaram-se de editar as pastorais espanholas; o bucolismo bracejou entre eles com Sidney, Spencer, Urfè, e até serôdiamente com Florian e Gessner. Certo é que esta paisagem, luminosa, quente e risonha, dos nossos campos e serras se casa admiravelmente com a musa dos idílios, tão harmónica ainda com a sentimentalidade peninsular que infiltrou toda a nossa poesia, da popular à culta, do mais belo lirismo que dar se pode. A feição mesmo mais sobresaliente do zagalismo indígena, o traço de arte e sentimento que realça hoje ainda a nossa novela pastoral, é a riqueza lírica que em nenhuma se ostenta com mais prodigalidade como na obra de Lerenó.

Outra predisposição haveria ainda na gustação dos leitores, enfiados já daqueles romances de cavalaria, tanto de nossa criação e carinho. Outro género de novela era bemvindo, *algo de nuevo*, para deleite de variação, e mórmente êste, tão antitético à bruteza das armas, embebido na doçura dos campos, amavioso e culto, próprio de tempos em que começava de imperar o amor da paz e dos gozos da civilização.

Causa mais radical desta génese novelística seria o bucolismo preexistente mais ou menos autóctono, que D. Car. Michaelis e Menendez y Pelayo tão amavelmente buscam rastrear como orientação literária definida e própria, desde os cantares luso-galaicos ao livro singular, semi-pastoral, semi-cavaleiresco do Bernardim Ribeiro, espécie de precursor do Jorge de Montemór e da sua escola.

Os trovadores galaico-portugueses sedimentaram nos cancioneiros um pujante estrato de temas vilanescos — os *cantares de amigo* e as *pastorelas*, a melhoria das suas reliquias poéticas, em que se estremou como diletante régio o nosso D. Dinis. Essa soberba racolta espelha o bucolismo indígena e castiço das ribas do Sar e do Minho, que vai transfundir-se culturalmente em Castela nas *cantigas de serrana*, tão realistas e pinturescas, do arcipreste de Hita, e nas *serranillas*, tão suavemente silvestres e montesinhas, do marquês de Santillana — o cantor delicioso da *Vaquera de la Hinojosa* de que se repercutem os ecos nas endeixas do nosso poeta da *Primavera*.

A linhagem idílica rebenta agora no Encina, o egloguista dramático, e sobretudo no Gil Vicente que o teve por precursor, «pero dejándolo a tal distancia que apenas se advierte el remedo» (Menendez y Pelayo). O vilhancico, a égloga, o auto do genial creador do teatro desenrolam o cinegrama da ambiência rústica, dos campos do Mondego e Ribatejo aos alcandores da Estrela, num himnário de cánticos hauridos na fonte viva das vozes da natureza e do povo. Logo após,

as efusões lírico-bucólicas do Miranda, do Bernardim e do Crisfal, e por fim a criação novelesca do Montemór, o pautador consagrado do género moderno da pastoral.

Salvo o interregno dos quatrocentistas, reductíveis em parte à derivação trobadoresca, todo êste *autem genuit*, do crepúsculo medieval ao arraiar da renascença, é de filiação portuguesa. O bucolismo embriona-se e parteja-se entre os montes e a gente da mais ocidental das Espanhas; seria uma forma imanente do *ethos* artístico dêste rincão.

Salta aos olhos essa propensão, êsse tique literário; mas será êle espontâneo ou imitado? A verdade é que, em todas as fases da sua manifestação, traz sempre aqui a marca aparente e indelével da importação. A própria trova galaico-portuguesa dos cancioneiros traduz imitativamente a lírica provençal e francesa.

Através dessa feição reproductiva, D. Carolina Michaelis, a cultora carinhosa e sábia por excelência do cancionero arcaico, divisa a preexistência duma arte lírica popular, sacra e profana — desabrochada na terra compostelana, pisada pelos adoradores do Apóstolo, o coração da Galisa onde as festas e romarias entretinham uma actividade poética e musical — e a persistência do coeficiente indígena a afectar as letras aristocráticas importadas, manifestado em metros nacionais ritmicos de feitio simples e despretençioso. Desta poesia popular radicalmente galega, encontra-lhe o sinête em certas formas da canção trobadoresca; assim as *pastorelas* são provençalescas, mas os *cantares de amigo* acusam a feição galiziana. Menendez y Pelayo pelo seu lado vislumbra também esses traços originais, elementos poético-musicais nativos a prestar formas e temas ao lirismo culto que as vestia ao estilo franco-provençal.

São presunções que se esteiam em relações e sugestões persuasivas; todavia na realidade, o que literariamente aparece, nem no fundo nem na forma chega para demonstrar invenção originada neste canto da península.

Mais uma vez claudicaria o sintetismo das blasonadas literaturas nacionais, como expressão psico-tópica duma região e dum povo. Veem a tornar-se nacionais, mas não nascem nacionais. Verdadeira a frase de Hennequin: «Une littérature exprime une nation, non parce que celle-ci l'a produite, mais adoptée».

Associasse-se ou não à feitura estrangeira matéria-prima nativa, pouco importa; a verdade é que cedo e fundo se nacionalizou deveras. Creou-se um tradicionalismo bucólico no tema e na técnica que não mais desaparece através de todos os avatares do género, antes transparece pertinazmente, resistindo invencível à constrição do molde

clássico e italiano. O humanismo não subjuga o Encina que traduz aliás as églogas do Vergílio, nem prejudica a espontaneidade encantadora do Gil Vicente. A feição nativista transmite-se aos primeiros fautores da égloga quinhentista que saiu quasi ao mesmo par da pena de Sá de Miranda, de Bernardim Ribeiro e de Cristóvão Falcão. Até a forma métrica reveste o cunho indígena. Não os ofuscam a tal ponto as lumieiras de Itália que larguem de mão a poética nacional. Os aprendizes do metro italiano não esquecem o cultivo do metro antigo e popular; luta e vinga a *medida velha* através da moda revolucionária. Em Portugal esta conservação reacionária operou-se quasi sem esforço; disputada em Espanha, lá mesmo démos um caudilho português, Gregório Silvestre, à causa da lira peninsular. Senão em todos, há uma manifesta inclinação dos bucolistas portugueses à *arte menor* — bem saliente no Rodrigues Lobo, cultor inexcédível da redondilha, descendo com frequência ao verso curto da endeixa, metro em que pede meças.

¿Este bucolismo lirico de feição castiça seria a fonte inspirativa da nossa novela pastoral? O romance de cavalaria, seu predecessor livresco, produto autêntico do génio nacional, entrou de eivar-se do laivo pastoril; assim no *Amadis de Grécia* (1535), continuação do *Amadis de Gaula*, vem à baila um casal de pastores, Daniel e Silvia, e o mesmo no *D. Florisel de Niquea* (1532) que na quarta parte (1558) aparece já entresachado de romances, églogas e certames de pegureiros (Gayangos, M. y Pelayo).

O pastoralismo, atéqui meramente episódico, vai absorvendo o tema cavaleiresco; a *Menina e Moça* do Bernardim acusa ainda esta hibridez, como novela semi-cavaleira, semi-pastoral; a *Diana* de Jorge de Montemór, enfim, representativa primacial do género, é já uma pastoral inteira e integrada.

«Es notable, diz Gayangos¹, que, como los romances de caballería, el romance pastoral fué introducido en España por un portugués». «No es mera casualidad», escreve por outro lado Menendez y Pelayo, «que los dos más antiguos cultivadores de este genero en nuestra peninsula sean dos portugueses, el uno en su lengua nativa, el otro en la castellana, y que uno y otro fuesen notables artifices de versos de arte menor». Declarações expressas estas de dois grandes criticos em favor do portuguesismo da novelística bucólica, revelado tanto na autoria, como nas qualidades substanciais e mórificas da

¹ Nota manuscrita à margem da *Diana* da Liv. Ticknor, encontrada e reproduzida por H. Rennert.

produção. Mas este bucolismo, mais ou menos nacionalizado na sua feição e paternidade, pouco tem de autóctono, tanto, vimo-lo já, na sua ascendência distal, como na proximal. A novela pastoral dos portugueses, qualquer que seja o laivo indígena, é de filiação italiana.

Para o Montemór, não há que duvidar dêste assento de batismo; para o seu predecessor Bernardim, o crítico mestre da Espanha não aceita semelhante parentesco. «De Sannazaro, à quien acaso no conoció, no presenta reminiscencia alguna; procede con entera independencia de el y de los demás italianos, à cuya escuela no pertenece». Não se me antolha verosimil este desconhecimento do Sannazaro. A *Arcádia* devia ter circulado largamente na península antes da tradução de 1549, em que por sinal as rimas italianas aparecem traves-tidas em versos de arte menor. Garcilasso traslada para as suas églogas versos inteiros da *Arcádia*. Era um dos livros predilectos de Sá de Miranda, que talvez em Itália tratasse pessoalmente com o autor (D. Car. Mich.), a quem a miude nomeia — *O bom velho Sannazaro* e *Aquel bom Sannazaro*. ; Como havia de desconheçê-lo o seu companheiro e amigo Ribeiro? Presume-se com alguns fundamentos que o novelista da *Menina e Moça* estanceou em Itália; e menos dúvida haverá em que também versejou à moda dos italianistas¹.

; Porque supôr-lhe desconhecidos livros tão vulgarizados nas classes lidas, como as novelas de Boccaccio, a *Arcádia* do Sannazaro e os *Assolanos* do Bembo? Não é crível. Diz bem Th. Braga: «Ber-

¹ Menendez y Pelayo desconhecia por certo esta espécie, pois pensa que Bernardim não poetou nunca senão em redondilha. Dos endecassílabos atribuídos ao poeta das *Saudades*, mencionados já por D. Car. Mich., pode tomar-se conhecimento em Th. Braga. É problemática a autoria; para algumas das peças, a meu vêr, até regêitavel. Tal o caso por exemplo da peça extraída do cancionero de F. Tomás por Th. Braga; não posso por nenhum modo crêr que essa canção seja da mesma mão do primitivo das églogas e da *Menina e Moça*. Salta aos olhos a inverosimilhança. O tipo esquisito desta canção, reminiscência da técnica trobadoresca, encontro-o em Gil Polo, sob o título de *rimas provençales*, onde Camões o foi buscar. A peça encabeçada no Bernardim pelo cancionero — que como todos os seus congêneres está longe de ser uma escritura — não passa duma produção tardia de qualquer imitador dos dois poetas. Que o Bernardim italianizasse, é em todo o caso uma presunção legítima em face dos dizeres do Sá de Miranda na conhecida égloga consagrada ao pobre amigo.

— Já depois de escritas estas linhas, a sr.^a D. Car. Mich., a quem comuniquei que não queria crêr na paternidade de tais versos atribuída ao Bernardim Ribeiro, declarou que há muito considera semelhante atribuição insustentável.

nardim... naturalmente foi levado à criação da novela pastoral, ao conhecer as narrativas italianas misturadas de prosa e verso». Fez obra do mesmo género morfológico, mas não do mesmo labor. A filogenia de livro tão singular como a *Menina e Moça* é complexa; ao influxo italiano directo associa a tradição peninsular, o idílio do Encina e do Gil Vicente, o livro de cavalaria e o romance sentimental amatório, florido em Espanha à sombra de Boccaccio, na *Carcel de Amor* de Diego de San Pedro e na *Cuestion de Amor*, novela também erótico-alegórica e prosa-poética (cf. Menendez y Pelayo). A todas estas inspirações superou a própria, insuflando-lhe um fôlego de originalidade — a história patética de amores vividos, a possessão apaixonada até à alucinação, a toada melódica da frase queixumenta e soluçante, a ansiedade melancólica dum espírito doentio a debater-se já nos pródromos da psicose que havia de arrastá-lo à geena dos orates no hospital de Todos os Santos. Um *prè-romantismo*, tal o qualifica com uma palavra feliz M. y Pelayo.

Obra assim aberrante, tinha de ficar isolada; nenhuma lhe sucedeu, a nenhuma propriamente sugeriu. Despertaria quando muito a ideia de escrever a *Diana* ao Jorge de Montemor, que naturalmente havia de conhecer o poeta e o livro das *Saudades* dado ao prelo em 1554¹. Suscitaria, sim, mas outra influência não vejo que se indície; a imitação directa que M. y Pelayo encontra no belo romance da *Diana* — *Quando yo triste naci, luego naci desdichada* — feito sobre o solau da ama de Aonia — *Pensando-vos estou, filha, vossa mãe me está lembrando* — poderá parecer a outros, a mim pelo menos, um simples caso de paralelismo².

A própria memória do Bernardim é tão diminuta que nenhum dos pastoralistas alude ao seu nome ou influência, graças por certo à sua

¹ A primeira edição da *Diana*, de data ainda não precisada, deve ter sido impressa por 1558 ou 1559 (D. Car. Mich., Fitzmaurice).

² Considera M. y Pelayo «muy significativo que solo en esta ocasion emplease tal metro». Não é assim: surpreende que a erudito de tamanha memória e escrúpulo escapasse um outro romance que se me depara na *Diana* (l. 2.^o), assim mesmo mencionado, e por sinal que com um certo boleio de romance primitivo:

Oidme, señora mia,
si acaso os duele mi mal,
y aunque no os duela el oírle,
no me dejeis de escuchar;
dadme este breve descanso
porque me fuerze a penar:
no os doleis de mis suspiros,
ni os entenece el llorar, etc.

singeleza e incultura. Só os tempos românticos, a partir de Garrett, haviam de dar a deſforra ao poeta das *Saudades*.

Outra foi a sorte da *Diana*. Elegante, artistico e refinado, recheado de excellentes versos, redigido numa prosa expressiva e harmónica, mais novelesco e menos erudito do que a *Arcadia*, o livro do Montemór despertou tal interesse que até ao fim do século se multiplicou em dezassete edições¹. Os continuadores e imitadores são chusma, tanto na península, como no estrangeiro. Em França não se contentaram com menos de quatro versões, e a sua influência imitativa vai desde a *Astrea* de Honoré de Urfé à *Estella* de Florian. Na Inglaterra traduzem-na; da sua leitura combinada com o Sannazaro sai a *Arcádia* de Filipe Sidney, e a sua sugestão vai até ao ponto de inspirar a Shakespeare. A própria Alemanha contribue com duas traduções. Nada faltou à *Diana* para consagrá-la como livro de rara celebridade e influência na literatura universal.

Na sua prole está como filha estremada a *Primavera*, a primeira pastoral portuguesa, saída a lume quarenta anos depois; nesse intervalo as letras espanholas, bem mais ricas, tinham dado de si uma linhagem brilhante de novelistas bucólicos.

O primeiro epígono georgesco é o médico salamanquino Alonso Perez, amigo e confidente de Jorge, na *Segunda Parte de la Diana* (1564) — livro pedante, medíocre, muito inferior em tudo ao modelo, à sombra do qual gozou de grande divulgação. Simultaneamente

¹ Desta extraordinária voga diz o editor Craesbeeck na dedicatória da edição de Lisboa de 1624: Na fama «que teve em vida, excedeu a quantos escreveram em Espanha, pois chegou a vêr cinco impressões da sua *Diana*, sendo tão geralmente estimada e válida que não havia casa onde se não lêsse, rua onde se não cantassem os seus versos, nem conversação onde se não engrandecesse o seu estilo».

Andava o poeta no galarim das reuniões aristocráticas, onde as duquezas o disputavam. Conta-se que um padre, no mosteiro de Leão, depois de lêr-lha o Evangelho de S. João depois da missa, acrescentou «Aora irá el mio, el qual es: que soys el más florido ingenio de España» (*ib.*).

Da mania acendida pela novela não há mais que pôr, depois desta historieta que topei no *Hosp. das letras*: Num logar principal do reino, que não nomeia, chega-se ao D. Fr. M. de Melo um dos sujeitos mais grados da terra, munido duma provisão real (!) para a decisão dum pleito travado entre êle e outro sobre se sim ou não um certo livro se avantajava à *Diana*; segundo a provisão, as duas partes nomeariam três peritos, e dado que o laudo fosse afirmativo, o corregedor da comarca perante este accordão meteria o autor do livro na posse duma quinta de dois mil cruzados que a outra parte tinha apostado por escritura publica. O illustre escritor era convidado para membro do júri, ao que se escusou, depois de vêr que a rival da *Diana* não passava duma borracheira.

aparece a *Diana Enamorada* de Gil Polo (1564), essa sim, uma continuação condigna, prosada e poetada a primor. Na mesma esteira de êxito vai *El Pastor de Filida* (1582) de Galvez de Montalvo, delicioso como poeta. Enfim, os dois nomes máximos das letras do tempo provaram a mão no género, um o Cervantes na *Galatea* (1585) com relativa infelicidade, outro o Lope de Vega na *Arcadia* (1598) com um êxito triunfante¹.

Dois anos depois, submete à licença o ensaio duma novela em vulgar, um moço-poeta de vinte anos, possuído da ambição de restituir à língua pátria a glória que Jorge levara à castelhana. Era o corifeu da escola de Coimbra, Rodrigues Lobo, desafiando a fortuna da publicidade com a *Primavera*. Sorri-lhe o êxito; o livro agrada e triunfa. Portugal tinha enfim uma pastoral sua a honrar-lhe a literatura, sem ter que invejar à castelhana.

Logo após aparecia a *Lusitania transformada* (1607) de Fernão Alvares do Oriente; e o próprio Lobo saía-se com uma réplica, o *Pastor Peregrino* (1608), e uma tréplica, o *Desenganado* (1614).

Apegara-se a novela bucólica ao geito indigena; os próprios castelhanos davam que fazer aos prelos lisboetas. A *Diana*, sôlta enfim da proibiçãõ do Index Expurgatório, editava-se nesta cidade em 1624 com o inseparavel rabo-leva do Alonso Perez; o *Pastor de Filida* de Montalvo aqui vira já a luz em 1589², e a *Galateia* do Cervantes em 1590.

Em quadra já de degenerescência veem saindo as *Ribeiras do Mondego* (1623) de Eloi de Sá Sotomaior, e os *Campos Eliseos* de Nunes Freire (1626), seguidos de maravilhas dignas se tanto da menção bibliográfica.

A novela pastoral portuguesa ilustra-se tão sómente com a obra do Lobo. O público confirmou êste dictame crítico: a *Primavera* editou-se dez vezes até meados do século XVIII. Morales tradu-la em Espanha. *It is good as the best of the spanish romances* — diz Hugo Rennert, de passagem apenas, por não se ocupar senão das pastorais espanholas; é insuspeita a qualificação. Lereno nada fica a dever ao Sireno senão a prioridade. E excede-o como poeta; é que

¹ Entram no refugio do género a *Fortuna de Amor*, de Lofrasso (1563), o *Desengano de celos*, de Lopes de Enciso (1586), *Nymphas y pastores de Henares*, de Bovadilla (1587), *El Pastor de Iberia*, de la Vega (1591), *Enamorada Elisea*, de Còvarrubias (1594), *El Prado de Valencia*, de Mercader (1600), etc.

² Tenho presentes estas edições pertencentes à livraria F. Tomás, das quais a última é uma raridade.

entre um e outro soara a lira genial de Camões, que o pastor do Lis fazia reviver.

Os oráculos de Rodrigues Lobo nomeia-os por alusão o zagal Lereno ao contar que um pastor, seu grande amigo, «peregrinando muitas partes do mundo, viu em Arcádia ás celebradas ribeiras do Erimanto, onde o famoso pastor Accio Sincero apacentava: cantou nas ricas praias do Pado e do Tibre, cujas penedias e arvoredos estão repetindo ainda agora o nome da fermosa Laura; gosou as sombras dos bosques do claro Mincio, aonde o antigo Titiro celebrava o nome de Amarilis; viu a origem do sagrado Tejo e as ricas areias do Guadalquivir, aonde o celebrado Lasso entre as ovelhas mostrou aos pastores seu illustre engenho, e aonde o namorado Syreno deu à lingua e aos vales estrangeiros o que devia ao Mondego onde nasceu» (*Primavera*, P. 2.^a, Fl. 5.^a).

Eis aí confessadas as fontes — a lírica vergiliana e petrarquista, e o idílio italo-espanhol de Sannazaro, Garcilasso e Jorge de Montemór ¹.

¿ Esse «pastor meu grande amigo» corresponderá a alguma personagem literária real? Quem primeiro me acudiu à lembrança foi o Fernão Álvares. A *Lusitania transformada*, posteriormente publicada, em 1607, depois da morte do autor que se presume ter sido vítima da peste de 1599, começa assim o argumento: — «Levado da natural inclinação de ver gentes estranhas, terras varias e costumes diferentes, Felicio, pastor, que movido das sem razões do tempo e tiranias do amor e da fortuna, converteu ao Ceo seus pensamentos, repastou um tempo suas ovelhas, pacifico rebanho, na fertil Arcadia, ribeira do famoso Erimanto, desterrando da lembrança cuidados, que tão mal a mereciam. E como uma manhã levasse ao campo a manada que apacentava, desejoso de cantar a Deus seus novos sentimentos, encontrou acaso aquela fruta, unico deposito do celebrado Menalo,

¹ Camões na égloga ao duque de Aveiro propõe-se cantar à moda do siracusano, misturando-lhe o som do mantuano:

Vereis, duque sereno, o estilo vario,
A nós novo, mas noutro mar cantado
Dum, que só foi das musas secretario:
O pescador Sincero que amansado
Tem o pego de Prochyta co'o canto
Por as sonoras ondas compassado.
Deste seguindo o som que pode tanto,
E misturando o antigo Mantuano,
Façamos novo estilo, novo espanto.

com que ornou Sincero um ramo altissimo, depois que com ella fez, cantando, abalar os montes e deter o curso das fugitivas agoas que mereceram participar do som divino, que naquele logar algum tempo lhe escutarão»¹.

Leia-se agora o trecho da *Primavera*: «Em um valle, aonde mais contente da ventura apacentei, que é deste algumas legoas apartado (fala o Lerenos nos campos do Mondego), havia um pastor, meu grande amigo, que todos por suas muitas partes estimavam e queriam: êste em sua tenra idade, desejoso de vêr muitas maravilhas, que ouvia contar das terras estranhas, deixou a patria e o rebanho de seu pai que era o mais rico e nobre pastor daquela aldeia; e peregrinando muitas partes do mundo, viu em Arcadia as celebradas ribeiras do Erimanto» etc. Impressionou-me a coincidência dêstes tópicos, muito embora os bucolistas, e nomeadamente o Lope de Vega, se deem metafóricamente por divagantes das orlas do Erimanto onde pairava o estro do mestre da *Arcádia*. É verdade que à ideia da identificação do pastor amigo do Lerenos com o Felício da *Lusitania* se opõe a naturalidade do Fernão Álvares, geralmente atribuida a Gôa. Que por lá estancou e militou, é indubitável; de que lá nascesse, não vi onde esteja provado. E não me parece muito verosimil que em Gôa pudesse aprimorar uma educação tão repassada de erudição e da cultura de línguas mortas e vivas como na sua obra se revela (Sonetos poliglóticos). Infelizmente a vida de Fernão Álvares padece da mesma desmemória que entreva a de tantos outros poetas nacionais.

Seja como fôr, do encontro dos dois bucólicos — um bem moço e outro já maduro, se é certo que em 1573 já batalhava nas fustas da India — se não há prova, há probabilidade. O Felício vem cantar entre os arvoredos que guarnecem as margens do Nabão, próximo da confluência do Zézere (Prosa 1.^a); mas antes passara «pela ribeira do claro Lena» (L. 3.^o, Prosa 5.^a). Lembra-se dos seus cantares «na ribeira do manso Lis onde também gastei um pedaço da vida», e do tempo «em que ao som das agoas do saudoso Lis tinha cantado minhas magoas» (L. 1.^o, Prosa 8.^a). Á estada e relações em Leiria prende-se a consagração affectuosa e entusiasta da novela ao marquez de Vila Real, D. Miguel de Meneses.

¿O cantor juvenil do Lena exercitaria a glote meliflua com a do cantor exótico da Arvore Triste? ¿Será êste o tal pastor? que, ao regressar de Espanha, onde «deu honrada mostra do que merecem

¹ Esta rara edição, de que há um exemplar na Livraria Palha, é muito incorrecta. Servimo-nos da edição restituída do académico P.^e Joaquim de Foyos (1781).

os engenhos da nossa Lusitania, veiu tam afeiçoado a muitas cantigas que entre elles ouviu, que ambos em o nosso lugar não cantavamos mais que à imitação do que lá ouvira; e eu, como mais afeiçoado à nossa lingua portuguesa, fui o primeiro que nela cantei romances».

Um passo da alusão desacertaria de tal hipótese; é a saída da pátria «em tenra idade» para a peregrinação pelas terras estranhas, centros da alta cultura artística. A dar crédito à biografia arrancada à pastoral, não foi em menino que Fernão Álvares arribou à metrópole, nem em menino que se foi de longada por essa Europa fora.

Mais acorde está a passagem com a suposição que me assaltou de que o Lereno vise o fr. Bernardo de Brito, no século Baltazar de Brito e Andrade, o poeta da *Silvia de Lisardo*, seu amigo atestado pela canção enaltecedora da *Monarquia Lusitana* (v. cap. iv). Esse sim que «de tenra idade» demandou Itália, onde se instruiu e abeberou em letras; já estava de volta aos 17 anos, idade em que se enclausurou no mosteiro de Alcobaça. Severim de Faria diz que o pai «de pouca idade o fez ir para Roma». Num lance porêm autobiográfico, conta o próprio escritor que por impulso seu de estudo empreendera a jornada de Roma: «Deliberado neste intento me fui na volta de Itália, mais acompanhado de pensamentos do que de anos» (Visitação Freire, *Vida de Fr. Bern. de Brito*). O que se ajusta com a frase do Lobo, «em sua tenra idade, desejoso de vêr muitas maravilhas que ouvia contar das terras estranhas, deixou a pátria e o rebanho de seu pai...».

O escolar de Roma, apesar da tinêta monástica e antiquária, viera de lá em cultura fogaosa de amor metrificado, bucolizado até à médula. Atesta essa *vis* poética a *Silvia de Lisardo*, repositório de versos de toda a casta, *in utraque lingua*, desde as trovas peninsulares de voltas e quintilhas, até ao estilo toscano, moldado em sonetos e tercetos, em églogas e epístolas. E lá estão os romances, nove romances todos em castelhano¹, próprios de quem viera «tão afeiçoado» às cantigas escutadas em Espanha «que ambos em o nosso lugar não cantavamos mais que à imitação do que lá ouvira». «E eu como mais

¹ Estes romances parecem ter passado despercebidos. A lista dos quinhentistas e dos primeiros seiscentistas que confeccionaram romances, apresentada por D. Car. Mich., não menciona o Bernardo de Brito. Este esquecimento do romancista corresponde ao que envolve o poeta Lisardo e à raridade da sua *Silvia*. Os romances veem quasi em fila, sendo o primeiro: «Carta que o Lisardo mandou a Tarifa pedindo-lhe conselho se amaria a Silvia ou a Filis:

Dime, graciosa Tarifa,
Assi Dios guarde tu gracia,
Si te parecen gratiosos
Los amores que me matan...

afeiçoado à nossa lingua portuguesa, fui o primeiro que nela cantei romances». Um ano antes do Lisardo, o Lereno amigo publicava o seu romanceiro, onde entre a lição castelhana aparece a idiomática.

Não ousou dizer que tenha decifrado o enigma, mas tão sómente que é plausível ou pelo menos apresentavel a lembrança.

Seja um, seja o outro, ou nem um nem outro, tivesse o Lobo cantado com aquêlo ou com êste ou com outrem, devesse-lhes muito embora a iniciação nas artes cultas de Apolo, a verdade é que o seu canto os deixou a assinalada distância. Se foi discípulo, veio depressa a pôr os mestres a um canto.

O Brito poetou, como era moda para todo o adolescente prendado; os versos não o envergonham, mas não foi por êles que físgou a glória, bem que lhe não faltassem apreciadores, pois que a obra se partejou em sete edições pelo menos até ao fim dos tempos clássicos. Merecia, valha a verdade, melhor menção aos praxistas da literatura, êle que é tão bom ou tão mau como outros dos que não deixaram de ser apontados no rol dos poetas portugueses.

Quanto aos dois bucólicos do Lis e do Nabão, saíram bem dissimilantes no tamanho e no feitio. Não andam longe na época da feitura: a *Lusitania* alude à inscrição posta por Gonçalo Coutinho no túmulo de Camões em 1595, e devia estar concluída antes de 1599, se é que é esta a data da morte do escritor; a *Primavera*, de que já o esboço da concepção se revela nos *Romances* de 1596, estava pronta para o prelo em 1600. Quási contemporâneos, significam todavia tendências fundamente diversas, como obras bem dispares. Fernão Alvares, escravo da erudição e da imitação italiana, tresanda ao fartum clássico e despreza toda a lira que não seja a do modelo itálico, macaqueando-a nas mais ridículas acrobacias, como a das rimas esdrúxulas, e levando as contorsões métricas até aos sonetos poliglóticos; Rodrigues Lobo desata-se quanto pode da constrição do cultualismo, dedilha com preferência de gôsto a velha arte peninsular do verso, e, desafecto aos enfeites de contrafação, inclinado de preferência à naturalidade, ama a distinção elegante unida à singeleza. Aquêlo, todo repassado do estrangeiro, é da escola da *Arcádia* que plagia em cheio, trasladando passagens e trechos (Foyos); êste, influido pela musa nacional, vai na escala da *Diana* com liberdade e independência de espírito, trabalhando a locução em verso e prosa no melhor quilate de arte.



Êstes novelistas zagalescos raro logravam pôr fecho nas suas

creações; não as deixavam acabadas a preceito, à espera de continuação ou desenlace. O Montemór, coitado, assassinado no Piemonte, não tem tempo de escrever a segunda parte prometida no fecho da *Diana*, o que provocou nada menos de três continuações, a do Alonso Perez, a do Gil Polo e a do Texeda. O Perez propunha-se imprimir prestes uma terceira parte, se Deus fôsse servido, e de que o não fôsse se lhe teem rendido graças. Gil Polo prometia também contar em outro livro o resto da história, e nomeadamente a dos pastores portugueses Danteo e Duardo. Montalvo não pôs fecho ao *Pastor de Filida*. A *Galateia*, andou trinta anos Cervantes a afirmar que havia de completá-la; próximo de morrer, ainda relembra a promessa com cuja inexecução nada se perdeu.

Ao nosso Lobo é que não faltaram tempo e ensanchas de dar à sua pastoral todo o remate desejado. No cabo da *Primavera* remetia o «seguimento das suas histórias» para o *Pastor Peregrino* que via a luz sete anos depois; e ao terminá-lo, deixava «o fim das histórias que neste livro o não tiveram» para o *Desenganado* que tardou bem quasi um novo seténio. Enfim teve ainda ensejo de passar a lima em 1619 na terceira edição da *Primavera*.

Nem as inacabadas perdiam grandemente com isso, nem esta, por dizer-se acabada, ganhou. É que o quadro novelesco duma pastoral apresenta-se em regra, vago, indefinido; a acção marcha a êsmo, transviando-se a miude em episódios mal travados; flutua e desmancha-se o entrecho a tal ponto que se perde muitas vezes o fio da narrativa, até que, quando menos se espera, o cortam com um ponto final sem mais formalidade.

É singular esta incoordenação orgânica num género de novela que se dá ares de encobrir sob o veu da alegoria casos efectivamente sucedidos com pessoas reais, e entre elas o próprio autor disfarçado em personagem de romance. O Sannazaro passa por mascarar-se na *Arcadia* em pastor Sincero, e com êle o seu editor Summonte e os dois poetas Chariteo e Pontano. Creu-se até piamente que retrata a paixão do poeta por Carmosina Bonifacio, mas Scherillo esfarrapou a lenda destes amores arcádicos, em sua opinião artificiais, calcados como são geminalmente sobre os do romance boccacciano (v. cap. II). Toda a *Menina e Moça* é um romance *à clef* com os nomes trocados em anagramas e à frente o próprio poeta (Bimnarder), sem que os demais se identifiquem ao certo¹.

¹ Th. Braga forjou já sucessivamente duas chaves do enigma, e outras mais teem surdido.

Nos livros da *Diana* nota logo no argumento o Montemór que vão «muy diversas historias de casos que verdaderamente han sucedido, aunque van disfrazados debajo de nombres y estilo pastoril»; também se lhe desconhece a interpretação, nem mesmo está provado que Sireno represente o Montemór e Diana a sua amada¹. No *Pastor de Filida* o Montalvo figura com o nome de Siralvo, no elenco vem o Cervantes (Tirsi), Gregório Silvestre (Silvano) e outras entidades conhecidas². Cervantes-na *Galateia* é Elisio com uma coorte também de poetas e amigos, Montalvo, Francisco de Figueirôa, Barahóna de Soto, etc.; diz-se que a Galateia representa a noiva Catalina Salazar. Lope de Vega adverte que é uma história verdadeira a sua *Arcádia* onde Berardo pessoaliza o poeta e Anfriso o duque d'Alba, ao tempo seu senhor. O Fernão Álvares pastoriza-se, ao que parece, em Felício; o seu editor Domingos Fernandes explica que o poeta reconta «acontecimentos do mundo por pastores disfarçados... motivo que tomou o autor destas transformações para dar a esta obra o título de *Lusitania transformada*». Às vezes intercalam como *hors d'œuvre* peças laudatórias a damas, fidalgos ou letrados, expressamente nomeados; tais o *Canto de Orfeo* no Montemór, o de *Turia* no Gil Polo, e o de *Erion* no Montalvo; na *Lusitania* o nosso Fernão Álvares entremeia duas odes ao Vila Real.

Por mim estou em crer que êste verismo apregoado das pastorais não passa duma negaça; uma isca deitada no anúncio do prólogo à curiosidade do leitor. Inculcar a fantasia pela realidade é um processo velho e novo de reclamo de novela. Tudo se reduz afinal a uma mascarada de pastores postiços, e por baixo da máscara e da vestimenta, se umas vezes não há senão manequins, outras fingem-se pessoas conhecidas com alusões a aventuras e sucessos da vida cortesã.

Dêste caracter realista alusivo não há dúvida que participa a *Primavera*, mas o veu que o encobre, cerrou-se por tal arte que já se não deixa traspassar. Seria transparente para os contemporâneos, conhecedores da vida do poeta e da crónica mundana, que a desvendar os

¹ Duvida-o Menendez y Pelayo, pois que no seu Cancioneiro aparecem distintamente por um lado Sincero e Diana, e pelo outro o *Lusitano* e a sua namorada Marfida. A heroína passa por ser uma tal Ana, de Valência de Leon, que Filipe III se diz ter chamado à sua presença ao passar ali em 1603—uma velha já, aureolada ainda pela glória de ter inspirado o prestigioso poema.

² Entre elas o lusitano Celio que se supõe ser o célebre pintor Sanches Coelho; a pastora Belisa seria a filha do pintor, D. Isabel.

sujeitos e os sucessos sob os disfarces e alegorias da novela, encontrariam mais um pico para gostosa leitura. Hoje para deslindar essas personagens e realidades através das ficções novelescas, perdeu-se o vencilho de Ariadne. Salientamos já a quasi impossibilidade dessa empresa de decifração que tanto esclareceria o texto da pastoral e a vida do bucolista.

Arvora-se o poeta em protagonista. Jorge não será o Sireno da *Diana*, mas Rodrigues Lobo sem dúvida se encarna no Lereno da *Primavera*, o pastor do Lis e Lena, «que na música a muitos do vale tinha vantagem». Êle, tal como o heroe do Montemór que «componia los dulces versos con que de los pastores de toda aquella comarca era loado», não deixa os seus créditos por mãos alheias. Com imodéstia juvenil, gaba pela narrativa fora a graça sem rival das suas trovas, fá-las aplaudir com entusiasmo por damas e às vezes com inveja pelos competidores; a cada passo enrosca na cabeça a corôa dos laureis de Apolo. Aos mimos do deus do Parnaso junta os da deusa dos Amores. Por onde passa é um destroço no coração das pastoras, derretidas pelo fascinante trovador — a Liseia, a Enalia, a Montea, a Althea, e tantas outras que enciumam os galãs ao apontar olhadas e suspiros ao Lereno, tão rendidas e arrebitadas que com todo o despejo lhe confessam amor por palavras e lhe metem na mão epístolas amorudas quando o encontram a dormir. Verdade seja que êle como o José das Escrituras larga-lhes a sanfona no regaço, e pondo-as no rego direito das afeições correspondidas, restitue-as exemplarmente aos seus requestadores. Só uma logra comovê-lo até ao extremo duma paixão louca — a *pastora do bosque*, a semi-deia da montanha encantada, que lhe surde em preparo olimpico, armada de aljava e arco, como a Felismena da *Diana*.

Se esta inominada caçadora não passa de figura fabulosa ou se os seus arreios de fantasia encobrem alguma Laura que o Petrarca do Lis tivesse platonizado com exuberância sentimental de rimas, questão é que já em seu lugar nos empenhamos em resolver sem lograr nada de positivo. Como autobiografia, da novela do Lereno não conseguimos catar senão o rasto das suas divagações pelas zonas de Coimbra e Lisboa, e entre elas a estada risonha em Penacova. De tantos figurantes que mete o entrecho e os episódios da pastoral, alguns teem todo o geito de representar amigos e relações do autor; há passagens e scenas que deixam a suspeita de alusão a coisas acontecidas. Quais foram e o que foram, só poderá sabê-lo quem encontrar *medium* que o ponha em correspondência com os espiritos de antano. Um mistério.

Lançamos já um olhar de relance sôbre a pastoral ao relacioná-la

com a biografia do Lobo; cabe agora fazer a análise completa do seu argumento ¹:

No meio dos folguedos com que a mocidade pastoril dos dois sexos, retoçando nos campos de entre Lis e Lena, festejava as entradas de verão, o Lereño, trovador de *primo cartello* naquela ribeira, ao escavar com os companheiros por baixo da pedra duma fonte, onde vira um mote, encontra inscrita em tábuas antigas a história do Sileno metamorfoseado em nascente de água por amor duma ninfa vingativa. Sem saber porquê, descêe depois do achado num alheamento triste que o leva em divagação, por entre uma lapa talhada, a um parque encantado — o tal *bosque desconhecido* — onde troncia a ignota deia que o cega de amor.

Ao esquadriñar na novela indícios da vida amorosa do Lobo, contamos já as scenas dêste idílio, cortado pelo disparate da Lisea e pela intimação da diya ao Lereño para não mais pisar as ervas do vale desconhecido. No frenesi da paixão desesperada, o pastor busca remédio junto do sábio Menalcas, que attribue a catástrofe ao fado que tinha de perseguir a quem descobrisse o segredo da história do Sileno, encantado em fonte pelos faunos da montanha. «O remedio que tens para melhorar a tua sorte e vencer a força desta desgraça é um desterro, que logo farás desta montanha em castigo da culpa que tiveste; e depois de larga ausencia, que será atalhada por permissão de tua estrella, te poderás chamar neste valle venturoso pastor». Obedecendo ao oráculo, sem mais bagagem que o rabil, surrão e cajado, diz adeus à veia do Lis, e ei-lo a calcurrear os *campos do Mondego*.

Topa de caminho outro pastor peregrino, Menandro da ribeira do Tejo, que lhe conta a história triste de seus amores. De duas formosas irmãs, uma, Montea, amava Menandro, outra Dorisa a Linceu — falso amigo, que, aproveitando-se duma ausência de Menandro, lhe rouba o coração de sua pastora. Dorisa, sentindo-se atraída pela irmã, propina umas ervas ao Linceu, que o endoidecem; ao vê-lo fóra do juízo, cai também em loucura. Por seu lado Montea desorientada desaparece vestida de pastor, e o pobre do Menandro larga atrás dela para Coimbra.

Despedido dêste penante, encontra-se logo com uma formosa ovelheira, Althea, que lhe confia a sua vida de amante abandonada por um pastor que a largara pelas aventuras de Marte.

Arma-se aqui um encruzado de intrigas amorosas. Florício, um pastor guapo, bebe os ventos por Althea que o repele, ao passo que Tirsea toda se derrete por Florício, desdenhando a seu turno os requestos de Montano. Uma noite Tirsea com o sentido nos amores perde-se no mato cheia de susto, cruza com o Montano a quem, disfarçando a voz e passando por pegureiro doutro lugar, pede guia até à aldeia próxima. O ingénuo apaixonado só lá deu tento da companhia que trouxera,

¹ O argumento da *Diana* está extratado por vários, e entre êles pelo prof. Rennert que igualmente resumiu a matéria das outras pastorais espanholas.

A *Primavera* tem três secções: I *Vales e montanhas entre o Lis e o Lena* — II *Campos do Mondego* — III *Praias do Tejo*. Cada secção está dividida em *Florestas*. O *Pastor Peregrino* é em dois *Livros* e cada livro consta de *Jornadas*. O *Desenganado* reparte-se em *Discursos*. Costa e Silva embirra com esta partição de *Florestas*, *Discursos* e *Jornadas* que não encontrou em nenhuma outra pastoral — uma frioleira do crítico. A capitulação em *Jornadas* não é nenhuma novidade; vem já do teatro do Encina e do Torres de Naharro.

e foi tão viva a impressão do lance que perdera, que endoideceu com fúria tal que houve mistér prendê-lo. Althea por seu lado abdica das suas esquivanças perante o Lereno, que, fazendo-se de novas, lhe protesta muita estima e insta com ela a que corresponda à afeição de Florício. Quando estão nestes protestos de mãos dadas, espreita-os o Florício que, tomado de ciume, increpa irado o amigo de fomentido, e larga *incontinenti* da sua vista. Magoado por esta desconfiança, Lereno deserta também do Mondego para as praias do Tejo.

Entrementes aparece-lhe Filénio, servidor tão piegas da Lisea, que se resigna ao papel de recoveiro duma carta que a pastora do Lis envia ao seu amado peregrino. Sem o conhecer conta ao Lereno a sua missão, segredando-lhe que o seu desejo é levar em resposta algum engano que desvie a inclinação da ingrata e a faça reverter em seu favor. O nosso herói, mantendo o disfarce e prometendo ajudá-lo na empresa, caça-lhe a missiva e dentro do mesmo sobrescrito mete a sua resposta; impinge a carta, como se fosse a mesma, ao parvo Filénio, aconselhando-o a dizer a Lisea que o Lereno sem a lêr a dera de presente a uma pastora sua afeiçoada.

De jornada para as *praias do Tejo*, dá com o amigo Riseu dos campos do Mondego, a quem narra o episódio dos folguedos de Penacova. Tudo se lhe passa em Lisboa em justas de cantigas, proezas de galantaria, e tricas amorosas. A turba dos enamorados vai ao sábio Astreu que um dia por ano dava despacho de oraculo aos doentes do coração. Lereno também mete o seu requerimento, assim como o Filénio, amalucado já com os desdens da Lisea. Consola-o o trovador, assegurando que nada pretende da sua pastora e fiando-lhe as melhores esperanças o sucesso dos seus amores. Ele não, que, de perseguido da ventura, protesta não voltar ao Lis, rebenta a sanfona numa pedra, larga as insígnias pastorais, tomando o hábito de peregrino. E *finis laus deo à Primavera*.

O *Pastor Peregrino*, depois de andar a monte, acordando com os seus suspiros o eco da solidão, dá de cara com um velho que, em conversa sôbre desconcertos de amor, faz o reclamo dumas aguas, há pouco descobertas no lugar, dotadas da virtude de repelir todo o engano. Escrita a pergunta com a promessa ou juramento em dúvida e deitada à água ao nascer do sol, se é mentira vai ao fundo, se é verdade vem ao de cima. E lá trepa à serra calva de verdura onde brotam as amargas águas da *Fonte do Desengano*. Na sua presença dois peregrinos, cativos da mesma Marcia, deitam cada um a sua táboa; vêem afundar uma e outra — a moçoila mentia a ambos.

Embrenha-se outra vez na serrania, até que acerta de noite com outro peregrino; e ali, no descampado e nas trevas, ambos tristes e desterrados, mutuam as confidências dos seus cuidados. Quando pela manhã dão de cara, emudeceram de espanto; era Florício, o ciumento do Mondego, desenganado agora da sua suspeita do Lereno a respeito de Althea. Apartam-se com muita efusão, presenteando Lereno ao Florício com a flauta de Camões (?) e êste àquele com o retrato da amada num medalhão.

Liga-se agora com uns pescadores, de quem ouve as scenas de amores piegas de Tugurino e Orizea, mas ao entrar numa barca deitam-lhe a mão irada dois serranos que o prendem, culpando-o da morte criminosa de Florela. Um tal Ferrino de ruins figados desposara esta pastora, a quem atraíçou logo com outra; para consumir os seus torpes designios, trata de dar cabo da legítima, incumbindo um hospede seu de propinar veneno em leite à Florela que ficou à dependura entre a vida e a morte. Este cúmplice do veneficio era com certeza o Peregrino, pois que trazia um tarro que o criminoso roubara a Florela e uma carta do mandante.

Bem protesta o inocente que o tarro lhe fôra dado por um pastor, e que, quanto ao escrito denunciador, encontrara-o ali perto enterrado na areia. Apesar da simpática intervenção da serrana Glaura, levam-no sob custódia a casa da envenenada, viva ainda, de juízo perdido pela fôrça da peçonha.

O Lerenio ministra-lhe uns golos de água da Fonte do Desengano, restituindo-lhe o tino e obtendo logo da bôca da vítima a prova da sua inocência. E toda esta tragédia termina em bem, porque o Ferino logra de arrependido o perdão de todos, e promete guardar até à morte inteira fé à sua Florela.

Novo episódio — o de Cismonte e Elio, amigos íntimos, amando ambos sem saber um do outro a Dinarda; quando Cismonte se vai casar às escondidas com a pastora e lhe apresenta o companheiro, é que se descobre a meada. O Lerenio aconselha-os a que entre si a desfiem — «mal de amor que amigos entre si não remedeiam, poucos medicos o curam».

Segue-se a vez duma pastora martirizada por um tal Hircanio que vai vingando em todas o mal que uma lhe fizera — a mulher que pretendeu mata-lo e ainda por cima teve artes para o ter encerrado na cadeia, como autor da morte dum creado que a própria megera assassinara. Ao descobrir que a desventurada é aquela Montea que por culpa dos seus desvarios divagara em hábitos de pastor, certifica-a que o seu Menandro lhe mantem a afeição, e larga com ela nas pisadas do apaixonado. Ao cabo dum dia de marcha, a volúvel Montea por suspiros e palavras trata de seduzir o guia, desprendida já do encalço do Menandro. Mas o Lerenio, frio e impassível, nem por um momento larga o fito de restitui-la ao leal amante.

Alcançam a cidade em dia de festa, toda em movimento e galas, e vão dar a uma praça onde umas damas que à janela discreteavam com os galãs em teses de amor, ao verem os dois rústicos, mandam-nos subir e entreteem-se a ouvir-lhes as respostas a quesitos intrincados de coração. Nisto passa o Menandro, o Lerenio vai-lhe na peugada e trá-lo à sua Montea, que, restituída ao traje do sexo, entra em desposórios com grandes folganças da pastorada.

Errante sempre, vai parar o Lerenio à beira duma lagôa de maravilhosos efeitos: «lavando-se nela quem endoideceu de amores, torna logo a cobrar seu antigo juízo», que aliás não deve ser muito.

Andam por ali os pobres orates cometendo desatinos, com muito enternecimento do Peregrino a quem um dêles à fina fôrça queria pregar com os ossos no charco. Surdem naquela mó de alienados, Montano, Tirsea e Linceu que se tinham endoidecido uns aos outros, e recuperam o siso e a felicidade, graças às aguas feiticeiras e à ajuda amiga do Lerenio.

Topa agora um peregrino, Oriano, pessoa de alta criação, que, desertado da pátria por amor da nobre donzela Nisarda e pretendendo embarcar para terras estranhas, engaja o Lerenio para companheiro.

Chegados ao porto, largam num navio que fazia rumo para os mares do Levante. Desencadeia-se a tormenta, desgoverna e destroça-se a embarcação; no aperto do naufrágio, passa uma nau de maior porte que recolhe mercantes e passageiros num batel. Salva-se assim o Oriano, mas o Peregrino cái ao pégo; ora agarrado aos destroços, ora nadando, ganha enfim a praia da foz do Lis.

O *Desenganado* toca às aventuras do Oriano, o companheiro de naufrágio, escapo no navio salvador, onde se lhe depara a amada Nisarda. Entram na enseada duma ilha, desembarcam a menina e o seu séquito, mas Oriano fica a bôrdo que não tarda a ser invadido por um famoso corsário que ali arribara com o navio desbaratado. Faz-se ao mar o pirata, levando o Oriano, a quem trata belamente; êste na primeira aguada fica em terra, mete-se com vários zagais, até que dá na *Cova*

do Segredo — uma paragem cheia de estranhezas e alegorias, onde lhe aparece de novo o bom Lereno, com o qual visita uma enfermaria de namorados.

Giram de braço dado para a ilha onde troneia a esplendorosa Nisarda, que, consumida por mal íntimo, vem de romaria a uma ermida de muita devoção dos guardadores. O infalível medianoiro Lereno, depois de pompear as prendas, acha meio de escrever-lhe uma carta a que junta o retrato de Nisarda. Esta, ao vê-lo, cuida que é o corsário que roubou o navio e manda-o prender. Levanta-se grande alvoroço, mas afinal tudo se aclara, rematando pelo feliz casório de Oriano e Nisarda.

O Lereno põe ponto na vagueação aventureira: desenganado de vez, refugia-se na «sua humilde cabana à vista dos arvoredos silvestres e dos penedos duros».

(*Continúa*)

RICARDO JORGE.

História de Nala e Damayanti

(EPISÓDIO DO MAHABHÁRATA)

PREFÁCIO

A opulenta literatura sanscrita possui numerosas epopeias de várias espécies e diverso valor; duas, porém, são as principais e primárias, e ao mesmo tempo fecundo manancial de muitas obras poéticas modernas: o *Ramáyana* e o *Mahabhárata*.

O *Ramáyana* é uma epopeia no sentido rigoroso, com a unidade de acção sempre saliente e coesão de todas as suas partes homogêneas, sem grandes e freqüentes divagações; produto de um só poeta — Valmiki. Trata, como indica o título, da expedição de Rama à ilha de Ceilão. Assemelha-se notavelmente à *Iliada*.

O *Mahabhárata* é propriamente uma vasta enciclopédia, de mais de 200.000 versos, destinada especialmente à instrução moral da casta militar, na qual episódios e sub-episódios — muitos dêles poemas independentes e tratados didácticos — se sucedem uns aos outros, ligados pelo ténue fio de enrêdo da rivalidade e guerra sangrenta entre as duas dinastias aparentadas dos Cúrus e dos Pândavas, descendentes de Bhárata, filho da célebre heroína dramática Xacuntalá. Como tal, abrange um dilatado ciclo, é uma vasta congérie de composições de diferentes poetas de muitas gerações, *arranjada* em um corpo por Crixna Duaipáyana, que, por isso, é conhecido por *Vyasa*.

Dois episódios dêste gigantesco monumento literário atraíram, dum modo particular, desde o princípio a atenção dos sanscritólogos europeus: o *Bhagavad-guitá* e o *Nalopakhyana*. O primeiro é talvez o produto mais sublime e metafísico do espírito humano. Dêle faz o abalisado orientalista Emilio Burnouf a seguinte apreciação: «Este livro é provavelmente o mais belo que saiu da mão dos homens. Jamais se enunciou com mais fôrça a Unidade do princípio absoluto das coisas, essência e ponto culminante da filosofia indiana. Daí decorre uma moral que nunca foi sobrelevada, moral não sómente teórica, mas prática por excelência, que une os mais nobres affectos

da natureza humana à lei estoica de desinterêsse. Convêm que leamos êste livro e nos nutramos dêle. Temos disto grandíssima necessidade. Vêr-se há que houve homens que pensaram melhor do que nós e que traçaram o caminho da salvação»¹.

O canto de Nala recomendá-se por mais de um titulo: pela sua remontada antiguidade, pela sua relativa integridade, pela sua fascinante beleza, pela sua imensa popularidade, pela sua affectividade ora suave, ora patética, pela simplicidade de costumes que fielmente retrata, pelo intenso tom de moralidade de que está impregnado. É além disto, pelo seu assunto, de flagrante actualidade em todos os tempos e lugares.

O seu argumento é o seguinte: Um rei de Nixadha chamado Nala, modelo de príncipe perfeito e especialista no manejo de cavalos, mas apaixonado pelo jôgo de dados, casa em um concurso público de pretendentes, no número dos quais entram os principais deuses védicos, com a princesa Damayanti, pérola das mulheres, com quem vive em delícias por muitos anos.

Possesso do despeitado génio do mal, Nala aventura no jôgo com seu irmão todos os seus bens e até o seu reino, e perde tudo. Bannido do país, só com o fato que trazia no corpo, anda foragido pelas florestas em companhia da sua fiel consorte, de que, num ataque de frenesi, se separa quando ela dormia em um caravançará. Proseguindo o seu caminho e milagrosamente metamorfoseado em feio anão, apresenta-se ao rei de Oude, peritíssimo em dados, o qual o emprega por seu cocheiro.

Damayanti, acordada, não vendo o marido a seu lado, percorre os arredores do caravançará, e é presa por uma giboia, de que a livra um caçador. Errando por montes e vales, apostrofa em linguagem grandiloqua e enternecedora, animais, árvores, montanhas, ascetas e caravaneiros com respeito a seu esposo. Chega enfim à côrte dum monarca, cuja mãe a recolhe por comiseração. Reconhecida por um emissário de seu pai, regressa à sua pátria, e envia exploradores para saberem de seu marido. Em virtude das informações obtidas, suspeita Nala no desfigurado cocheiro e convida o soberano de Oude ao seu segundo concurso nupcial.

No meio do longo trajecto, que só Nala podia percorrer no curto prazo, troca êste com o rei a sua equistria pela arte de dados, e fica imediatamente livre da possessão. Reconhecido, em consequência de vários indícios, por sua mulher, que prova sobrenaturalmente a sua fidelidade, reassume a figura própria. Volta ao seu reino, torna

¹ *La Bhagavad-Gitâ*. Paris, 1895.

a jogar com seu irmão, recobra tudo que tinha perdido, e passa com Damayanti o resto da vida em plena felicidade.

Este conto, cujo núcleo histórico mais se aproxima do período védico que do épico e deve datar de uns oito séculos antes de Cristo, é narrado (no 6.º capítulo do Livro III) pelo sábio Vrihadáxua para consolar Yudhixthira, que, por idêntica paixão de jôgo, havia perdido o seu trono e vivia em exílio.

Desde aqueles remotos tempos Damayanti e Sitá, mulher de Rama, são os protótipos mais perfeitos que a imaginação poética idealizou, e que ainda hoje na Índia o sexo feminino árico se propõe imitar como supremos modelos nacionais, empenhando-se por alcançar a maior glória da mulher casada, o epíteto de *Sáti*, «esposa real, esposa verdadeira, esposa boa». Que maravilha, pois, que a mulher hindu brilhe pela sua dedicação conjugal e leve a sua indissolúvel fidelidade ao excesso de se imolar na pira que consome o cadáver do marido, se «o marido é o seu melhor adôrno, o seu deus da terra»?

Não admira, por tanto, que o primoroso poema de Nala e Damayanti — joia literária de elevado quilate, pelo seu assunto, tom e estilo empolgante — causasse enlêvo aos orientálistas e lhes merecesse profusos encómios¹, fosse reproduzido, traduzido e comentado em diversos idiomas europeus, e adoptado nas principais universidades para o ensino da filha primogénita da família linguística indo-europeia.

A primeira edição do texto, com versão latina (*verbatim*) e notas, foi publicada por FRANCISCO BOPP em 1819. RUCKERT verteu-o em 1827 em alemão com bastante fidelidade, e posteriormente muitos dos seus patricios. HIPÓLITO FAUCHE trasladou-o, com certa liberdade, para francês juntamente com o *Mahabhárata*. HENRIQUE MILNER traduziu-o em verso inglês solto. JORGE BÜHLER, MONIER WILLIAMS, TOMÁS JARRET, HERMANN KELLNER adaptaram-no ao uso de escolas com copiosos glossários. O conde Ângelo de Gubernatis dramatizou em italiano a lenda de Nala; e o nosso orientálista Vasconcelos Abreu interpretou os cinco primeiros cantos, acompanhando-os de numerosas anotações gramaticais, no seu *Vocabulário Sanscrito e Português*. JOÃO PEILE publicou um volumoso comentário filológico para o uso de estudantes clássicos.

O Sr. Dr. ALFREDO ANSUR, que de há dois anos se dedica, nas horas vagas, ao estudo de sanscritologia, tanto se deixou seduzir pelos encantos do episódio de Nala e porfiou em instar comigo, que

¹ Vide os elogios de Carrière, Schlegel, Scherr, Lobedanz e Benfey na introdução de KELLNER, *Das Leid vom Könige Nala*. Leipzig, 1885.

por fim conseguiu que eu o trasladasse para portuguezs, com o intuito de vêr divulgado e exercendo benéfica influência na sociedade portuguesa um dos tipos mais modelares de dedicação e fidelidade conjugal, incomparavelmente superior ao da grega Penélope ¹.

É fácil a um sanscritista mediano entender e explanar as epopeias indianas. A sua tradução, porém, em línguas europeias, particularmente românicas, oferece certas dificuldades. Se faz uma versão literal, espelha o autor e favorece os escolares, mas não ministra leitura clara e atraente para o passatempo do leitor ordinário. Se opta por uma interpretação demasiado livre, acomodando-se com a índole da língua, dá sómente uma noção genérica da obra, desnatura o original, tira-lhe o cunho da antiguidade e o perfume oriental. Seguir um justo meio termo é tarefa algo difficil.

Eu, de minha parte, com receio de ser *traditore, non traduttore*, prefiro cingir-me rigorosamente ao texto, às vezes com sacrificio da vernaculidade da linguagem, e retratar fielmente, quanto possível, a mente e o modo de dizer do autor, como o fiz na tradução do fabulário Hitopadexa ². Tenho para mim que a interpretação de antigas obras orientais deve ser como a versão latina da Biblia.

Ainda assim, como muito bem observa o Sr. ARTUR MACDONELL, professor da universidade de Oxford, «é impossivel ao próprio escolar sanscrito que não viveu na Índia apreciar completamente os méritos desta poesia, e muito mais aos que a conhecem tam sómente por suas traduções». Um sanscritólogo, conhecido do referido escritor, estava tão imbuído do espírito desta poesia, que não era capaz de achar prazer em nenhuma outra ³.

Tomei por norma da minha tradução a lição do texto seguida por MONIER WILLIAMS, com pouquíssimas e ligeiras variantes, que me pareceram indispensáveis. Tive também à vista a edição do *Mahābhārata* de Calcutá (1834-1839), e as do episódio, de BOPP, BÜHLER e KELLNER. Dêste modo será de muito proveito aos estudantes de sanscrito o presente trabalho. Não o sobrecarreguei, porém, de grande quantidade de anotações elucidativas, para não interromper

¹ «Não só porém na Índia, também nos países da civilização ocidental se canta e se fala de Nala e da sua fiel esposa. Na Alemanha, onde, além das cinco edições assás largas da magistral obra de RUCKERT, outras traduções livres, relativamente inferiores, de BOPP, KOSEGARTEN, MEIER, HOLTZMANN e LOBEDANZ teem assegurado ao poema vastíssima vulgarização, é o conto tam popular, que foi até introduzido nas bibliotecas juvenis para uso e proveito da mocidade». KELLNER.

² *Hitopadexa ou Instrucção Util.* Lisboa, 1897.

³ *A History of Sanskrit Literature.* London, 1905.

amiúde o fio da história e para evitar o aparato sciéntifico, que enfiaria o comum dos leitores.

CANTO I

Fala dos cisnes

VRIHADÁXUA disse:

Era uma vez um valente e formoso rei chamado Nala, filho de Virassena, o qual possuía todas as virtudes desejáveis e era destro no manejo de cavalos ¹.

Estava à testa dos soberanos dos homens, tal como o rei dos deuses ²; muito acima de todos, qual o sol, por seu esplendor.

Era um herói piedoso e verídico, versado nos Vedas ³, monarca do país de Nixadha ⁴, amante do jôgo de dados ⁵, e poderoso chefe de grande exército.

Era querido dos homens e das mulheres, liberal, refreado dos sentidos, protector do povo, o melhor dos archeiros, como se fôra presente o próprio Mánu ⁶.

Semelhantemente, em Vidarbha ⁷ vivia Bhima, herói de formidável pujança, dotado de todas as virtudes, mas não tinha filhos e desejava tê-los.

Com muita perseverança envidava êle grandes esforços para conseguir prole. Foi quando o visitou um *ríxi* bramane, chamado Dámana ⁸.

¹ A perícia em manejar os corceis de tiro era uma prenda militar de alta valia na antiga Índia, quando os carros desempenhavam um papel importante na guerra.

² Indra, Júpiter do panteon védico.

³ Livros sagrados dos hindus, que se crê conterem a revelação divina primitiva. São quatro: *Rigveda*, *Samaveda*, *Yajurveda* e *Atharvaveda*. O *Rigveda* é o monumento literário mais antigo da família indo-europeia.

⁴ Reino situado ao sul de Oude, na Índia central.

⁵ Aos olhos do moralista indio, isto não é virtude, é vício, que data dos tempos védicos, muito generalizado, especialmente entre a classe militar. Mas no presente caso, é, como nota KELLNER, um cumprimento a Yudhixthira, um dos heróis de *Mahabhárata*, que tinha idêntica paixão. Vid. *Influência do vocabulário port. em línguas asiáticas*, pelo autor, s. v. *jôgo*.

⁶ Ente mitológico: pai do género humano e o primeiro legislador dos hindus.

⁷ País ao noroeste de Bengala, o moderno Berar.

⁸ *Brahmarxi*, isto é, santo da casta bramânica. As outras duas classes de *rixis* são: *devárxis*, «rixis divinizados», de superior categoria; e *rajárxis*, «rixis riais», reis, que por suas austeridades alcançaram o grau de rixis.

Ávido de descendência e conhecedor dos deveres, Bhima, acompanhado da rainha, satisfez o gloriosíssimo com galharda hospitalidade.

O preclaro Dámána, penhorado pelo tratamento, concedeu a êle e a sua mulher uma graça: uma filha, Damayanti, pérola das donzelas, e três nobres filhos: Dama, Danta e o insigne Dámána, adornados de todas as virtudes e de valor terrífico.

A esbelta Damayanti por sua beleza, lustre, porte, graça e boa fortuna obteve celebridade em todo o mundo.

Quando ela chegou à adolescência, formaram-lhe côrte cem escravas vistosas e cem companheiras, como se fôra Xachi ¹.

A filha de Bhima, perfeita de corpo e enfeitada com todos os adereços, brilhava no meio das damas de companhia, qual relâmpago da nuvem fertilizadora ².

Prendada de exímia formosura, como Xri de olhos rasgados ³, nem entre os deuses, nem entre os Yacxas ⁴, nem entre os outros homens se viu beldade tal ou constou que existisse. A linda menina perturbava o espírito dos próprios deuses!

Também Nala, o mais illustre dos homens, sem par na terra entre as gentes, era por sua formosura qual Candarpa ⁵ em figura humana.

Arrebatados de entusiasmo, ençareciam freqüentemente Nala diante de Damayanti e esta perante o rei de Nixadha.

Assim nasceu o mútuo amor de ambos, que se não tinham visto, mas que ouviam constantemente o elogio das suas virtudes; e a sua paixão se foi desenvolvendo.

Então Nala, não podendo reprimir o amor no seu coração, foi secretamente à tapada contígua ao gineceu, e esteve sentado.

Eis senão quando viu uns cisnes decorados de ouro, e apanhou uma das aves que vagueavam no recinto.

Imediatamente a ave disse a Nala com voz humana: «Não me mates, rajá, vou prestar-te um serviço agradável. Louvar-te hei, rei de Nixdha, de tal modo em presença de Damayanti, que ela jamais pensará em outro homem senão em ti».

Ouvida esta fala, o monarca soltou o cisne, e logo as aves levantaram vô e foram para Vidarbha.

¹ Mulher do deus Indra.

² «Mulheres formosas são amiúde comparadas na poesia hindu ao relâmpago, que, como precursor da estação invernos, se considera como objecto de desejo e de admiração». MONIER WILLIAMS.

³ Xri ou Laxmi é deusa da beleza.

⁴ Semideuses, ministros de Cubera, deus da riqueza.

⁵ Cupido indiano.

Chegados a esta cidade, baixaram os aligeros ao pé de Damayanti; e ela olhou para os bandos.

E quando, rodeada de suas numerosas companheiras, observou as suas maravilhosas formas, ficou fascinada, e correndo pressurosa, tentou apanhar os atravessadores do ar.

Ora os cisnes espalharam-se por todas as partes do jardim do gineceu, e as damas, uma a uma, correram atrás dêles.

Mas o cisne que Damayanti correu a agarrar, emitindo voz humana, disse-lhe: «Damayanti, há em Nixadha um rei chamado Nala; semelhante aos Axuins ¹ em beleza, não tem par entre os homens.

«Se tu, egrégia dama, fores sua mulher, frutifero há de ser o teu nascimento e essa beleza, donzela de lindo talhe.

«Pois nós temos visto deuses, Gandharvas ², homens, serpentes e Racxassas ³, e nunca foi por nós visto outro semelhante.

«Tu és a pérola das mulheres, e Nala é o mais excelente dos varões. O consórcio da mulher tão distinta com o homem tão insigne seria venturoso».

A êste discurso do cisne Damayanti respondeu: «Também vai tu dizer isso mesmo a Nala».

«Pois sim», respondeu a ave à princeza de Vidarbha; e voltando outra vez a Nixadha, referiu tudo a Nala.

CANTO II

Nala como mensageiro

VRIHADÁXUA disse:

Ouvida a fala do cisne, Damayanti desde então não estava mais em si, estava absorta em Nala.

Daí por diante pensativa, melancólica, definhada, descorada de rosto, não fazia senão gemer.

Engolfada em scisma, com os olhos levantados para o céu e o aspecto de desvairada, pálida, em um instante teve o coração preso de amor.

¹ Dois formosos cavaleiros, médicos dos deuses, os quais precedem a Aurora, como os Dióscoros ou Castor e Pólux da mitologia greco-latina.

² São semideuses ou anjos, que habitam no céu de Indra e formam a orquestra no banquete dos deuses.

³ São uma espécie de espíritos malignos, que perseguem os homens e estorvam os sacrifícios aos deuses.

Não encontrava já prazer em deitar-se ou em sentar-se ou em comer; não dormia nem de noite nem de dia, sómente chorava, desfazendo-se em soluços.

As companheiras de Damayanti vieram a saber por indícios que ela com tal fisionomia não se achava no seu estado normal, e foram dizer ao soberano de Vidarbha que sua filha se sentia mal por causa do rei Nāla.

Logo que o rei Bhima ouviu o que referiam as companheiras de Damayanti, ponderou que o assunto relativo a sua filha era momentoso: «Porque é que parece que minha filha não se sente agora perfeitamente bem?»

E quando o monarca considerou que sua filha já tinha chegado à nubildade, concluiu que tinha de cuidar do *suaiánvara*¹ de Damayanti.

Em seguida o soberano Bhima convocou todos os reis da terra, dizendo: «Vinde, ó heróis, tomar parte neste *suaiánvara*».

E todos os rajás, que tiveram conhecimento do *suaiánvara* de Damayanti, se dirigiram para a cõrte de Bhima, em consequência da sua proclamação, enchendo a terra de rebulício de elefantes, cavalos e carros, e de vistosos e bem equipados exércitos, enfeitados com grinaldas variegadas.

Bhima, de possantes braços, fez aos magnânimos príncipes con-digno acolhimento, e êles ali se instalaram bem tratados.

Neste meio tempo dois inclitos *rixis* divinos, de grande alma, peregrinando na terra, partiram daqui para o mundo de Indra.

Eram Nārada e Párvata, muito doutos e exímios ascetas. Entraram no paço do rei dos deuses, sendo muito festejados.

Depois de os ter cumprimentado, Indra, supremo senhor, perguntou-lhes se era perfeita a sua saude e indefectível o seu bem-estar.

NĀRADA disse:

Deus Indra, soberano senhor, o nosso bem-estar é completo, e no mundo inteiro todos os reis vão bem, senhor!

VRIHADĀXUA disse:

Ouvidas as palavras de Nārada, o matador dos demónios Vala e Vritra perguntou:

«Os justos regedores da terra, que, desprezando a sua vida, com-

¹ Escolha de noivo, feita por uma princeza em concurso público dos pretendentes à sua mão.

bátem com as armas na mão, e que em tempo oportuno caminham para a morte sem desviar o rosto, e dos quais é, assim como de mim, êste paraíso, esta Vaca de abundância¹; onde estão êsses guerreiros, êsses heróis, que os não vejo entrarem aqui, os defensores da terra, meus dilectos hóspedes?»².

A esta pergunta de Indra respondeu Nárada:

NÁRADA disse:

Ouve-me, Indra, o motivo por que aqui se não vêem os soberanos da terra: O monarca de Vidarbha tem uma egrégia filha, que se chama Damayanti, e que em beleza excede todas as mulheres do mundo.

Brevemente se celebrará o seu *suaiánvara*; e é para aí que se encaminham todos os reis e príncipes.

A ela, que é a pérola do mundo, os soberanos a requestam e esperam alcançar, cada um de seu lado, ó destruidor dos demónios Vala e Vritra!»!

Ora estando êle a falar nisto, os guardiães do mundo³, acompanhados de Ágni⁴, os mais inclitos dos Imortais, compareceram perante o rei dos deuses.

Ouviram então todos o grandioso discurso de Nárada, e extasiados com as suas palavras, exclamaram: «Oh! vamos lá nós também».

Partiram imediatamente todos para Vidarbha com os seus cortejos e veículos, do mesmo modo como os soberanos da terra.

Também o rei Nala, quando teve notícia do concurso dos rajás, pôs-se a caminho, cheio de entusiasmo e apaixonado por Damayanti.

Entretanto os deuses, no seu trajecto, avistaram Nala, que estava sôbre a superfície da terra, como se estivera presente em corpo o deus do amor com a sua perfeita beleza.

Os guardiães do mundo, mal que o viram radiante como o sol, estacaram desvairados pelo assombro da sua primorosa formosura.

Os celícolas fizeram logo parar no firmamento os seus carros automóveis, e descendo da abóboda celeste, disseram ao monarca de Nixadha:

¹ *Camadhuc*, vaca fabulosa — uma espécie de cornucópia — que satisfaz todos os desejos, e à qual Indra compara o seu reino.

² O militar morto no campo da batalha era transportado por ninfas para o céu de Indra.

³ São oito divindades, inferiores à tráfade hindu, as quais presidem aos quatro pontos cardinais e aos quatro intermédios.

⁴ Deus do fogo. Cp. lat. *ignis*.

«Olá! olá! Senhor de Nixadha, imperador Nala! Tu és adicto à verdade; presta-nos pois teu auxílio: sê nosso mensageiro, ó preclaro varão!»

CANTO III

Missão divina de Nala

VRIHADÁXUA disse:

«Fa-lo hei», prometeu-lhes Nala, e aproximando-se com as mãos postas em vénia, perguntou-lhes: «Quem sois vós, senhores? e quem é aquele para quem se quer que eu seja mensageiro? e qual é o serviço que vos tenho de prestar? Narrai-mo conforme a verdade».

A estas palavras do monarca de Nixadha respondeu Indra: «Sabe que nós somos Imortais, vindos cá por amor de Damayanti.

«Eu sou Indra, êste é Ágni, estoutro é o senhor das águas¹, e aquele, ó monarca, é Yama², que põe termo à vida dos homens.

«Vai tu participar a Damayanti a nossa vinda: «Os guardiães do mundo, o grande Indra e outros, veem à assembleia com o desejo de te ver. Os deuses Indra, Agni, Várana e Yama pretendem a tua mão; escolhe pois qualquer dêsses deuses para teu noivo».

Quando Indra proferiu tais palavras, Nala replicou juntando as mãos com acatamento: «Tende a bondade de me não deputar a mim, que venho com o mesmo intuito!

«Como é que um homem enamorado pode ter animo de dizer à mulher tal coisa a favor doutrem?... Poupem-me, por tanto, os soberanos senhores!».

OS DEUSES disseram:

Já te ouvimos dizer, rei de Nixadha: «Fa-lo hei!»! Como é que o não farás agora?... Vai, parte sem tardança!

VRIHADÁXUA disse:

À vista da resposta dos deuses, o rei de Nixadha observou: «Estão bem guardados os paços, e como posso lá entrar?»

«Hás de entrar!» — volveu-lhe Indra. «Está bem», respondeu êle, e encaminhou-se para a residência de Damayanti.

¹ Várana, Neptuno indiano.

² Personagem correspondente a Plutão.

Viu lá a princeza de Vidarbha, cercada da comitiva das amigas, rutilante no seu corpo e primor de formosura; muitíssimo delicada nos seus membros, de talhe esbelto, de lindos olhos; parecia que ofuscava com seu esplendor a luz da lua!

Apenas viu êle a virgem de suave sorriso, o seu amor recresceu; desejoso porém de proceder com lialdade, reprimiu a sua paixão.

Perturbadas à vista do rei de Nixadha, as donairosas damas saltaram dos seus lugares, enlevadas da deslumbrante formosura dêle.

Enamoradas e cheias de assombro, exaltavam Nala; e não lhe diziam palavra, mas adoravam-no em o seu coração:

«Oh! que primor! Oh! que donaire! Oh! que pujança dêste magnânimo varão! Quem será êle!? Um deus, um Yacxa ou um Gandharva?!».

Arrebatadas pela sua beleza e dominadas de pejo, as gentis damas não foram capazes de lhe dirigir uma só palavra.

Foi Damayanti quem falou ao herói Nala, correspondendo primeiro com um sorriso ao seu sorriso, e dizendo surpreendida:

«Quem és tu, que no teu corpo não tens nem um senão, e que excitas o meu amor?! Apareceste como um Imortal! Desejo saber de ti, herói imaculado: Como é que aqui entraste? Como não foste visto?! Pois é bem guardada a minha morada, e o rei é muito rigoroso nas suas ordens!».

Dêste modo interrogado pela princeza de Vidarbha, Nala respondeu:

NALA disse:

Fica sabendo, ditosa dama, que eu sou Nala, vindo cá por mensageiro dos deuses. Requestam a tua mão os deuses Indra, Ágni, Váruna e Yama: escolhe, beldade, um dêesses deuses para teu noivo.

Foi por seu poder que eu aqui entrei sem ser visto; ninguém me viu ao entrar, e por isso ninguém me impediu.

Eis a missão para que me enviaram, venturosa senhora, os supremos deuses; sciente da mensagem, toma, linda virgem, a resolução que te aprouver.

CANTO IV

Missão divina de Nala

VRIHADÁXUA disse:

Rendido preito aos deuses, disse Damayanti a Nala a sorrir: «Ama-me, rajá, com toda a fidelidade. Que deverei fazer por ti?»

«Pois eu, com toda quanta riqueza tenho, sou tua; dá-me teu amor lial, meu senhor!

«O que me disseram os cisnes traz-me inflamada, monarca; é por tua causa, herói, que fiz convocar os rajás.

«Se tu, meu orgulho, me rejeitares a mim, que te idolatro, valer-me hei, por teu amor, de veneno, de fogo, de água, de laço de corda!»

A estas palavras da princeza de Vidarbha respondeu Nala: «Tendo tu por pretendentes os guardiães do mundo e como é que optas por um simples homem?

«Eu não valho o pó dos pés desses poderosos senhores, criadores do mundo; fixe-se nêles o teu coração.

«O mortal que comete ofensa contra os deuses incorre na morte. Salva-me, primor de beleza! prefere os deuses supremos.

«Desposa os deuses e frui vestes imaculadas, esquisitos adornos e variegadas grinaldas divinais!

«Que mulher deixaria de escolher para seu espôso aquele senhor dos deuses, consumidor dos sacrificios, que, comprimindo a terra inteira, a torna a comer?!¹.

«Que mulher deixaria de escolher para seu espôso aquele por medo de cuja vara punitiva todos os seres do universo por junto cumprem os seus deveres?!².

«Que mulher deixaria de escolher para seu espôso o grande chefe de todos os deuses, o justiceiro, o magnânimo, o flagelo dos Dáityas e Dánavas?!³.

«Acabe-se com a trepidação do espírito, se julgares convir-te Váruna de entre os guardiães do mundo: atende ao conselho de quem te quer bem».

O rei de Nixadha concluiu o seu discurso, e Damayanti respondeu com os olhos debulhados em lágrimas, produzidas pela angústia:

«Eu rendo o meu culto a todos os deuses, ó rei da terra! mas é só a ti que escolho para meu marido: é verdade o que te digo».

Então o rei retorquiu à donzela, que estava trémula e de mãos postas: «Tendo vindo na qualidade de mensageiro, ditosa virgem! e como ousarei tratar nisto da minha causa?

«Como é na verdade que eu, depois de ter expressamente prome-

¹ Aqui há trocadilho na dupla função de *Ágni*, que, como fogo material, destroi a oblação, que representa a terra em ponto pequeno, e como deus do fogo, a recolhe ou «come», sendo que a oferenda é o alimento dos deuses.

² Yama, juiz dos mortos, ou, como pretendem alguns intérpretes, Váruna, a quem, em rigor, convêm melhor a perífrase, mas que é abaixo menciona-lo.

³ São Titães da mitologia hindu. Alude-se a Indra.

tido às divindades e começado a trabalhar a favor doutrem... como ousarei advogar neste caso a minha causa?

«Eis o meu dever! Se para o futuro eu vier por causa de mim próprio, do mesmo modo hei de defender o meu interêsse. Faça-se pois como digo, minha boa senhora!».

Em seguida Damayanti sorriu-se suavemente, e dirigiu ao rajá Nala a seguinte fala, misturada com lágrimas e proferida vagarosamente:

«Eu diviso, senhor dos homens, um expediente inóxio e infalível em virtude do qual não incorrerás, rajá, em nenhuma culpa:

«Tu, ínclito varão, e os deuses, precedidos por Indra, comparecei todos por junto no local do meu *suaiánvara*.

«E ali, em presença dos guardiães do mundo, eu te escolherei, ó soberano dos homens; e desta sorte, brioso herói, não haverá nenhum delito!»

Recebida esta resposta da princeza de Vidarbha, o rei Nala regressou aonde os deuses estavam reunidos.

Lobrigaram-no chegar os guardiães do mundo, soberanos senhores; e logo que o viram perto, interrogaram-no acêrca de toda a ocorrência:

«Viste por ventura, rajá, Damayanti de doce sorriso? Que mandou ela dizer-nos a todos? Conta-o, rei intemerato!»

NALA disse:

Deputado por vós, senhores, penetrei no palácio de Damayanti, o qual tem um grandioso pórtico cercado de guardas veteranos.

E mercê do vosso poder, nenhum homem deu por mim quando entrava, a não ser a filha do monarca.

E vi as suas damas de companhia, e elas também me viram, chefes dos deuses, e ficaram todas estupefactas da minha presença.

Conquanto eu vos encarecesse, sublimes deuses! a donzela de elegante rosto é só a mim que escolhe, insensata, para seu espôso.

E disse-me a jovem: «Venham por junto os deuses acompanhados de ti, o mais illustre dos homens, ao local do meu *suaiánvara*.

«Ali, em presença dêles, rei de Nixadha, eu te escolherei, e dêste modo não haverá nenhuma falta de tua parte, varão de braços possantes!»

Assim fica por mim exactamente exposto tudo que se passou, ó Imortais! Quanto ao resto, vós, chefes dos deuses, sois juizes da decisão.

CANTO V

Suaiánvara de Damayanti

VRIHADÁXUA disse :

Quando ocorreram a quadra fausta, o dia lunar favorável e o momento propício, o rajá Bhima convidou todos os protectores da terra ao *suaiánvara*.

Logo que tiveram a participação, todos os reis da terra, espicaçados de amor, se reuniram açodados, com a esperança de obter a mão de Damayanti.

Quais leões soberbos numa serra, entraram os monarcas pelo pórtico arcuado no esplêndido anfiteatro, decorado de colunas de ouro.

Assentaram-se lá os soberanos em diversos sólios, trazendo todos coroas de flores rescentes e arrecadas de gemas lavradas.

Notavam-se volumosos braços, parecidos com grossas trancas¹, muito elegantes pelo contôrno e pela côr, como as serpentes de cinco cabeças.

Quais estrelas no firmamento, brilhavam os formosos rostos dos monarcas, com bonitos aneis de cabelos e com lindos narizes, olhos e sobranceiras.

O festivo recinto rial estava cheio de homens-tigres², como de tigres as cavernas de montanhas, como de serpentes a Bhagavati³.

Apareceu então na arena Damayanti, de semblante divinal, arrebatando com o seu fulgor os olhos e os corações dos rajás.

Sobre qualquer parte do seu corpo que caísse a vista dos magnânimos reis, ali mesmo se fixava sem se mover, e êles continuavam a mirar.

Proclamados individualmente os nomes dos soberanos, a filha de Bhima notou cinco varões de idêntica figura.

E examinando-os todos, que se apresentavam sem forma característica, a princeza de Vidarbha, dominada de dúvida, não reconheceu o rei Nala.

¹ Os poetas indianos atribuem aos seus heróis braços grossos e compridos, comparando os por vezes às trancas das portas de cidade, para denotar a sua valentia no manejo de armas.

² São freqüentes na literatura sanscrita as frases «homem-tigre, homem-leão, homem-touro», na acepção de «o mais excelente, o mais bravo dos homens».

³ Fabulosa capital das serpentes semi-humanas no mundo subterrâneo.

Qualquer dêles a que volvesse os olhos lhe parecia o rei Nala; e a nobre dama, ponderando no seu espirito, pôs-se a reflectir: «Como poderei conhecer os deuses? e como distinguirei o rei Nala?»

Emquanto assim scismava, a princeza de Vídarbha, muito atribulada, passou a considerar os attributos dos deuses, de que tinha ouvido falar:

«Os attributos dos deuses, que me contaram os velhos, não se observam em nenhum dos que se acham aqui na terra».

Tendo meditado detidamente e revolvido repetidas vezes o assunto, julgou chegada a oportunidade de recorrer aos próprios deuses.

Rendendo culto aos deuses com o coração e com a palavra, e trémula e com as mãos postas dirigiu-lhes a seguinte fala:

«Visto que ouvidas as palavras dos cisnes, escolhi para meu marido o rei de Nixadha: por esta verdade mo indiquem os deuses!

«Visto que nem por pensamentos nem por palavra quero cometer pecado: por esta verdade mo indiquem os deuses!

«Visto que pelos mesmos deuses foi destinado o rei de Nixadha para meu marido: por esta verdade mo indiquem os deuses!

Visto que eu empreendi esta cerimónia em honra de Nala: por esta verdade mo indiquem os deuses!

«Recobrem a própria forma os guardiães do mundo, soberanos senhores, para que eu possa reconhecer o rei Punyaxloca!»¹

Ouvida a patética prece de Damayanti, e vendo o seu inabalável propósito, a sua veracidade, a sua paixão pelo rei de Nixadha, a pureza da sua alma, a sua prudência, a sua piedade e a sua dedicação a Nala, os deuses fizeram a graça pedida apresentando-se com as suas características.

Viu ella todos os Imortais estarem de pé sem tocar no solo, sem transpiração, isentos de pó, com os olhos imóveis e com as grinaldas imarcescíveis.

E o rei de Nixadha revelou-se pela produção da sua sombra, pela coroa fanada, pela impregnação de suor e de pó, pela estada sôbre o chão e pelo pestanejar dos olhos.

A filha de Bhima, quando notou distintamente os deuses e o Punyaxloca, escolheu, conforme a praxe, o rei de Nixadha.

A virgem de olhos grandes recatadamente pegou-lhe na fimbria da cabaia, e deitou-lhe aos hombros uma lindissima grinalda. E assim o escolheu a illustre princeza para seu espôso.

Prorompeu então de repente o grito de «ai de mim! ai de mim!»

¹ Literalmente: «celebrado por sua santa reputação». É epíteto de Na'a e dalguns outros heróis e heroínas.

emitido pelos soberanos. Os deuses e os grandes *rixis*, de sua parte, exclamaram: «Muito bem! muito bem!». E transportados de admiração, exaltaram o rei Nala.

Em seguida o monarca, filho de Virassena, confortou a esbelta Damayanti, com o coração a transbordar de alegria.

«Já que tu, nobre dama, honras desta maneira um homem, de preferência sôbre os deuses, sabe que eu, como teu noivo, estou deleitado por essas tuas palavras.

«Emquanto a minha alma se conservar no corpo, donzela suavemente risonha, eu serei contigo!—é a solene promessa que te faço».

Depois de êle ter, com mãos postas ¹, alegrado Damayanti com tais expressões, ambos, satisfeitos um com o outro, dirigiram os olhos para os deuses, que tinham Ágni à sua frente, e suplicaram mentalmente a sua protecção.

Escolhido pela filha de Bhima o rei de Nixadha, os muito poderosos guardiães do mundo, todos contentíssimos no seu espirito, concederam a Nala oito condões:

Indra, espôso de Xachi, conferiu prazenteiro ao rei de Nixadha a faculdade de vêr presente a divindade no sacrificio, e um porte majestoso e elegante.

Ágni, consumidor da oferenda, concedeu a sua própria presença onde quer que o rei de Nixadha quisesse, e deu-lhe espaços por si alumiados ².

Yama concedeu-lhe sabor nas comidas ³, e forte estabilidade na virtude. O deus das águas outorgou-lhe o condão de água, onde quer que a desejasse o rei de Nixadha, e o de grinaldas repletas de suavíssima fragrância. Cada deus lhe deu um par de dádivas.

E tendo-lhe assim conferido as graças, os deuses regressaram ao empíreo.

Também os monarcas, depois de assistir, cheios de admiração, aos esponsais de Nala e Damayanti, voltaram contentes como tinham vindo.

Partidos os poderosos reis da terra, o magnânimo Bhima celebrou jubiloso o casamento de Damayanti e de Nala.

Demorou ali quanto tempo quis o senhor de Nixadha, ótimo dos bipedes, e despedindo-se de Bhima, tornou para a sua capital.

Ora tendo alcançado a pérola das mulheres, o Punyaxloca viveu com ela folgadoamente, como o matador de Vala e Vritra com Xachi.

¹ O juntar das mãos, elevadas à altura da cabeça, denota na Índia vários sentimentos, como: a reverência, a súplica, a gratidão, a promessa solene.

² Isto é, o poder de penetrar, sem se queimar, nos lugares de incêndio.

³ Isto é, a habilidade de preparar manjares deliciosos.

Extremamente satisfeito, e resplandecente como o astro do dia, o heroico rei grangeou a afeição do seu povo regendo-o com justiça.

E o esclarecido soberano celebrou o *axvamedha*¹, à imitação de Yayāti, filha de Nahuxa, e vários outros sacrificios, acompanhados de cõngruos honorários aos sacerdotes.

Semelhante a um deus, Nala entretinha-se freqüentemente com Damayanti em deliciosos jardins e bosques.

O magnânimo Nala gerou de Damayanti um filho, chamado Indrassena, e uma filha, chamada Indrassená.

Assim o soberano dos homens, ora oferecendo sacrificios, ora divertindo-se, regia o senhor da terra a terra cheia de riquezas.

(Continúa).

Tradução de SEBASTIÃO RODOLFO DALGADO.

Professor de sanscrito.

¹ «Sacrificio de cavallo», o mais importante e o mais venturoso.

Catálogo sinóptico dos ortópteros de Portugal

EXISTENTES NO MUSEU ZOOLOGICO DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Introdução

Entre as obrigações dos diversos serviços a nosso cargo, a publicação dos catálogos das nossas colecções apresenta-se-nos com uma tal cópia de utilidades que julgamos necessário fechar os olhos às muitas dificuldades que se nos deparam e procedermos a essa publicação, embora algumas das mesmas colecções sejam ainda bem diminutas.

A nossa colecção de ortópteros de Portugal não é completa nem sequer rica; mas, tal como é, pode prestar muito bons serviços e um catálogo que enumere os exemplares dela constantes, fornecerá valiosos elementos, que serão porventura um bom subsídio para trabalhos ulteriores.

É necessário aumentar e melhorar as nossas colecções; sentimos essa necessidade e estamos empenhados em a satisfazer. É necessário explorar o nosso país, tão rico em espécies entomológicas, e neste sentido julgamos útil o nosso catálogo, pois esperamos que êle facilitará essa tarefa àqueles que em Portugal queiram dedicar-se ao estudo tão interessante dos ortópteros.

De resto, e como razão que por si só calará suficientemente no espirito dos naturalistas que nos lerm, o Museu da Universidade de Coimbra possui tradições entomológicas honrosíssimas, que não pode nem deve deixar desaparecer. O falecido dr. MANUEL PAULINO DE OLIVEIRA, antigo director dêste Museu, o sábio naturalista tão illustre entre os mais illustres do nosso tempo, legou-nos, no exemplo admirável da sua vida de investigador perseverante, o encargo de proseguirmos os seus trabalhos, encargo que nós não recusaremos entibiados, embora de antemão saibamos que nunca poderemos atingir

a altura e brilhantismo em que êle colocou a entomologia portuguesa.

Proseguiremos pois, com a confiança de ser de algum modo útil o esforço que empregarmos.

Aos que lerem estas páginas apontamos o nome do illustre professor da Universidade de Madrid, D. IGNACIO BOLIVAR, o sábio entomologista que todo o mundo scientifico admira, como o do maior creedor da nossa admiração e dos nossos agradecimentos.

Muito deve o nosso Museu a D. IGNACIO BOLIVAR e muito grato nos é confessar aqui o nosso reconhecimento e testemunhar os motivos dessa gratidão. A BOLIVAR deve o Museu a determinação da quasi totalidade das espécies de ortópteros de Portugal, que constituem as suas colecções, e muitos e preciosos conselhos que sempre nos tem prestado com a melhor das vontades.

Nunca nos dirigimos a D. IGNACIO BOLIVAR que não obtivéssemos o mais pronto e amável acolhimento. O próprio plano do presente catálogo é motivado no seu *Catálogo Sinótico de los Ortópteros de la Fauna Ibérica*, trabalho admirável de clareza e precisão, utilissimo para a iniciação dos alunos de Zoologia em trabalhos de classificação.

Não devemos tambem encerrar estas linhas sem prestarmos o preito da nossa homenagem àqueles naturalistas que se teem dedicado à fauna orthopterológica portuguesa, SÉLYS-LONGCHAMPS, BRÜNNER, P. PANTEL, MATOSO DOS SANTOS, GIRARD, P. J. SILVA TAVARES e tantos outros, credores todos da nossa gratidão.



No intuito de se tornarem mais acessíveis às pessoas não versadas em assuntos de entomologia as tabelas incluídas neste trabalho, damos a seguir a explicação dalguns termos nelas usados.

I. Partes da cabeça

Epistoma, parte situada logo por cima da bôca.

Post-epistoma, atrás da antecedente.

Epicrânio: comprehende a *fronte*, *vertex*, *occiput*, *faces* e *regiões temporais*.

Mento, peça média a seguir ao lábio inferior.

Submento, atrás da peça precedente.

Antenas, dois apêndices pluriarticulados emergentes da *fronte*.

Olhos compostos (dois): situados dum e doutro lado da *fronte*; muitas vezes as suas córneas são *facetadas*.

II. Partes do torax

Compõe-se de três aneis, a que se inserem os três pares de *patas* e as *asas*: *protorax*, *mesotorax* e *metatorax*.

Cada um é formado, exteriormente, por um arco dorsal (*noto* ou *tergo*) e outro ventral (*esterno*), unidos nas regiões laterais pelas duas *pleuras*; cada pleura é composta de duas peças, uma anterior (*episterno*) e outra posterior (*epimero*). Os diversos *notos* e os *esternos* denominam-se, respectivamente pelos nomes de *pronoto*, *mesonoto* e *metanoto*, e de *prosterno*, *mesosterno* e *metasterno*. Empregam-se ainda os termos *prozona* e *metazona*, para designar as partes anterior e posterior em que o pronoto fica dividido pelo *sulco típico* ou posterior da face dorsal dos aneis.

III. Partes das patas

As *patas*, inseridas entre os esternos e os respectivos epímeros, constam de cinco partes que, a partir da base, são:

Anca, artigo largo e achatado;

Trocanter, pequeno;

Fémur, artigo comprido grosso e robusto;

Tíbia, artigo comprido, mas delgado.

Tarso, formado por três ou cinco artigos ou falanges (trímeros ou pentámeros), tendo o último muitas vezes duas *unhas*.

Arólio, lóbulo muitas vezes existente entre as duas unhas.

Plântula, pequeno apêndice com a forma de coxim, às vezes existente entre as duas unhas terminais dos tarsos.

IV. Partes das azas

Inseridas no mesotorax e metatorax, entre os notos e os respectivos episternos, as azas são formadas por duas membranas.

Elitros, azas córneas. Caracterizam os ortópteros e coleópteros.

Nervuras, tubos ou varetas de quitina colocados entre as duas membranas da aza. Segundo a sua grossura, direcção e modo de desenvolvimento, denominam-se (figs. 1, 2 e 3):

Nervuras principais, as que nascem na base da aza e se dirigem para a extremidade (ápice), terminando mais ou menos longe dela.

Nervuras independentes, as que nascem entre as principais, sobretudo do lado do ápice, e que se dirigem na direcção da base.

Nervuras transversais, as que partem das anteriores em ângulo recto e as ligam.

Nervura mediastina, nervura principal que se dirige para o bordo anterior da aza um pouco adiante do seu meio.

Nervura radial, a nervura principal que corre na direcção do ápice. Às vezes a mesma nervura é tripla, recebendo as três as designações de *nervura radial anterior*, *média* e *posterior*. Pode ramificar-se na direcção do ápice e do bordo anterior da aza (*nervuras costais*).

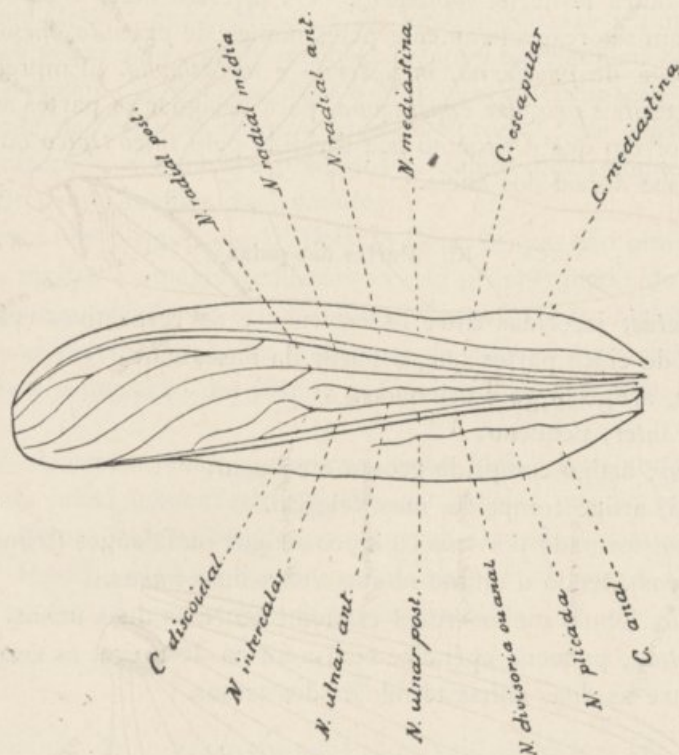


Fig. 1.

Nervura ulnar ou *média*, a principal que envia um certo número de ramos na direcção do ápice e para o bordo sutural. Se aqueles ramos se reúnem em dois troncos principais, estes troncos denominam-se *nervura ulnar anterior* ou *médio-interna* e *nervura ulnar posterior* ou *médio-externa*.

Nervura anal ou *divisória*, a última principal. Corre em linha curva para o bordo sutural.

Células, *campos* ou *áreas* são os espaços da superfície alar limitados pelas nervuras principais e pelos seus ramos anastomosados.

Célula mediastina, parte da aza limitada pelo seu bordo anterior e pela nervura mediastina.

Células marginal e discoidal, as duas partes em que a aza fica dividida pela nervura radial. Podem ter largura proximamente igual ou diferente.

Célula anal, parte anterior da aza limitada pela nervura do mesmo

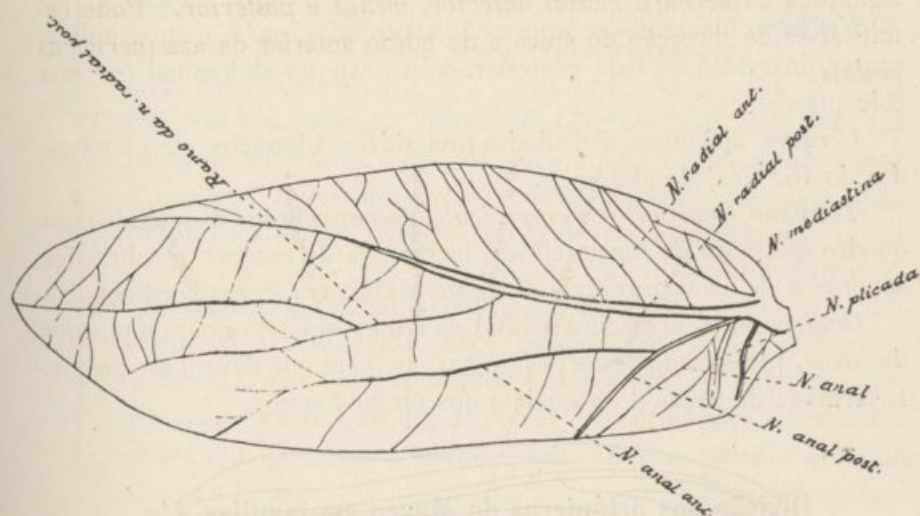


Fig. 2.

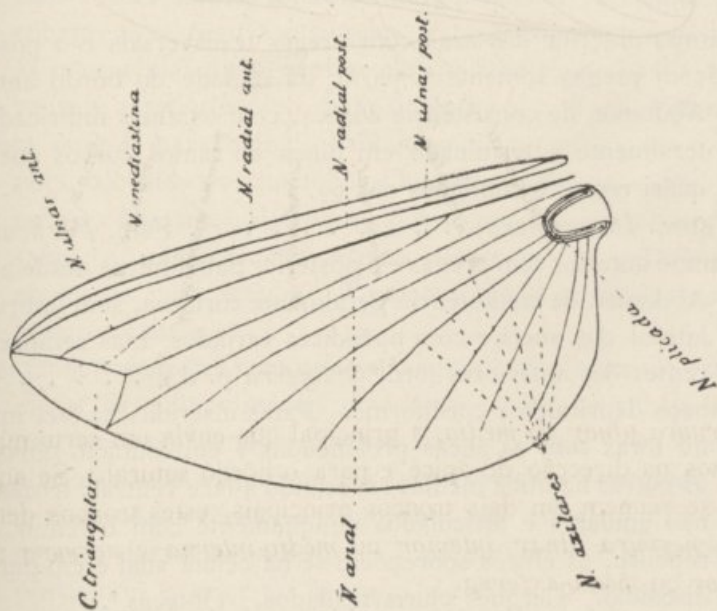


Fig. 3.

nome. Pode ser ocupada por nervuras secundárias mais ou menos paralelas, as *nervuras axillares* (fig. 3). Nas azas membranosas esta célula é atravessada por nervuras axillares radiantes, as que dobram esta parte da aza à maneira das varetas dum leque.

V. Partes do abdomen

Noto e tergo, arcos dos aneis abdominais análogos aos já definidos.

Placa supra-anal, o último noto, às vezes diferente nos dois sexos.

Placa subgenital, o último dos esternos visíveis na fêmea.

Estiletes, filamentos móveis e não articulados, quasi sempre pubescentes, inseridos no lado posterior do 9.º esterno abdominal (7.º nos coleópteros).

Cerques, apêndices articulados (mantídeos, blatídeos, etc.) e nascidos do 10.º anel do abdómen.

Timpano, tamborete ou *crepitáculo*, fina membrana distendida num quadro quitinoso de forma elítica, incumbida de receber as vibrações sonoras e de as transmitir aos órgãos auditivos (órgãos cordotonais).

Ovideponente, armadura genital da fêmea que serve para a postura dos ovos, perfurando os corpos (fóllhas, etc.) em que devem ser postos. É formada de peças do esqueleto dos últimos aneis.

Divisão dos ortópteros do Museu em famílias, etc. e sua enumeração

- | | | | |
|---|---|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--|
| } | 1 | Campo anterior das azas com pregas transversais e o posterior com pregas sómente a partir da metade do bôrdo anterior. Abdomen de consistência córnea, com os aneis imbricados lateralmente e terminado em pinça de ramos curvos nos ♂♂ e quasi rectos e contíguos nas ♀♀. (ord. <i>Dermaptera</i>) Fam. <i>Forficulidae</i> . | |
| | | Campo anterior sem pregas e o posterior flabeliforme desde a base. Abdomen de consistência geralmente coriácea, sem imbricação lateral dos aneis e com apêndices variados, mas sempre diferentes dos anteriores (ord. <i>Orthoptera</i> p. d.) 2 | |
| } | 2 | Cabeça deprimida e cordiforme. Patas inseridas na face inferior do torax com as ancas prolongadas e em contacto umas com as outras na linha média, revestindo a face ventral; trocânteres não anulares e articulados obliquamente com o fémur. Em repouso, os elitros sobrepõem-se na célula anal e em parte da discoidal. Cerques pluriarticulados. Ootecas ¹ . | |
| | | (sec. <i>Dictyoptera</i>) 3 | |

¹ *Ooteca*, espécie de casulo de ovos, constituído quer por partículas terrósas aglutinadas (locustídeos), quer por massa homogénea formada no interior da fêmea (baratas) ou segregada para fora do corpo ao mesmo tempo que os ovos são postos (louva-a-Deus).

- 2 Cabeça grande e ovoide. Patas inseridas nos flancos, com as ancas muito curtas, globosas ou quási cilíndricas e largamente afastadas das do lado oposto; trocânteres anulares e articulados ortogonalmente com o fémur, principalmente nas patas anteriores. Em repouso, os elitros estão geralmente sobrepostos sómente na célula anal. Cerques uniarticulados.
(sec. *Euortoptera*) 4
- 3 Corpo oval e deprimido. Bôca dirigida para traz, chegando até às ancas anteriores. Pronoto escutiforme e prolongado sôbre a cabeça. Patas anteriores menores do que as médias, mas de fôrma análoga. Ooteca sai já formada do animal Fam. *Blattidae*.
- 3 Corpo delgado e alongado com abdómen cilíndrico ou oval e deprimido. Três ocelos; bôca dirigida para baixo. Pronoto comprido, mas não prolongado sôbre a cabeça; patas anteriores mais robustas do que as outras e próprias para a preensão, dobrando para isso a última parte da pata sôbre a anterior (louva a-Deus) Fam. *Mantidae*.
- 4 Bôca dirigida para diante. Pronoto mais curto do que o mesonoto e com lóbulos laterais muito pequenos, deixando a descoberto as respectivas pleuras. Patas posteriores semelhantes às intermédias (não próprias para o salto), com os trocânteres visíveis exteriormente. Sem tímpanos . . . Fam. *Phasmidae*.
- 4 Bôca dirigida para baixo. Pronoto mais comprido que o mesonoto, cobrindo os seus lóbulos laterais as pleuras. Patas posteriores bastante maiores do que as médias (próprias para o salto); trocânteres não visíveis externamente. Tarsos com menos de cinco artigos. Tímpanos tibiais ou abdominais (ortópteros cantores). 5
- 5 Fémures posteriores com quilhas longitudinais, limitando exteriormente as quilhas médias uma área central reticulada ou um desenho peniforme. Antenas muito curtas. Ovideponente pouco saliente e formado por quatro valvas, divergindo as superiores das inferiores. Tímpanos aos lados do primeiro segmento dorsal do abdomen. Cantam friccionando os fémures posteriores com certas nervuras do elitro ou as tibias médias com nervuras das azas Fam. *Locustidae*.
- Fémures posteriores convexos por cima e sem quilhas longitudinais. Antenas geralmente compridas e setáceas¹. Ovidepo-

¹ Excepcionalmente são curtas e setáceas no gén. *Curtilla*, e muito curtas e distintas no gén. *Tridactylus*.

- 5 { nente comprido, saliente e em forma de lâmina de espada ou de pua. Timpanos na base das tibias do primeiro par. Cantam friccionando certas nervuras dos dois elitros. 6
- 6 { Tarsos com dois ou três artigos. Elitros adaptados à forma do abdomen e com uma larga superfície plana, formada pelas células anal e discoidal, e outra lateral, constituída pela célula marginal. Cerques compridos nos dois sexos, flexíveis e setáceos. Ovideponente em forma de pua, raras vezes comprimido e curvo Fam. *Aquetidae*.
- 6 { Tarsos com quatro artigos. Elitros com uma parte dorsal plana e muito estreita, formada pela célula anal, e outra inclinada lateralmente, constituída pelas células discoidal e marginal¹. Cerques rígidos e rudimentares nas ♀♀. Ovideponente comprimido e recto ou curvo Fam. *Phasgonuridae*.

1.ª FAM. FORFICULIDAE

Nome vulgar — *bichas cadelas*. Infundado o preconceito popular, que acusa estes insectos de se meterem no ouvido do homem, causando-lhe grandes danos. De facto, são inofensivos.

Divisão em géneros

- 1 { Antenas com mais de 15 artigos. gén. *Labidura* Leach.
- 1 { Antenas com menos de 16 artigos 2
- 2 { Segundo artigo dos tarsos cilíndrico. Insectos muito pequenos (5^{mm}) gén. *Labia* Leach.
- 2 { Segundo artigo dos tarsos cordiforme. Insectos de maior tamanho. gén. *Forficula* Linn.

GÉN. LABIDURA Leach.

1. **L. riparia** Pall — *Forficula riparia*, Pallas, 1773, *Reisen durch Versch. Prov. II, Anh.*, p. 30.

— Brunner von Wattenwil, 1882, *Prodromus der Europäischen orthopteren*, p. 5.

Aveiro. Coimbra. Figueira da Foz.

Encontra-se ordinariamente nas margens dos rios.

¹ Os dois géneros citados são também excepção a respeito deste caracter, por não terem ovideponente.

GÉN. LABIA Linn.

2. **L. minor** Linn. — *Forficula minor*, L. S. N. XIII^e, II, p. 686.

— Brunner, *ob. cit.*, p. 10.

Bussaco. Coimbra.

Vulgar.

GÉN. FORFICULA L.

Divisão em espécies

Azas bem desenvolvidas e, durante o repouso, visíveis atrás dos elitros, que são de côr uniforme. Pronoto escuro e orlado de amarelo pálido. Pinças nos ♂♂ de forma e comprimento muito variáveis. esp. *F. auricularia* Linn.

Azas nulas. Segmento anal liso ou com uma pequena impressão de cada lado. Pinça terminada por um dente; a sua largura na base, levemente superior a metade do comprimento da mesma; os lados internos desta, denteados irregularmente e não contíguos em toda a sua extensão. . . esp. *F. pubescens* Géné.

3. **F. auricularia**, L. S. N. XIII^e, II, p. 686.

— Brunner, *ob. cit.*, p. 12.

Bom Jesus. Vizella. Freineda. Guarda. Serra da Estrêla. Algarve. Fundão.

4. — var. *cyclolabia* Fieb — Pinças de forma circular.

Serra da Estrêla. Freineda. Vila Nova de Milfontes (Ribeira).

A espécie, como a variedade, muito vorazs de diversas plantas, especialmente de flôres (craveiros e gerânios), e por isso nocivos, embora menos do que vulgarmente se crê. Atravessam o inverno no estado perfeito e efectuam a postura na primavera seguinte, morrendo antes da sua prole chegar ao estado adulto.

5. **F. pubescens** Géné. Serville, 1839, Orthopt, p. 46.

— Brunner, *ob. cit.*, p. 14.

S. Fiel. Estarreja. Coimbra.

Principalmente frugívera.

2.^a FAM. BLATIDAE

Insectos omnívoros, de corpo deprimido e corredores. Vivem nos bosques, sob troncos mortos, detritos vegetais, etc., sôbre plantas

(baratas), dentro das casas, principalmente nos armazens e cosinhas (carochas). Uns são ápteros, outros imperfeitamente alados e outros teem as azas e os elitros bem desenvolvidos. As larvas dêstes últimos reconhecem-se por terem os bordos posteriores do mesonoto e do metanoto prolongados lateralmente para trás.

Divisão em géneros

- | | | |
|---|---|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1 | } | Último segmento ventral das ♀♀ largo e liso. Insectos pequenos (< 14 ^{mm}) 2 |
| | | Último segmento ventral das ♀♀ com duas valvas, formando quilha fendida. Insectos maiores (> 19 ^{mm}) 5 |
| 2 | } | Placa supra-anal transversa em ambos os sexos, formando nos ♂♂, às vezes ângulo muito obtuso do lado posterior. Azas, quando bem desenvolvidas, com uma célula apical e esta com pregas. Ootecas geralmente estriadas. 3 |
| | | Placa supraanal triangular em ambos os sexos ou arredondada na extremidade. Azas quando bem desenvolvidas, sem célula apical. Ootecas lisas 4 |
| 3 | } | Elitros coriáceos, deixando todavia ver as nervuras; azas bem desenvolvidas, pelo menos nos ♂♂. Em algumas ♀♀ os elitros cobrem sómente metade do abdomen e as azas são rudimentares gén. <i>Ectobia</i> Steph. |
| | | Elitros córneos e freqüentemente rudimentares ou pouco desenvolvidos, com as nervuras pouco ou nada visíveis; quando bem desenvolvidos, são proximamente tão compridos como o abdomen. Azas nulas gén. <i>Hololampra</i> Sauss. |
| 4 | } | Elitros e azas bem desenvolvidos gén. <i>Blatella</i> Shelf. |
| | | Elitros formando lóbulos laterais rudimentares. Azas nulas gén. <i>Loboptera</i> Brunn. |
| 5 | } | Azas incompletamente desenvolvidas, mais curtas do que o abdomen nos ♂♂ e laterais rudimentares e lobiformes nas ♀♀ gén. <i>Blatta</i> Linn. |
| | | Azas perfeitamente desenvolvidas em ambos os sexos e mais compridas do que o abdomen gén. <i>Periplaneta</i> Burm. |

GÉN. ECTOBIA Steph.

Divisão em espécies

- | | | |
|---|---|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1 | } | Orgãos do vôo desigualmente desenvolvidos nos dois sexos, mais compridos do que o abdómen nos ♂♂ e mais curtos e com as azas abortadas nas ♀♀. Pronoto escuro, acastanhado ou com manchas pretas confusas, raras vezes pálido, mas sempre com |
|---|---|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

- 1 } uma orla pálida. Cabeça escura ou com uma faixa acastanhada entre os olhos 2
 } Orgãos do vôo bem desenvolvidos nos dois sexos e mais compridos do que o abdomen. Pronoto e elitros pontuados de côr acastanhada. esp. *E. perspicillaris* Herbst.
 } Maiores. Elitros do ♂, 9 a 10^{mm}; os da ♀, 1 a 6^{mm}. lanceolados e mal cobrindo o abdomen. esp. *E. Laponica* Linn.
 2 } Menores. Elitros do ♂, 6^{mm},5 a 7,5; os da ♀, 3^{mm}, truncados posteriormente e proximamente quadrangulares, deixando a descoberto quási todo o abdomen. esp. *E. Panzeri* Steph.

6. *E. Laponica* L. — *Blatta Laponica*, Linné, 1745, *Fauna Suec.*, p. 863.

— Brunner, *ob. cit.*, p. 31.

— G. I., 53.^{me} F.^o Pl. fig. 3, 8a, 8b.

Serra do Gerez. S. Fiel. Lisboa.

Insectos lucífagos e muito ágeis. São destruidores, incómodos e nojentos.

7. *E. Panzeri* Steph. — *Ectobius Panzeri*, Stephans, 1837, *Illustr. Britis Ent.*, VI, p. 47.

— *Ectobia ericetorum* Wesmail. — Brunner, *ob. cit.*, p. 34.

Serra do Gerez. Esmoriz. Guarda. Espinho.

É freqüente sob os arbustos.

8. *E. perspicillaris* Herbst. — *Blatta livida*, Fabr., 1793, *End. Syst.*, II, p. 10.

— Brunner, *ob. cit.*, p. 35.

Bom Jesus. Vela. S. Fiel. Espinho.

GÉN. HOLOLAMPRA Sauss.

Divisão em espécies

- 1 } Elitros com o dôbro da largura da faixa pálida lateral do pronoto ultrapassando o bôrdô posterior do mesonoto e também do metanoto nos ♂♂ 2
 } Elitros não mais largos do que a faixa pálida lateral do pronoto, tão compridos como o mesonoto. esp. *H. subaptera* Ramb.
 2 } Pronoto com duas faixas e três vírgulas escuras.
 } esp. *H. virgulata* Bol.
 } Pronoto escuro e com uma orla pálida. esp. *H. carpetana* Bol.

9. **H. virgulata** Bol. — *Aphlebia virgulata*, Bol., 1878, *Ann. Soc. Ent. da Belgica*, vol. XXI, p. 67.
Guarda. Espinho (larvas).

10. **H. carpetana** Bol. — *Aphlebia carpetana*, Bol., 1873, *Ann. Soc. Esp. de Hist. Nat.*, tom. II, p. 214 e tom. XVI, 1887, Est. IV, fig. 3 ♂.

— *Aphlebia carpetana*, Bol. — Brunner, *ob. cit.*, p. 44.

— G. I., 1911, 55.ª, F.ª, Est., fig. 10.

Serra do Gerez. Serra do Caramulo.

11. **H. subaptera** Ramb. — *Aphlebia subaptera*, Ramb. *Faune de l'And.*, vol. II, p. 14.

— *Aphlebia subaptera*, Ramb. — Brunner, *ob. cit.*, p. 44.

Fundão.

GÉN. BLATELLA Shelf.

12. **B. germanica** Linn. — *Blatta germanica*, L., *S. N.*, XII, vol. 1, p. 668.

— *Blatta germanica*, L. — Brunner, *ob. cit.*, p. 46.

Setúbal.

GÉN. LOBOPTERA Brunn.

13. **L. decipiens** Germ. — *Blatta decipiens*, Germ., 1817, *Reise nach Dalmat.*, p. 249.

— Brunner, *ob. cit.*, p. 48.

Serra do Gerez. Guarda. Vela. Coimbra. Figueira da Foz. S. Fiel. Covieiros.

GÉN. BLATTA Linn.

14. **B. orientalis** Linn. — *Blatta orientalis*, L., 1745, *Faun. Suec.*, n.º 862.

— *Periplaneta orientalis*, Brunn., *ob. cit.*, p. 49.

Coimbra. Lisboa.

Vive dentro das casas, constituindo por vezes terrível praga.

GÉN. PERIPLANETA Burm.

15. **P. americana** Linn. — *Blatta americana*, Linné, 1766, *S. N.*, II, p. 687.

— Brunner, *ob. cit.*, p. 50.

Setúbal.

3.^a FAM. MANTIDAE

Ortópteros eminentemente vorazes e carniceiros, caçando insectos e por vezes mesmo pequenos reptis; as fêmeas comem os próprios cônjuges e as ootecas. Apresentam, estas sobretudo, notáveis fenómenos de mimetismo. Dimorfismo sexual bastante sensível, sendo os machos mais elegantes do que as fêmeas.

A ooteca, formada fora, no momento da postura, adquire a consistência do pergaminho, toma forma ovoide ou prismática e torna-se maior do que o abdomen do próprio insecto. As larvas nascem na primavera e transformam-se em imagens no fim do verão ou no outono, conforme as regiões.

Divisão em géneros

- 1 Patas sem lóbulos foliácios. Vertex plano ou côncavo. Antenas compridas, setácias ou quasi filiformes em ambos os sexos. Ancas posteriores chegando ao mesotorax. Bôrdo interno e inferior dos fémures anteriores com espinhos quasi iguais ou alternadamente desiguais. 2
- 1 Fémures posteriores com lóbulo foliácio quasi apical. Ancas anteriores muito mais curtas do que o pronoto. Bôrdo interno dos fémures do mesmo par com dois ou três espinhos pequenos entre cada dois grandes. Cabeça alongada em cone. Antenas pectínicas no ♂, setácias e não mais compridas do que o cone cefálico na ♀ gén. *Empusa* Illig.
- 2 Expansão supracoxal do pronoto situada próximamente no meio ou pouco adiante do meio. Ancas anteriores tão compridas como o pronoto, excedendo bastante o bôrdo posterior do prótorax quando dirigidas para traz. Nas ♀♀ as azas são muito curtas, deixando a descoberto quasi todo o abdomen. Algumas espécies ápteras 3
- 2 Expansão supracoxal do pronoto situada próximamente no terço anterior. Ancas do primeiro par mais curtas do que o pronoto, quasi não excedendo o seu bôrdo posterior, quando dirigidas para trás. Orgãos do vôo bem desenvolvidos, sendo mais curtos do que o abdomen sómente em algumas ♀♀. Maiores do que os antecedentes 4
- 3 Primeiro artigo dos tarsos dos dois pares de patas posteriores mais comprido do que os restantes artigos reunidos. Um tubérculo obtuso atraz dos olhos. Insectos ápteros com aspecto de larvas. gén. *Geomantis* Pant.

- 3 { Primeiro artigo dos tarsos dos dois pares de patas posteriores, quando muito, tão comprido como o segundo. Bôrdo posterior da cabeça sem tubérculos gén. *Ameles* Burm.
- Placa supra-anal curta, transversal e arredondada em ambos os sexos. Elitros e azas mais compridos do que o abdomen e estas hialinas. Fémures intermédios e posteriores inermes. Cabeça pequena e bastante deprimida anteriormente, continuando-se o vertex com a fronte quási insensivelmente gén. *Mantis* Linn.
- 4 { Placa supra-anal triangular em ambos os sexos. Elitros e azas nas ♀♀ um pouco mais curtos do que o abdomen e as segundas com manchas de côr escuro-violeta. Primeiro artigo dos tarsos posteriores liso por baixo e mais curto do que os restantes reunidos. Elitros de côr verde ou amarelada uniforme. Azas com a célula anterior acastanhada e fenestrada, e a célula anal amarelada, tendo uma grande mancha preta com espelho azul ou violeta, que se difunde exteriormente em arcos concêntricos irregulares gén. *Iris* Sauss.

GÉN. GEOMANTIS Pantel.

16. **G. larvoides** Pant. — *Notes orth. Ann. de la Soc. Esp. de Hist. Nat.*, 1836, t. XXV, p. 63.

Paialvo. S. Fiel.

Corredores. Vivem nos cêrros áridos ou em terrenos cultivados.

GÉN. AMELES Burm.

17. **A. abjecta** Cyr. — *Mantis abjecta*, Cyrillo, 1787, *Endom. Neap.*, tb. V, fig. 4 ♂.

A. spalanzania Bol. *Orth. de Espanha*, p. 59.

A. spalanzania, Rossi. — Brunner, *ob. cit.*, p. 66.

Poiares. Coímbra. S. Fiel. Felgueira.

Os adultos encontram-se de junho a novembro, nas colinas incultas, comumente sôbre *Equium vulgare Rosmarinus officinalis* (alecrim), *Quercus Ilex*. *Retama* (giesta).

GÉN. MANTIS Linn.

18. **M. religiosa** Linn., *S. N.*, II, 1767, p. 690.

— Brunner, *ob. cit.*, p. 58.

Serra do Gerez. Braga. Coímbra. Ponte de Sôr. Aviz. Coruche. Mora. Beja.

À sua attitude habitual e à forma das suas patas arrebatadoras deve o nome por que vulgarmente é conhecido de *louva-a-Deus*. É a espécie mais espalhada em toda a Europa, a que mais se estende para o norte. Apresenta diferentes colorações, conforme os sítios em que se encontra (verdes ou pardas nos campos sêcos, côr de palha nos arbustos tostados pelo sol, etc.).

GÉN. IRIS Sauss.

19. **I. oratoria** Linn. — *Mantis oratoria*, Linn., 1764, Mus. Lud. Ulr., p. 115.

— Brunner, *ob. cit.*, p. 61.

S. Fiel. Beja.

Verde ou pardacenta. Vive sôbre as giestas e arbustos altos. O adulto aparece no fim do verão.

GÉN. EMPUSA Illig.

20. **E. egena** Charp., 1841, in Germar, Zeitschr. f. Ent., III, p. 298.

— Brunner, *ob. cit.*, p. 70.

Coimbra. Beja.

4.^a FAM. PHASMIDAE

Fitófagos (folhas e ramos tenros) e miméticos, imitando ramúsculos das plantas, quer pela forma quer pela sua coloração. Machos mais curtos e delgados do que as fêmeas.

Os ovos, munidos dum opérculo, são postos isoladamente (não em ootecas); as larvas levantam o opérculo para saírem do ôvo. Estas, nas espécies ápteras, assemelham-se muito aos adultos (*Broteria*, vol. v, 1906, p. 84).

Divisão em géneros

| | |
|---|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| } | Tibias médias e posteriores com a quilha inferior bifurcada perto da extremidade, formando uma pequena área triangular. Cerques do ♂ direitos ou sómente encurvados na extremidade, não dilatados nem denteados na base. Abdomen da ♀ não comprimido nem adelgado na extremidade, sendo o oitavo segmento dorsal pouco mais alongado do que o nono. Ovo quasi globoso. gén. <i>Bacillus</i> Latr. |
| | A mesma quilha indivisa até à extremidade. Cerques do ♂ curvos e dilatados, com um dente na base. Abdomen da ♀ comprimido ou muito adelgado na extremidade, tendo o oitavo segmento dorsal o dôbro do comprimento do nono. Ovo elip-tico e alongado. gén. <i>Leptynia</i> Pantel. |

GÉN. BACILLUS Latr.

21 **B. gallicus** Charp.—*Phasma gallicum*, Charpentier, 1825, *Hor. Ent.*, p. 49.

— Brunner, *ob. cit.*, p. 76.

Barro.

GÉN. LEPTYNIA Pant.

22 **L. attenuata** Pantel., *ob. cit.*, p. 66 e 68, est. IV, fig. 20, 21, 23-27.

Soalheira. Barro. Coruche. Mora.

23 — var. *Barreti* Tav.

Barro.

(*Continúa*).

BERNARDO AIRES, diretor do Museu,
e HORÁCIO MENANO, naturalista adjunto.

A anatomia em Coimbra no século XVI¹

I

Alonso Rodriguez de Guevara

III

No princípio dêste ano de 1557-558 chegara, como dissemos, Alonso Rodriguez de Guevara de Lisboa, aonde o levara um cuidado, muito do Renascimento, o de tratar de melhoria na sua situação universitária¹.

Pedira o Conselho, por instigações de Guevara, a criação da cadeira de Cirurgia e fôra esta criada por alvará de 26 de setembro de 1557 com 20.000 reais de salário, pagos às terças, segundo ordenança da Universidade; mas tudo parecia ignorar-se, no começo do ano, em Coimbra, o que o levou a pôr-se a caminho de Lisboa, o meio mais pronto então, senão o único, de haver deferimento rápido a pretensões universitárias.

Alvorocaram-se com o caso os estudantes, inquietos por os professores se mostrarem desgostosos com a volta que o novo reinado dava às cousas universitárias, já favorecendo abertamente a Companhia de Jesus na separação que em seu favor se fizera do Colégio das Artes da Universidade, e na expoliação, que para seu sustento se pretendia, das rendas universitárias, já por o manifesto desfavor em que andavam na côrte os professores.

Os estudantes eram então, segundo velhas tradições, uma fôrça com que havia a contar na administração da Universidade e a que se pretendia dar golpes recentes sem resultado. A sua acção na direcção do ensino era-lhes reconhecida pelos estatutos. Escolhiam as matérias que os professores teriam de ler durante o ano, deliberavam

¹ Continuado do vol. III, pág. 86o.

sobre a abertura ou encerramento de cadeiras, votavam nos concursos. Além desta acção legal, tinham o protesto por vezes tumultuoso, e sempre temido pela perturbação que trazia aos estudos e à vida da cidade.

Os professores não eram estranhos às suas determinações, e muitas vezes as provocavam por actos de subôrno que se convertiam em escândalo público. Era um facto freqüente e comum a todas as universidades do tempo.

Os estudantes tomavam parte ostensivamente nas questões de precedência das respectivas faculdades, recusando-se a freqüentar e alvotando a cidade, quando qualquer delas se achava preterida ou se dava por ofendida.

Ao pôr-se a caminho de Lisboa, Guevara deixara entender o que lá o levava, a desconfiança em que andava de que o pudessem mandar reger mais uma cadeira sem salário.

Os estudantes pediram ao Conselho que escrevesse a sua alteza para o mandar reger, fazendo-lhe mercê e acrescentando-lhe o salário por fórma a poder ler as duas lições sem prejuizo de seus interesses. Resolveu o Conselho, a 11 de outubro de 1557, escrever a el-rei no sentido pedido.

A 25 do mesmo mês, já Guevara de volta de Lisboa apresentava em Conselho o alvará real que o mandava ler a cadeira de Cirurgia, além da de Anatomia com mais vinte mil reais pagos às terças.

Assim o determinou também o Conselho, marcando-lhe a hora das duas às três no inverno e das três às quatro no verão, e assinando-lhe por livro, como dissemos já, Guido ou João de Vigo ².

Não se podia queixar Guevara de ser mal pago. Por ano tinha da Universidade, pagos às terças e, como costumava dizer-se, segundo ordenança dela: cincoenta mil reais de salário pela regência da cadeira de Medicina e Anatomia por alvará de 8 de junho de 1556, além de mais vinte mil reais de mercê por outro alvará da mesma data; vinte mil reais de salário pela regência da cadeira de Cirurgia por alvará de 26 de setembro de 1557, e mais ainda dez mil reais que pela regência desta mesma cadeira lhe foram mandados dar por alvará de 22 de junho de 1558. O que tudo somava, só de regência de cadeiras, cem mil reais ³.

Guevara tomou posse da cadeira de Cirurgia a 26 de outubro de 1557, na casa dos paços em que se lia Medicina, com todo o cerimonial simbólico da época, subindo à cátedra, *começando a ler e fazendo os mais autos por q̄ se aquire pose*. Foram testemunhas o doutor Francisco Lopez e Duarte Peixoto ⁴.

Alonso Rodriguez de Guevara, desde que fôra nomeado professor

da Universidade, estava pelos estatutos incorporado nela, sendo-lhe contados, como recebidos na de Coimbra, todos os graus que noutra tivesse à data da sua nomeação.

Quando o grau, com que o lente fôra admitido a regência, era inferior ao de doutor, o costume mandava doutorar-se o novo professor dentro dum ano, sendo-lhe levados em conta os graus que já tinha, e fazendo apenas na Universidade de Coimbra os que lhe faltassem para doutoramento.

Guevara não faltou a essa prescrição, que muitas vezes não era respeitada pelos novos professores, alegando para isso que haviam recebido o lugar por mercê de el-rei.

Foi a 3o de outubro de 1557 que Guevara apresentou a D. Manuel de Menezes, então reitor, a sua carta de licenciado, pedindo *lhe admittisse o dito grao de licença, como se nesta vniuersi.^{de} o recebera por os Estatutos asi ordenarê por elle ser lête nella.*

Assim o deferiu o reitor, mandando disso lavrar assento para em todo o tempo se saber.

Do assento, que se conserva ainda no livro respectivo dos *Autos e Provas*, se vem a saber que Alonso Rodriguez de Guevara tomara grau de licenciado na Universidade de Siguenza a 28 de abril de 1552⁵.

O nome de Siguenza trás à ideia personagens de menos gravidade e saber que o douto Guevara, da convivência de reis e príncipes, tão admirado pelos professores do seu tempo.

O nome da velha Universidade de Lopez de Medina, a todos faz lembrar o cura Pedro Perez, homem douto, graduado em Siguenza, e as testilhas que tinha com o bravo D. Quixote de la Mancha sôbre qual fôra melhor cavaleiro se Palmeirim de Inglaterra, ou Amadiz de Gaula.

Siguenza não era ainda conhecida como a séde da *universidade silvestre*, que haviam de cubrir de ridiculo os escritores espanhois do século xvii.

Não nos parece também que o nome de Guevara possa ser invocado como título de glória para a velha Universidade da antiga cidade episcopal.

D. João Lopez de Medina começou a edificação do convento de Santo António de Portaceli em 1476 e a seguir a do colégio, aprovada em 1477 pelo cardeal Mendoza, arcebispo de Sevilha e bispo de Siguenza, e confirmado por Xisto V por bula de 1483.

O claustro universitário organizou em 1551 os estatutos para as faculdades de Direito civil e canónico e de Medicina. O papa Júlio III concedeu a fundação destas cadeiras em 1552.

À face destas datas, parece pouco para admitir que Guevara tenha

seguido um curso de Medicina em Siguenza e que este terminasse pelo seu grau de licenciado. Mais fácil me parece de acreditar que êle tivesse cursos, se não graus, noutra Universidade e a de Siguenza fosse apenas buscar o de licenciado, pois pelos estatutos não eram obrigados a repetir-se ali cursos que se tivessem feito noutra parte.

Não nos parece fácil demonstrar que Guevara os tivesse feito no estrangeiro, nem indicar Universidade espanhola em que tivesse cursado.

Inclinamo-nos porém a que o grau fosse tomado em Siguenza antes da sua ida para o estrangeiro, onde colheu o amor ao estudo da Anatomia que havia de ilustrar-lhe a vida.

Guevara não era um homem de estudo superficial. Era erudito como um sábio do renascimento. Teremos ocasião de verificá-lo na análise do livro que escreveu quando professor em Coimbra, e a que, a seu tempo, nos referiremos. A sua erudição não podia ter-se feito depois de recebido o grau, pela convivência com sábios de outras universidades. É uma erudição sólida, que aparece naturalmente, sem vestígio aparente do mínimo esforço, sem vã e difícil ostentação. O seu latim corre naturalmente como de bôca habituada por longo uso a falá-lo.

Não podemos por isso admitir que fosse tomar grau a Siguenza por falta de estudos sérios. ¿Chama-lo-ia a aquela Universidade a facilidade, a barateza da vida? Teria tido ideia de ali fazer o apostolado de Anatomia que mais tarde tentou com tanto successo em Valladolid, levado pelo estabelecimento recente da faculdade de Medicina? São pontos que ignoramos, abstendo-nos por isso de architectar sôbre eles hipóteses que um achado de acaso poderia destruir.

Do mesmo auto se sabe pela referênciã que faz à carta de licenciado, que Alonso Rodriguez de Guevara era natural da diocese de Granada.

São estes os únicos dados biográficos certos que do curioso documento se podem tirar.

A seguir à licenciatura e antes do grau de doutor, havia, na Universidade de Coimbra, como em outras, o acto de Véspera (auto de vespérias).

Chamava-se *das vesperias* o acto por ter lugar um dia antes do dia do doutoramento. O acto era de três conclusões.

O *vesperizando*, como lhe chamavam os estatutos, vinha da capela da Universidade para a sala grande dos actos, acompanhado pelos amigos, mestre de cerimónias e bedeis com suas maças. Adiante charamelas e trombetas.

O presidente subia à cadeira e o *vesperizando* ia sentar-se em

frente dêle noutra de espaldar, com seu capêlo e cabeça descoberta.

Argumentavam depois os bachareis e acabava o acto com uma oração grave, do presidente, em latim, que deveria ter três partes: na primeira elogiava a faculdade e o grau do magistério; na segunda exortava o vesperizando com palavras honestas e graves, sem prejuízo de sua honra; e na terceira dava as costumadas graças.

Guevara fez acto de licenciado a 12 de novembro dêste ano de 1557, na Sala dos Paços de El-Rei, com assistência do reitor D. Manuel de Menezes, sob a presidência do doutor Tomás Rodriguez e sendo testemunhas os doutores Afonso do Prado, James de Moraes, Cosme Lopez e Diogo de Contreiras⁶.

O acto de Guevara não correu com as formalidades simples do costume; porque as conclusões foram aproveitadas por dois estudantes para lhe serem admitidas como acto de formatura, o que veio aumentar o número dos argumentos e dar mais solenidade ao auto.

A segunda parte da oração com que fechava o acto, e era feita pelo presidente, dizia-se do *vexame* e, por uma praxe universitária antiga, se notavam nela ao candidato defeitos que não fossem de sentir.

Dos assentos universitários parece depreender-se que se dispensou Guevara de sofrer êste cerimoniaal.

Dos argüentes ficou apenas memória de Domingos Rodriguez, a quem foi admitido o argumento *pollo auto da sua formatura*, e que figura no assento do acto de Guevara, e Diogo de Ribeira que consta de nota posterior do secretário e do processo a que deu lugar o seu protesto contra a importância das propinas do presidente.

Guevara tomou o grau de doutor em Medicina a 14 de novembro do mesmo ano de 1557. Realizou-se a cerimónia na mesma Sala dos Paços, com a presença de todos os doutores e mestres em Artes.

Formou-se o cortejo no terreiro do mosteiro de Santa Cruz.

Era um dia mais alegre o dum doutoramento então. Logo pela manhã, começava a animar-se o terreiro, e os que entravam para as primeiras missas ficavam-se à porta da igreja, a ver charamelas e trombetas que chegavam, surpreendidos com o movimento que ia na igreja e no mosteiro.

Pouco a pouco, enchia-se de gente o adro lageado que se extendia, como um tapete, diante do portal em que trabalhara mestre Nicolao, tão querido de cortesãos como dos sábios com quem convivia, e cujas figuras aristocráticamente vincadas pela idade e pelo estudo, gostava de copiar em medalhões, com emprezas em que escrevia os altos pensamentos que os traziam alheados a cousas dêste mundo.

Aquecia o ar do outôno, fresco como o da primavera, à carícia do primeiro sol; alegrava-se a voz das trombetas e charamelas.

De repente soava na praça o primeiro riso, punha-se a cantar mais alegremente a água das fontes, a correr. Eram os estudantes amigos do doutorando que chegavam. Alguns tinham ido buscá-lo a casa para se mostrarem com êle.

Todos corriam para o ver de perto, e êle sumia-se, um pouco embaraçado na sua veste de gala, pela Porta Fidalga do mosteiro que se fechava sôbre êle, livrando-o da curiosidade do povo, dos ditos alegres dos amigos.

Desta vez, não se tratava dum desconhecido, dum novo. Guevara viera precedido de grande fama; a Anatomia, que professava, dava-lhe um prestígio estranho.

Corria a sua fama de clínico, citavam-se as suas curas. E tinham então os de Coimbra fama de excelentes clínicos, e aqui os vinham buscar em casos graves, das terras principais do reino e mesmo de Lisboa.

Continuava mais agitada a multidão, ouviam-se alto vozes pedindo passagem. Eram o conservador, o corregedor e o juiz de fora que chegavam.

Estava a praça cheia. Todos esperavam que o cortejo se formasse. Ouvia-se o ruído das ferraduras dos cavalos, batendo impacientemente sôbre o chão.

Soavam isoladamente as trombetas. A todo o momento, se soltavam gritos que faziam correr a multidão para as embocaduras das ruas, onde aparecia a cavalo algum professor já velho, mas respeitador dos antigos usos, de moço solícito à estribeira.

Outras vezes a multidão abria-se e fugia a rir e a praguejar diante do cavalo de fidalgo ou lente novo, feliz por poder mostrar a beleza da sua montada, a arte de bem cavalgar em que primava.

Soavam mais alto trombetas e charamelas, ouviam-se vozes sêcas de mando, formavam-se na multidão ondas desencontradas: ia pôr-se em marcha o cortejo.

Conseguiam alinhar-se trombetas, charamelas e atabales e fendiam lentamente a multidão, que se fechava outra vez atrás dêles, dando trabalho ao meirinho que se cançava para abrir passagem aos doutores e mestres em Artes, seguindo gravemente a cavalo, com suas insígnias, de dois em dois, segundo suas precedências e antiguidades.

Nem sempre, mestres e doutores caminhavam na melhor ordenança, e corria o mestre de cerimónias com sua vara de prata a admoestá-los, tomando nota dos que se não punham logo em ordem, para lhes fazer descontar a terça parte da propina.

Depois do corpo docente, seguia o pagem do doutorando, *bem tratado*, como o requeriam os estatutos, levando na mão direita uma salva, e nela o barrete com a borla.

Atrás do pagem, os bedéis com suas maças de prata aos hombros e, fechando o cortejo, o reitor D. Manuel de Menezes com o padrinho, o doutor Tomás Rodrigues, à direita e à mão esquerda Guevara.

Atravessou assim o cortejo a cidade até ao terreiro da Universidade, aonde entrou ao tocar festivo do sino.

Estes cortejos a cavalo não eram do agrado de muitos doutores.

A cidade era íngreme, a rocha à mostra em muitos pontos. Os cavalos irritavam-se com o ruído da multidão, o toque das trombetas, charamelas e atabales, o arrastar lento do cortejo.

Depois, nem todos levavam a festa com a gravidade dos estatutos, apesar das admoestações do mestre de cerimónias. Alguns eram reincidentes em manhas que perturbavam o cortejo e muito affligiam alguns doutores que desconheciam a arte de bem cavalgar.

O mestre de cerimónias admoestava, acabava por se queixar ao reitor que o mandava compelir os irriquietos pelo conservador e tudo ficava assim remediado até ao primeiro doutoramento.

Por isso alguns apareciam só no acto do doutoramento, outros faltavam, preferindo as penas do estatuto, onde estava escrito que *o que não acompanhar a cavalo e se achar presente no tal grau, perderá mea propina, & não acompanhando, nem sendo presente no acto a perderá toda para o magistrando*.

Na Universidade, ouviu-se a missa, partindo todos dali para a sala dos actos, que estava forrada de tapeçarias e onde se dava o grau.

Tomados os lugares do estilo, Guevara dirigiu-se a D. Jorge de Ataíde, mestre em Artes, que fazia por comissão as vezes de D. Basílio, vigário do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, e portanto cancelário da Universidade, e de pé e de perto, pediu-lhe com uma elegante e breve oração o grau de doutor.

D. Jorge de Ataíde respondeu-lhe testificando suas letras e exames, mandando-o fazer de joelhos o juramento costumado.

O grau foi por fim dado *auctoritate regia*.

Levantou-se Guevara e foi ajoelhar aos pés do doutor Tomás Rodriguez que, depois de lhe elogiar o mérito, lhe pôs na cabeça o barrete com a borla, entregou-lhe a biblia aberta e lhe meteu no dedo o anel doutoral, levantando-o, abraçando-o e beijando-o.

Soaram então a toda a fôrça trombetas e charamelas, levando o doutor Tomás Rodriguez a Guevara até ao vice-cancelário e reitor e a cada um dos mestres que lhe deram o *osculum pacis* e vindo o novo

doutor depois sentar-se nos assentos altos entre o cancelário e o padrinho.

Acabadas estas cousas, o bedel distribuiu as propinas quietamente e sem tumulto, o que nem sempre era fácil, e Guevara ergueu-se para dar graças a Deus e a quem lhe tinha dado a honra de vir assistir ao seu doutoramento.

E formou-se outra vez o cortejo para o acompanhar a casa, pela mesma ordem por que tinha vindo.

Entre os assistentes, notavam-se os doutores Afonso do Prado, Marcos Romeiro, João de Morgoveio, Cosme Lopez e Diogo de Contreiras⁷.

O doutor Tomás Rodrigues tomou posse da cadeira de Prima a 3 de janeiro de 1558. No mesmo dia tomou posse também Jorge de Sá da substituição de Véspera e Francisco Lopes da sua cadeira.

O doutor Tomás Rodriguez regia já Prima desde 9 de outubro de 1557, tendo-se seguido a Guevara que regera os dias anteriores, em substituição.

Tomás Rodriguez houvera a cadeira por provisão real, que lhe marcava cento e vinte mil reais de salário e o mandava contar desde o comêço de outubro de 1557.

Jorge de Sá e Francisco Lopez haviam começado a ler em outubro, mas o Conselho recusara-se a mandar-lhes pagar senão da data da posse em diante, aconselhando-os a que se provessem pela côrte para vencer desde o primeiro de outubro como pediam.

Jorge de Sá pediu mais para gozar os privilégios de lente, posto que fosse substituto, o que foi levado a conselho de deputados e conselheiros.

Do caso ficou a acta que transcrevemos por característica do modo como no renascimento se pugnava por privilégios e honrarias, que então tinham um valor muito positivo.

Q O L^{do} JORGE DE SAA NA SUBSTITUIÇÃO
DE VESPORA DE MEDEÇINA HE LETE

«Aos oito dias de Janr^o de j^bc l^{ta} e oito años na çidade de Coimbra e casa dos paços del Rey nosso s^õr onde se faz o c^õselho da vniversidade sendo hi presente o s^õr d^õ Jorge dalm^{da} Reitor e o doutor Marcos Romeiro e o. d. m^{tre} alu^{ro} da fonseca e o. d. James de Moraes e o d. Luis de Crasto pachequo e o d. fernão paiz. e o. d. Eitor Roiz e o. d. Aires pinhel e o. d. thomas Roiz e o d. fr^{co} Lopez e o brêl fr^{co} de melo e o brêl Joam de figr^{do} e o brêl grauiel da costa e o mestre g^{ar} da costa e o m^{tre} M^{el} de pina | E o m^{tre} dj^o Roiz e o m^{tre}

p^o de sousa e o brêl dõ Joam deça e o brêl lionis Simões. e o m^{tre} daniel da Costa e o m^{tre} ant^o soarez deputados e cõselhr^{os}. juntos e chamados a cõselho e cõselho fazendo seg^{do} seu costume hi pareçeo o L^{do} Jorge de Saa e dise q̄ Elle se oppusera na corte a substituição da cadeira de vespora de medeçina q̄ El Rey q̄ deos tem mandara vagar cõ outras duas Cadeiras da faculdade e por elle se oppor a dita substituição como a mais prencipal das outras duas cadeiras por a ella se asentar çinquêta mil rrs dordenado por año e a cada hũa das outras cadeiras quarêta mil rs. soom.^{te} e elle a leuar por mais votos como polla provisam q̄ se ahi leo se podia ver e por na verdade a dita substituição se não poder dizer propriam^{te} substituição por não aver lente de bespora e o dito nome não se lhe por | senão afim de se não dar todo o ordenado da cadeira | e por tambem elle ser provido por opposição e prouisão de sua alteza. pedia ao dito cõselho o declarasem por lente e gozar dos previllegios e preeminências de q̄ gozam os tais | por a substituição q̄ lia ser muj diferente das substituições q̄ pollos estatutos, se ordenam em ausençia ou doença dos lentes proprietarios e visto seu Requerim.^{to} e as Razões. apontadas e tratando se outras de nouo e praticando se algũs acordos q̄ sobre os substitutos dado cõforme aos Estatutos sam feitos acharão. q̄ esta substituição he muj diferente das outras asi no salairo como na provisam, e por tambem cõstar q̄ quando se proueo na Corte se disera por p^{as} q̄ o bem podiam saber q̄ a tençam de sua alteza era q̄ o tal substituto fose auido por lente. asentou se e declarou se q̄ elle L^{do} Jorge de Saa era lente e gozaua emquanto leese a dita substituição | dos previllegios graças e preeminências de q̄ gozam os lentes de propriedade n'esta vniversi.^{de}.

O acto de Véspera de Guevara deu origem a mais uma das pequeninas questões de emolumentos de que está cheia a história das universidades do renascimento, casos comuns na vida corrente desta época, dentro e fora das universidades. Os emolumentos tinham então muito de arbitrário e eram por isso freqüentes as questões que por vezes se alongavam e nos fazem ver hoje pitorescamente a vida dêste tempo, através das actas dos concelhos, que são em geral mais pródigas em detalhes pitorescos do que em indicações seguras da vida científica de então.

Foi o caso que o doutor Tomás Rodriguez, que presidiu, como vimos, ao acto de Véspera de Guevara, pedia por êsse factó três cruzados, ou fossem, dois cruzados a mais do que mandavam os estatutos, argumentando que não era segredo para ninguem que o doutor Rodrigo Reinoso estava em costume de os receber.

O Conselho acabou depressa com a questão, mandando contar um só cruzado ao doutor Tomás Rodriguez e explicando que, se o doutor Rodrigo Reinoso levava mais dois cruzados do que marcavam os estatutos, era por fazer o *vexame* e por acordo particular que fazia com os que se graduavam.

Pedia mais Tomas Rodriguez duzentos reais a Diogo de Ribeira bedel de Medicina, e a Domingos Rodrigues por ter presidido nas conclusões que estes defenderam no auto de Véspera de Guevara, e lhes haviam sido admitidas como auto de Formatura. Alegava o bedel que pelo estatuto era Guevara o presidente do seu acto, e que por isso nada devia a Tomás Rodrigues.

O Conselho mandou que, por estas dúvidas serem em prejuízo de terceiro, fosse chamado o doutor Tomás Rodriguez ao primeiro Conselho e se lhe ouvissem as razões que tinha para levar as propinas que pedia.

Realizou-se o primeiro Conselho a 11 de novembro do ano de 1557, em que iam os. Eram do Conselho, além do reitor D. Jorge de Almeida, os mestres Diogo Rodriguez, Pero de Sousa, Daniel da Costa e Antonio Soarez e os bachareis D. Jorge de Eça e Leonis Simões.

O doutor Tomás Rodriguez alegou que tivera no acto de Guevara mais trabalho do que deveria ter; porque as conclusões de Formatura eram diferentes das de Véspera, em maior número e de mais trabalho. Por isso tivera nove em vez de três, as vira e examinara em casa para se porem nas portas das Escolas, presidira e dirigira os argumentos dos bachareis, o que tudo lhe dera por isso mais trabalho que era justo lhe fosse pago. Quanto ao mais das dúvidas, punha-se nas mãos do Conselho.

Êste resolveu que se pagasse ao doutor Tomás Rodriguez, como êle pedia e era de justiça, se se provasse que as cousas se tinham passado como o estatuto exigia e Tomás Rodriguez alegava. E encarregava o queixoso, Diogo de Ribeira, de apresentar estas provas. Ele mesmo se havia de condenar.

Para lhe espertar a diligência, o Conselho resolvia mais que as conclusões que Diogo de Ribeira tivera no acto de Guevara lhe não fossem levadas em conta, a não ser que provasse que tinham sido nove as conclusões, em que lhe haviam argumentado os bachareis da faculdade, e que se tinham guardado os mais requisitos que *no auto de formatura se soem guardar*.

Se tudo se houvesse passado legalmente, Diogo de Ribeira, teria o seu grau de formatura, e legalmente teria de pagar ao doutor Tomás Rodriguez o que êle pedia, se tal não fosse, Diogo de Ribeira não pagaria; mas teria de repetir o seu acto de formatura.

O Conselho não queria porém mais discussões e assentou *q̄* *daqui por diante ninhũ auto em q̄ se requeiram nove cõcrusões se tenha no auto de vespérias nẽ de doutoram^{to} nẽ se lleve em cõta ainda q̄ se tenha por formatura nẽ por outro semelhante auto por ser solene e se auer de fazer por si cõ a solenidade q̄ os Estatutos ordenão.*

Mais tarde, Diogo Ribeira alegou que era costume muito antigo da Universidade levarem-se em conta as conclusões defendidas nos actos e pediu que o não agravassem, pois guardara a forma dos estatutos. O Conselho resolveu que, se se provasse que de dez anos àquella parte se passava assim, se lhe admitisse a dita formatura. E encarregava-o a êle de o provar.

Há neste pequeno episódio da vida universitária qualquer coisa em que nos parece encontrar a característica da vida de então, em que a ironia era arma freqüente⁸.

O bedel era formalista, estava habituado a contar. O Conselho obrigou-o a castigar-se a si mesmo, ou a reconhecer a razão de Tomás Roiz. Ele optou naturalmente pela última resolução.

Deixando o incidente, voltemos ao nosso anatómico.

Guevara começou, como dissemos, a ler a cadeira de Cirurgia a 25 de outubro de 1557.

De 10 de novembro a 18 do dito mês, deixou de ler por doença.

A 15 de janeiro de 1558 deixou outra vez de ler, regendo outro por êle, que os assentos universitários dizem ser o bacharel Diogo Ribeira e que eu julgo ser Domingos Rodrigues, que aqui aparece com o nome alterado pelo secretário.

A cadeira de Cirurgia foi regida no mesmo dia, em substituição pelo nosso conhecido Diogo de Ribeira. Assim fez a 12 de fevereiro.

A 15 de fevereiro avisou Guevara de que fazia nesse dia Anatomia e por isso não leu o licenciado Jorge de Sá, a quem êle o mandara dizer⁹.

Diogo de Guevara não fez porém nesse dia Anatomia.

Nada mais pudémos averiguar de Guevara até 12 de julho dêste ano em que êle pediu licença para ir a Castela, e ser contado no caso de os outros lentes de Medicina não lerem por falta de ouvintes.

Assistiram a esse Conselho o reitor D. Jorge de Almeida, o licenciado Diogo de Paiva de Andrade, o bacharel Leoniz Simões, o bacharel Manuel Carrilho e mestre Leonel da Costa.

Argumentava Guevara que, se por haver ouvintes, fosse substituído que então era regular que êle deixasse de receber o tempo em que andasse ausente; mas que, se não ouvesse estudantes, e êle não fosse substituído, que era também regular que ganhasse.

Informou também o Conselho de que não regera naquela terça uns vinte dias por andar muito ocupado com uma cura em Santa Clara, provavelmente no mosteiro, embora o não diga a acta que oculta assim o nome da freira.

O Conselho deu-lhe licença para ir para Castela, mas recusou-lhe os vencimentos enquanto por lá andasse, e negou-lhe o pagamento dos vinte dias em que faltara, a não ser que jurasse que fôra impedido por doença ¹⁰ ¹¹.

A 16 ou 17 de julho partia Guevara por Castela, mas já a 7 de setembro estava de volta e aparecia em Conselho pedindo-lhe mandassem abonar as oito ou nove lições a que tinha faltado; porque os outros lentes não tinham lido por falta de ouvintes, e o mesmo lhe teria acontecido a êle, se estivesse, ao tempo em Coimbra e quizesse reger.

O Conselho decidiu que não fosse contado; porque os outros professores, se não tinham lido, tinham residido, ao passo que êle tinha estado ausente, não havendo por isso paridade entre os dois casos, e ficando assim sem fôrça as razões invocadas.

Pela acta das faltas se vê que Guevara regeu neste ano as duas cadeiras de Anatomia e Cirurgia.

Depreende-se também que já êste ano fizera trabalhos práticos, *anatomia*, como dizem os livros do Arquivo, mas nada se sabe da forma por que estava organizado o ensino, embora, como já aventámos, tudo leve a crer que o estivesse de forma análoga à de Lisboa ¹².

Há um pequeno incidente da vida universitária dêste ano de 1558 em que se antevê um fio condutor que os documentos posteriores partem pelo seu completo silencio a tal respeito.

No primeiro de abril de 1558 apresentou o dr. Cosme Lopes na mesa da fazenda da Universidade uma provisão com sua apostilha, que por curiosa transcrevemos dos *Documentos de D. João III*, onde a encontramos a fl. 109 v.:

DO DOUTOR COSMO LOPZ XX R̄S POR CURAR
OS STUDANTES POBRES

«Eu El Rey faço saber a uos Reitor e deputados do negocio da fazêda da vnjūsidade da çidade de coimbra, que Eu ey p̄ bē e me praz que o doutor Cosmo loṗz meu fisico tenha daquj en diāte cargo de ujsitar e curar de graça os estudantes pobres da dita vnjūsidē quando estiuerē doentes e p̄ elles for chamado da parte dos dītos estudantes ou pelos mordomos da confraria da dita vnjūsidē e asi os collegiaes

do collegio de são paulo e os doentes e efermos do spritall que ora quero ordenar que aia na dita cidade o q̄l carrego o dito doutor Cosmo loþz tera e quoãto eu ouuer por bẽ e não mãdar ho cõtrº | e avera cõ elle ujte mjl rs de mãtimẽto ordenado e cada huũ aũo a custa das rendas da dita vnjũsidade | os q̄aes lhe vos fareis pagar do primrº dia de oytubro do aũo pº de q̄nhẽtos e cynq̄enta e sete e diãte as terças segundo ordenança comp̄ndo elle cõ ha obriguacão acima dita e ey por bem q̄ este alurª valha & tenha força e vigor como se fose carta feita e meu nome p̄ m̄j asinada e pasada por mynha chãcellaria sem eẽbargo das ordenacões q̄ ho cõtrº despõe jorge da costa o fez e lixª aos (sic) dias de janrº de mjl e q̄nhẽtos e cȳq̄enta e oyto | Manoel da costa o fez esp̄ver

Raynha

E porquoãto pelos statutos da dita vnjũsidade he mãdado que os lentes de medeçina dela quando forẽ chamados pelos mordomos da cõfraria da dita vnjũsidade para visitar alguũ estudante pobre q̄ estiuer doẽte ho vesitẽ e curẽ | não ficarã os ditos lentes desobryguados aũtes se cõprirã nesta parte os ditos statutos posto q̄ ho dito doutor cosmo loþz aya de visytar e curar os studantes pobres da dita vnyũsidade q̄ando estiuere doẽtes como he declarado no alurª acima escrito e esta apostila nã pasara pella chª jorge da costa a fez e lixª a 4 de março de 1558. Manuel da costa o fez esp̄ver

Raynha».

Dão-nos estes documentos a conhecer, uma obrigação dos professores de Medicina que não foi conservada nos estatutos de 1591, a de visitarem os estudantes pobres, quando chamados pelos mordomos da confraria.

Nos estatutos de 1591 encontra-se, na verdade, apenas o parágrafo seguinte:

¶ Quando algum studãte pobre adoecer, o mordomo da confraria terá cuidado de o mãdar prouer das cousas necessarias pera sua saude, até quatrocentos *reais*, & auendo de fazer maior despesa o fará a saber ao Rector, & com seu parecer se gastará o que mais for necessario: & o escriuão não deitará em despesa o que passar de quatro centos *reais* sem escrito do Rector, & alem dos mordomos deuerem ter muito cuidado de saber dos pobres enfermos, o Rector o deve tãbem ter mui particular: & mandará ao buticario da Vniuersidade, que per razão de seu officio & priuilegio he obrigado dar as mêsinhas necessarias aos ditos studantes pobres de grãça as dé em abastãça & das melhores: & não o cumprindo elle assi o fara a saber ao Rector, pera

que o constranja a cumprir a dita obrigação, ou elleja outro em conselho.

Nada passou para estes estatutos do que se diz ter estado nos estatutos anteriores, o que deve pôr-nos de sobreaviso sôbre as deducções que é costume fazer, das prescrições dêstes estatutos para as dos anteriores.

Do documento se conclue, e por isso o transcrevemos, que ao tempo se pensava na reorganização do hospital.

Já em 29 de novembro de 1557, a Universidade, defendendo-se de dar à Companhia de Jesus o conto e quatro centos mil reaes que lhe pediam para sustento do Colégio das Artes que ficara a cargo dela alegara a obrigação *em q̄ a universidade esta de fazer escollas ospital e cadea.*

NOTAS E DOCUMENTOS

¹ O documento que segue é inédito. Teve conhecimento dêle o cônego Prudêncio Garcia, que deu parte do achado a Sousa Viterbo. Êste, a pág. 6 da quarta série da sua *Noticia sôbre alguns médicos portugueses*, publicou, como sendo *o que a similhante propósito se lê*, no livro do Arquivo, a nota sumariada que dêle extraira o cônego Prudêncio Garcia para lhe enviar.

Por lhe faltarem documentos necessários e existentes no Arquivo, Sousa Viterbo não poude compreender a nota que publicou.

CARTA A SUA ALTEZA SOBRE O L^{DO} GUEUARA

«Aos onze dias do mes doutubro de j̄bc l^{ta} e sete años na çidade de Coimbra E Casa dos paços delRei nosso Sôr onde se faz o cõselho da Vniversi.^{de} sendo hi presente o sôr dõ Mel de meneses Reitor E o mestre p^o leitão E o b̄fel dõ Jorge dalm^{da} e o b̄fel djo mendez da Costa Conselhr^{os} e asi o b̄fel djo da rrosa cõselhr.^{os} Juntos E chamados a cõselho E cõselho faz^{do} seg^{do} seu costume | hi se apresentou. hũa petição dos ouuintes de medeçina Em q̄ deziam q̄ a sua notiçia viera q̄ ao L^{do} alonso Roíz de gueuara lente de medeçina E anatomia Juntam^{te} se dera ora hũa prouisão del Rei nosor em q̄ lhe mandaua leer outra lição de çirurgia alem da sua lição do q̄ se Elle sentira agrauado E tinham para si q̄ se queria hir para Castela E por q̄ sua lição he muj^{to} necesaria E elle muj^{to} suficiẽte para a ler E seria grande p̄da Elle hirse desta Vniversi.^{de} o q̄ seria tanbẽ causa de se hirẽ os ouuintes buscar quẽ lhes lea a dita lição pediam escreuese Este cõselho a sua alteza o não consentise hir E o mandase q̄ viesse leer faz^{do} lhe merçe. E acrescentando lhe o salario em maneira q̄ se Elle pudese sustentar E sofrer o trabalho de duas lições. E praticado o q̄ asi pediam se asentou. q̄ se escreuese a Carta a sua alteza. na maneira q̄ os Es-

tudantes pedē por ser asi gram falta na dita faculdade de medeçina não se leer a lição da anathomia E mais por p^a tam suficiēte E dota Como o dito L.^{do} he pedindo a sua alteza o mande a vniversi.^{de} E acrecente o salario em modo q̄ se possa sustentar E sofrer o trabalho de duas lições»¹.

² É inédito o documento seguinte que resolve as dúvidas em que o conhecimento incompleto dos documentos da Universidade lançou Sousa Viterbo.

SOBRE A CADEIRA DE ÇERURGIA

«Aos vinte E cinco dias do mes doutubro de jbc l^{ta} e sete años na çidade de Coimbra E Casa dos paços delRei nosso s^{or} onde se faz o cōselho da Vniverside sendo hi presente o sor d^o M^{el} de menses Reitor | E o mestre p^o leitão E o b^{fel} d^o Jorge dalm.^{da} e o b^{fel} d^o mendez da Costa E o mestre gaspar da costa E o mestre fr^{co} lopez Cōselhr^o Juntos E chamados a cōselho E cōselho fazendo segundo seu costume. hi apresentou. o L.^{do} a^o Roíz de gueuara lente de medeçina E anathomia h^{ua} prouisião. delRei noso s^{or} asinada polla Rainha nosa S^{ra} | Em q̄ se cōtinha ser informado ser neçesaria h^{ua} licção. de çirurgia E pola boa Informação q̄ tinha do L.^{do} a^o Roíz de gueuara lente de anathomia E cerurgia, E de sua suficiēncia auia por bem q̄ elle lea a dita Cadeira de çirurgia em quanto ouuese por bem E não mādase o cōtrairo E q̄ lea a ora q̄ ao Reitor E cōselhr^{os} ordenasē. Em cōselho | E q̄ ouuese cō ella Em cada h^u año vinte mil r̄s pagos no R.^{dor} as terças. segundo ordenança. E a dita prouisião era escrita por Sebastiam da Costa E soscrita por M^{el} da Costa aos vinte e seis dias de setembro de jbc l^{ta} e sete. E apresentada. se mandou cōprir como se nella cōtem. E asinouse q̄ se lea a dita Cadeira de çirurgia de duas a tres. no inuerno E de tres a quatro no uerão. E q̄ lea o dito L.^{do} guido ou Joanis de uiguo qual lhe millhor E mais proueitoso parecer. E mandouse a mⁱ escriuão q̄ lhe dee a pose della»².

³ L̄ RS AO L.^{do} ALONSO ROÍZ DE GUEUARA | A CATHEDRA
DE ANOTHOMIA EMQUATO NAÕ MANDAR O CÕTRAIRO CÕ L̄ RS

«Eu elRei faço saber a vos Reitor & cōselhr.^{os} da vniversidade de Coimbra q̄ polla boa informaçaõ q̄ tenho do L.^{do} alonso Roiz de gueuara e por lhe fazer merçe ei por bem & me praz q̄ elle leia nesa vniversidade na ora & tempo q̄ lhe por vos for ordenado h^{ua} cadeira de medeçina & anotomia Juntam.^{te} a qual lera em quanto eu ouuer por bem & a vera della cinquēta mil r̄s. de salario em cada h^u año | pollo q̄ vos mando q̄ lhe deis pose da dita cadeira & lha leixeis leer & aver o dito sallairo o qual lhe mandareis pagar no R^{or} das Rendas da dita vniversidade as terças seg^{do} ordenança della | E elle sera obrigado a começar de leer a dita Cadeira. do primeiro. dia doutubro de este año presente de jbc l^{ta} & seis em diãte e porē começando a leer antes do primeiro dia. doutubro, sera a isso admitido & lhe sera pago o dito salario do dia q̄ a começar a ler E este alur^a ei por bem q̄ valha & tenha força & vigor como se fose carta feita em meu nome por mⁱ asinada & pasada per minha chan-

¹ Arquivo da Universidade, *Concelhos*, vol. 2, fl. 377 e v.^o

² Idem, *Ibidem*, fl. 379 v.^o e 380.

celería. & posto q̄ por ella não seia pasado. sem embargo das ordenações do seg^{do} liuro q̄ o contrairo dispoem. Jorge da costa o fez em lix.^a a oito dias de Junho de jbc lta & seis Me^l da costa o fez sprever

Rei | »¹.

XX RS AO L^{do} A^o ROIZ DE GUEUARA ALĒ COS L̄ RS ATRAS
CŌ A MESMA CATHEDRA |

«Eu elRei faço saber a vos Reitor & cōselhr.^{os} da vniuersidade da çidade de Coimbra q̄ por fazer merçe ao L^{do} alonso Roiz de gueuara q̄ ora mando q̄ leia nesa vniuersidade hũa. cadeira de medeçina & anotomia Juntam.^{te} em quanto eu ouuer por bem, cō çinquēta mil r̄s de sallairo cada año | seg^{do} se cōtem na prouisão. q̄ lhe diso pasei | Ei por bem & me praz q̄ elle tenha & aia vinte mil r̄s. cada año mais. alem dos ditos çinquēta mil r̄s. em quanto leer a dita Cadeira | os quaes vinte mil r̄s. lhe vos mandareis pagar t̄ cada hũ año a Custa das Rendas da dita vniuersidade no R^{or} dellas as terças asi & da maneira. q̄ se lhe ande pagar os ditos çinquēta mil r̄s. hei por bem q̄ este alura valha & tenha força & vigor como se fosse Carta feita em meu nome por m̄ asinada & pasada pla chanceleria. E posto q̄ este por ella não seia p.^{do} sem embargo das ordenações do 2^o liuro q̄ o cōtr.^o dispoem Jorge da costa o fez em lix.^a a oito de Junho de jbc lta & seis. Me^l da Costa a fez escreuer Rei

Eu djo daz^{do} escriuão do Cōselho Registei esta prouisão & a datras aos 22 de Junho de 1556»².

Q̄ O L^{do} A^o ROIZ DE GUEUARA
LEA A CADEIRA DE CURURGIA
CŌ XX RS EM QUĀTO OUUER POR BĒ

«Eu elRei faço saber a vos Reitor lentes & cōselhr.^{os} da vniuersi.^{de} da çidade de Coimbra q̄ eu sam emformado q̄ he necessario aver nesa vniuersi.^{de} hũa lição de solorgia E por a boa Informaçãõ q̄ tenho do L^{do} alonso Roiz de gueuara lête de medeçina & anathomia & de sua suficiēncia Ei por bem E me praz q̄ elle leja daqui em diante a dita lição de solorgia Em quanto Eu ouuer por bem & não mandar o cōtrairo a qual lição leera a ora q̄ lhe por nos Em cōselho for ordenada E auera cō Ella vinte mil r̄s de salario Em cada hũ año. pagos no R^{or} das Rendas da vniuersi.^{de} as terças seg.^{do} ordenança & este naõ passara pella chanceleria. Sebastiam da Costa o fez Em lix.^a a xxbj dias de setembro de jbc lta & sete Manuel da Costa a fez escreuer

Raynha

E eu djo daz^{do} o treladei do propio q̄ tornei ao dito L.^{do} & tomou a pose aos xxbj dias do mes doutubro de jbc lta & sete años»³.

¹ Arquivo da Universidade, *Documentos de D João III*, fl. 105.

² Idem, *Ibidem*, fl. 105 v.^o

³ Idem, *Ibidem*, fl. 131.

Q̄ O DOUTOR A^o ROIZ DE GUEUARA
AIA MAIS XX RS CÔ A CADEIRA
DE CORURGIA | & ESTA O TRELADO DA
PROUISÃO ADIANTE AS FF. 131

«Eu ElRey ffaço saber a uos R^{tor} e deputados do despacho das cousas da fazenda da vniuersid^e de coimbra q̄ eu ey por bem & me praz fazer merçe ao doutor alonso Roiz de gueuara que por meu mandado lee na dta vniuersid^e hũa liçã de sorrrogia cõ vinte mjl f̄s de sallayro cadano é quão to eu ouuer por bem e naõ mandar o contr^o de dez mjl f̄s mays cadaño cõ a dta lyçãõ t̄ q̄oanto a ler & o eu ouuer por bem alem dos ditos vynte mjl f̄s para serẽ trynta mjl f̄s os q̄aes dez mil f̄r lhe uos fareis pagar e cada huũ año no Reçebedor das Rendas da vniuersid^e as terças segundo ordenança della da feytura deste alur^a t̄ diãte que ey por bẽ q̄ valha como carta posto q̄ não seja pasado p̄la chancelaria s̄ẽ eẽbargo das ordenações e contr^o adre sardinha o fez e lixa a v̄jte e dous dias de junho de mjl & quinhentos cynçenta & oyto | Manuel da costa o fez esprever R^a o q̄l eu paulo de Barros aq̄ tresladey do proprio»¹.

⁴ A propósito do documento que abaixo transcrevemos, poderíamos reproduzir todas as observações da nota 1.

POSE Q̄ TOMOU O L^{do} A^o ROIZ DE GUEUARA
DA CADEIRA DE CERURGIA

«Aos vinte E seis dias do mes doutubro de j̄bc l^{ta} & sete años na çidade de Coimbra & Casa dos paços delRei nosso Sor onde se lee medeçina Eu escriuão abaixo nomeado por virtude da prouisão delRei noso Sõr q̄ o L^{do} A^o Roiz de gueuara presentou. Em cõselho E por mandado do sor Reitor E cõselhos dei pose da Cadeira de corurgia ao dito L^{do} E elle a tomou Comecando de leer E subindo na Cadeira E faz^{do} os mais autos por q̄ se aquire pose E forãõ test.^{as} o doutor frco lopez. & duarte peixoto. E loguo lhe declarei q̄ auia de leer a dita liçãõ de duas a tres no uerãõ e de tres a quatro no inuerno E dei lhe Juram^{to} dos santos Evangelhos de a bẽ leer E elle o prometeo asi. dj^o daz^{do} o escreui»².

⁵ As mesmas observações da nota anterior.

APRESENTAÇAM DA CARTA DO LIÇENCIAM^{to}
DE A^o ROIZ DE GUEUARA

«Aos trinta dias do mes doutubro de j̄bc l^{ta} & sete años na çidade Coimbra E pousadas do Sor dom M^{el} de meneses Reitor Em sua presença pareceo o L^{do} A^o Roiz de gueuara lente danathomia E medeçina E apresentou a sua Carta do dito grao de L^{do} q̄ Reçebera na Vniuersi.^{de} de Siguença cidade dos Reinos de Castella Em q̄ se mostraua o L^{do} dioguo de spinosa prouisor da see da dita çidade de siguença cançelario da vniuersi.^{de} della deu o grao de liçença para se fazer doutor ao dito

¹ Arquivo da Universidade, Documentos de D. João III, fl. 107 v.^o

² Idem, Conselhos, vol. 2, fl. 381.

aº Roíz de gueuara natural da diocesis de granada na faculdade de medeçina aos vinte & oito dias do mes de abril de jbc lta & dous años sendo presente o mestre Joam garcia de frechilha Reitor da dita vniversi.de E o doutor Joam gutierrez deCano da Vniversi.de & bertolameu de torres & pº Roseiro & frº delgado | E a dita Carta era asinada do pº sinal de Joan valcacar notairo apostolico | pedindo Elle Ldo a elle Sør Reitor dõ Mºl de meneses lhe admitise o dito grao de liçença como se nesta vniversi.de o Reçebera por os Estatutos asi ordenarẽ por Elle ser lête nella & Elle sør Reitor por virtude do dito Estatuto lhe admitio o dito grao de liçença Em medeçina & mandou q̄ dello se fizese asento para em todo tẽpo se saber djo dazdo o escreui» 1.

6

VESPERIAS DO LDO RÍZ DE GUEUARA PARA
DOUTOR EM MEDEÇINA | E FORMATURA DE DJO ROÍZ

«Aos doze dias do mes de nouro de jbc lta & sete años na çidade de Coimbra E Sala dos paços delRei noso sør. sendo hi presente o Sør dõ Mºl de meneses. Reitor E o doutor thomas Roíz presidente | o Ldo aº Roíz de gueuara teue o seu auto q̄ se chama vesperias para se fazer doutor Em medeçina | E o bñel domingos Roíz sustentou as Cõcrusões. das. vesperias. E foi lhe admitido Este auto pollo da sua formatura E forão testas o doutor aº do prado E o doutor James de moraes. E o doutor Cosme lopez E o doutor djo de cõtreiras E outros e eu djo dazdo o escreui» 2.

7

DOUTORAMTO DE ALONSO ROÍZ
DE GUEUARA

«Aos Catorze dias do mes de nouro de jbc lta & sete años as noue oras de polla minhaã na çidade de Coimbra E sala dos paços delRei noso sør sendo hi presẽte o sør dõ Mºl de meneses Reitor E todos os doutores & mestres. dõ Jorge dataide mestre Em artes & vice Cañelario por Comisãõ de dõ basilio vigrº do mostrº de santa cruz & Cañelario da vniversidade | autoritate Regia deu o grao de doutor Em medeçina a affonso Roíz de gueuara da diocesis de granada dos Reinos de Castella E por sua Comisãõ o doutor thomas Roiz lente de prima de medeçina padrinho lhe pos-& deu as Insignias doutoraes. Sendo presentes o doutor aº do prado e o doutor Marcos Romeiro E o doutor Joam de morgoueo E o doutor Cosme lopez E o d. dº de Cõtreiras & outros E eu dº dazdo lhe dei Juramto Cõforme aos Estatutos q̄ esto escreui» 3.

8

FORMATURA DE DJO RIBEIRA

«djo de Ribeira natural de beia sustentou no doutoramto de aº Roiz de gueuara as cõcrusoës q̄ se Requerẽ para a formatura do seu grao de bñel Em medeçina E forão testas o doutor thomas Roiz E o doutor aº Roíz de gueuara q̄ presidio E o doutor djo de Cõtreiras djo dazdo o escreui» 4.

1 Arquivo da Universidade, *Autos e provas*, vol. 5, fl. 124 v.º

2 Idem, *Ibidem*, vol. 5, fl. 125.

3 Idem, *Ibidem*, fls. 125 e 125 v.º

4 Idem, *Ibidem*, fl. 125 v.º

SOBRE AS PROPINAS
DA FORMATURA

«no dito cōselho propos o Sōr Reitor q̄ o bedel de medeçina | pedira neste cōselho se declarase. se o doutor thomas Roiz q̄ presidio nas vesperias do doutor a^o de gueuara. auia de leuar mais de quatroctos r̄s q̄ os estatutos ordenão ou tres. cruzdos Como Elle pedia dizdo q̄ o doutor R^o de Reinosso lente de prima Estaua Em Costume de o leuar | E q̄ asi determinasem se o dito doutor auia de leuar ductos r̄s mais q̄ lhe pedia por as cōcrusões q̄ elle domingos Roiz bedel. sustentara nas ditas vesperias. as quaes se lhe admitiam pollo auto da formatura do seu grao de b̄fel Em medeçina | dizendo q̄ cōforme aos Estatutos. Elle doutor tinha da dita formatura ductos r̄s | E mais dise q̄ o dito doutor lhe pedia mais ductos r̄s. das cōcrusoēs q̄ djo de Ribra sustentou. no auto de doutoram.^{to} do dito a^o Roiz de gueuara | as quaes cōcrusoēs tambem se lhe admitiam para a formatura do seu grao de b̄fel. E por quanto cōforme aos estatutos o novo doutor he presidente nas ditas cōcrusoēs q̄ suas merçes visem se o doutor thomas Roiz auia de aver as ditas propinas Como pedia ou lhe mandasē o q̄ no Caso deuia fazer E praticado tudo E vistos os Estatutos q̄ no Caso falam. asentouse q̄ na presidencia das vesperias leue o doutor presidente hū cruzdo soom^{te} por q̄ se o doutor R^o de Reinosso leuaua tres cruz.^{dos} Era pollo vexame & por cōçerto q̄ fazia cō os q̄ se graduauam. e isto se asentou. neste cōselho E por as mais duuidas. serē em perJuizo de terceiro | mandarão q̄ para o primeiro cōselho se chamase o dito doutor thomaz Roiz E se lhe ouuise as Rezões q̄ tem para leuar as ditas propinas | ».

SOBRE AS DITAS PROPINAS

«E despois disto aos onze dias de dez^{ro} de j̄bc l^{ta} & setē aões na çidade de Coimbra E Casa do cōselho | sendo hi presente o dito sōr dō Jorge dalm^{da} Reitor E o mestre djo Roiz E o mestre p^o de souza | E o b̄fel dō Joam deça E o bacharel lionis simoēs E o mestre daniel da Costa E o m^{tre} anto soarez Juntos E chamados a cōselho E cōselho fazdo segundo seu costume | hi pareçeo o doutor thomas Roiz. E dise q̄ Elle presidira nas vesperias do doutor a^o Roiz de gueuara E q̄ no mesmo auto tiuera domingos Roiz hūas cōcrusões as quaes se lhe admitem pollo auto de formatura E por q̄ Este auto de formatura he muj^{to} diferente das cōcrusoēs q̄ se ande ter nas vesperias as quaes sam de tres cōcrusoēs soom^{te} & o presidente lhe argumēta cō hū so meio pro forma & o auto de formatura he de noue cōcrusoēs. as quaes o presidente Em sua Casa vee & examina & asina para se porē na porta das escollas | & despois lhe argumēta cō dous meios e preside aos argumētos q̄ os bacharēs da faculdade propoem e em derecaos ho q̄ Elle tudo fez no auto & cōcrusoēs do dito domingos Roiz pollo q̄ se lhe deuia a propina da presidencia da dita formatura p̄r nella ter mais trabalho do q̄ tiuera nas cōcrusoēs das vesperias como dito tinha & quanto as mais duuidas dise q̄ elle sōr Reitor E cōselho o determinē como lhe bē parecer | E saindose fora | se praticou o caso E visto o por Elle alegado E como Era diferēte o trabalho de hū auto E do outro sem embargo de se sustentare as ditas cōcrusoēs no auto das vesperias asentouse q̄ se pague ao dito doutor thomas Roiz sua presidencia de formatura | E o dito domingos Roiz prouara diante delle sor Reitor q̄ tinha noue cōcrusoēs E q̄ lhe argumētarão os brēs da faculdade e q̄ se guardarão os mais Requesitos q̄ no auto de formatura se soem guardar. E feita a proua por Esta maneira se lhe admita o dito auto por formatura do seu grao E doutra maneira não | ».

SOBRE A FORMATURA DE DJO RIBEIRA

«E quanto as cõcrusoẽs q̄ teue djo Ribeira no doutoram^{to} de a^o Roiz de gueuara | asentouse q̄ se Elle guardara a forma q̄ pollos Estatutos se Requere no auto da formatura | q̄ ao doutor thomas Roiz padrinho pertença a propina E porem. por o seu auto não ser de noue cõcrusoẽs nẽ se guardarẽ nelle as mais çerimonias neçesarias q̄ lhe não fosse admitido por formatura | saluo prouando Elle q̄ as ditas cõcrusoẽs eram noue E q̄ as pos na porta das escolas asinadas & q̄ cõprio cõ. o mais q̄ os Estatutos ordenão | E não o prcuando | tera o auto de formatura & pagara a propina a quẽ lhe presidir E aos offiçiaes não pagara por lhe ter Jaa pago | ».

Q̄ NINHŪ AUTO DE 9. CÕCRUSOES SE TENHA
EM VESPERIAS NE EM DOUTORAM.^{to}

«E asentouse no dito cõselho q̄ daqui por diante ninhũ auto Em q̄ se Requeiram noue cõcrusoẽs se tenha no auto de vesperias nẽ de doutoram^{to} nẽ se lleue em cõta ainda q̄ se tenha por formatura nẽ por outro semelhante auto por ser solene E se auer de fazer por si cõ a solenidade q̄ os Estatutos ordenão | »¹.

POSE DAS CADEIRAS DE MEDEÇINA |

«e logo o dito dia tres de Jan^o de j^{bc} l^{ta} & oito años no geral dos pacos onde se lee a medeçina eu djo daz^{do} por virtude das prouisoẽs delRey nosso sor q̄ se apresentarão no cõselho atras dei a pose ao doutor thomas Roiz da Cadeira de prima de medeçina | & ao L.^{do} Jorge de saa da substituição de Vespóra da dita faculdade e ao doutor fr^{co} lopez da Cadeira de medeçina por se asentarẽ na Cadeira E começarẽ a leer & fazerem os mais autos por q̄ se áquire pose | & forão. dello testas hũs dos outros & domingos Roiz bedel da faculdade e o doutor a^o Roiz de gueuara E simão nunez guarda das escolas | & eu djo daz^{do} o escreui e dei Juram^{to} aos ditos lentes de bem lerẽ as ditas Cadeiras Cõforme aos Estatutos e elles o prometerão asi »².

SOBRE DJO RIBEIRA

«no dito cõselho dise djo Ribeira q̄ elle tiuera no doutoram^{to} de a^o Roiz de gueuara hũas cõcrusoẽs para se lhe leuarẽ Em cõta das q̄ Era obrigado ter na sua formatura | E q̄ lhe diserão q̄ suas merçes tinhẽm asentado q̄ se lhe não leuasem em cõta por as não ter Em na forma q̄ os Estatutos ordenão | E q̄ por Esto ser Costume muj antigo desta Vniversi.^{de} leuarẽ se em cõta E elle guardar a forma das cõcrusoẽs q̄ foram noue e por mujtos outros brẽs se terẽ formado nos semelhantes autos pedia por merçe o não agruasẽ a elle mais q̄ aos pasados | E visto seu dizer foi asentado q̄ prouando elle q̄ de dez años a esta parte se pratica o sobredito & se formão os brẽs em medeçina nas cõcrusoẽs q̄ tem no doutoram^{to} q̄ se lhe admitta a dita formatura E naõ prouando Costume do dito tempo q̄ se lhe não admitta E asentouse q̄ daqui por diante se não posam formar os taes bacharẽs cõ as cõcrusoẽs q̄ sustentarẽ nos doutoram^{tos} | como Esta declarado asentado & determinado no

¹ Arquivo da Universidade, *Ccncelhos*, vol. 3, fls. 13 v.^o, 14, 14 v.^o, 15, 15 v.^o

² Idem, *Ibidem*, fls. 18 v.^o e 19.

acordo q̄ esta neste liuro as ffo. 15. na volta q̄ se fez aos onze de dez^{ro} de j̄bc l^{ta} & sete años. Risquei forma | djo daz^{do} o escreui

dom Jorge dalmeida

Leonis Simoēs homem m^{te} dioguo

Roíz»¹

⁹ No concelho que se fez «Especialm.^{te} para se verē as multas. dos lentes E officiaes q̄ fizerão Esta terça do natal. q̄ começou o primeiro doctubro de bc l^{ta} & sete & se acabou. a dez dias de Jan^{ro} de bc l^{ta} & oito.» , lê-se:

«Medeçina |

o doutor thomas Roíz começou a ler a Cadeira de prima a noue de outubro | E os dias atras leo o doutor gueuara a substituição | E dos primeiros dias não auera thomas Roíz cousa algũa | e vai multado em duct^{os} r̄s por não ser presēte a misa de Santa Cra

o doutor gueuara se partio para a corte aos onze doctubro e aos vinte do dito mes tornou a ler e he multado nestes dias da ausençia

o dito doutor começou a ler a sua cadeira de corurgia aos vinte & cinco doctubro o dito doutor deixou de ler desdos dez de nou^{ro} ate os dezoito do dito mes. por Estar doente e Jurando o asi não sera multado | & aos dezeseis de dez^{ro} deixou de ler todo o dia e he multado nesta licão»².

«no dito cōselho (24 de Janeiro de 1558) se asentou q̄ o doutor thomas Roiz seia multado em seis liçoēs do prençipio doctubro q̄ não leo a sua Cadeira de prima de medeçina a Rezão dos cento & vinte mil r̄s. q̄ tem de ordenado Cō a dita Cadeira | & asentouse q̄ o doutor gueuara q̄ por Elle leo seia cōtado na substituição da dita Cadeira a Rezão da terça parte de oitenta mil r̄s por año q̄ tem cōforme aos Estatutos»³.

«E aos u^{ta} çiq̄ dias dabrill de mjl e q̄nhentos E c̄yq̄enta e oyto años..... logo hi ho doutor thomas Roíz apresentou hũa apostilla posta na sua proujsão da cadr^a de prima de medecina e q̄ dezia q̄ posto q̄ no alur^a acima scrito disese q̄ ho dito doutor começou a ler sua cadr^a ao prjmr^o dia de oytubro de bc l^{ta} começou de ler aos x dias do dito mes E año E sua alt. auja por bē q̄ todo ora ffose paguo do salario dela do dito prim^{ro} dia de oytubro e diante ainda q̄ não lese os ditos dez dias a q̄l apostilla dezia ser feita por me^l da costa a tres de m^{ro} de j̄bc l^{ta} e asinada do sinall da R^a nossa S^{ra} e foy Reçebida q̄ como se nella cōtē se cumpra»⁴.

MULTAS DA 2^a TERÇA DE J̄BC L^{ta}

«Medeçina

Í o doutor gueuara a xb de jan^{ro} nã leo leo por elle a liçã danotomja o bacharel djo Rib^{ro} e o bedel a de çervrgia E asi aos xxj do dito mes lerã por elle as mesmas liçoīs E ysto por doēça ābalas uezes jurara q̄ foy doēte E o bedel aos xij de feu^{ro} leo por ele daRa o dito doutor Rezã E aos xb ds do dito mes nã leo por dizer q̄ faria aq̄le dia anotomja q̄ nã fez E por esa Rezã nã leo ho L^{do} Jorge de Sa por lho mādar dizer foy o dito doutor multado nesta liçã e Jorge de Sa escuso»⁵.

¹ Arquivo da Universidade, *Concelhos*, vol. 3, fls. 19 v.^o e 20.

² Idem, *Ibidem*, fl. 22 v.^o

³ Idem, *Ibidem*, fls. 24 v.^o e 25.

⁴ Idem, *Ibidem*, fl. 36.

⁵ Idem, *Ibidem*, fl. 27.

¹⁰ «Aos sete dias do mes de set^{ro} do año do año (sic) de mjll e q̄nhētos cinq̄eta e oyto Años em coymbra e pousadas do s̄or dom Jorge dalm^{da} Reytor desta Univer- sidade | estãdo elle s̄or Reytor presēte e os br̄es ant^o de barros e leonys simões e me^l carrilho por elles Foy elleyto o b̄r y^o daboym de bryto por cōselh^{ro} p^a este cōselho q̄ sēdo presēte cō os ditos cōselh^{ros} chamados e jutos ē cōselho e cōselho faz^{do} | . hy pareceo o doutor alōso Roíz de gueuara léte danatomya E cerurgia | E dise q̄ elle fora cō l^{ca} do dito s̄or Reytor ē cōselho para castella e q̄ se fora a xbj ou dez a sete de (sic) de julho E q̄ poderya faltar ate fim do mes oyto ou nove li- ções das quais pedia q̄ ho Releuasē da multa por quãto nō auya ouuÿtes a q̄ se po- dese leer In da q̄ fora presēte | & q̄ asi Faltarã Aos outros létes de sua facultade de mediçina isto todo cōformãdose cō os estatutos e q̄ a l^{ca} q̄ lhe fora dada nō obra: a poder ser deyxando de ser multado | e q̄ jnda q̄ aos outros faltasē ouuÿtes elles Resedirã e forã presentes & elle doutor fora ausēte por hōde a mesma Rezã dos outros nō fazia por sua p^{te} asētarã q̄ Fosse multado como e ja pelo asēto do cō- selho pasado | . e q̄ o nō podiã Releuar como nō Releuauã da multa dos dias q̄ asi foy ausēte e nō leo por si né por sustituto | . symão de fig^o o espuy ē ausēcia do espua do cōselho e o dito y^o dabuym ouue juram^{to} | .

dom Jorge dalmeida

Antonio de Barros

João de Aboin
de brito¹.

11

SOBR O D. GUEUARA E O D. MORGUEJO

E Q̄ SE PONHA EDITO P^A ALLEGARĒ OS L^{DOS} REZÕES

P^ARA OS DOUTORES NOUOS NĀ LHE ETRARĒ NOS EXAMES

«Aos xij d do mes de Julho de j̄bclbiiij^o años na çidade de coymbra e paços del- Rey nosso s̄ñor na casa honde se custuma fazer cōselho sendo hy presente o S̄ñor dom jorge dalmeyda Reytor & o L^{do} dy^o de payua dãdrade e o b̄fel lyonis Symois e o b̄fel me^l Carrilho e o m^{te} Lyonel da costa todos juntos ē cōselho e a cōselho chamados & cōselho fazendo segundo seu costume ē sua presença apareçeo o doutor ao de gueuarra dise como lhe era neçessario jr a castella q̄ pedia a elle s̄or R^{tor} e cōselho lhe desē licença por ser ja o cabo do año e não aver Estudantes a q̄ se po- dese ler e q̄ a falta de nã aver a quē ler elle e o L^{do} Jorge de Saa deixauã de ler e q̄ poys q̄ lendo por lentes aujã de ser cōtados como se lesē por nã estar por eles q̄ pedia a suas merçes q̄ se os outros lentes por defeyto dos estudãtes nã lesē q̄ fosse cōtado co eles ho tempo de sua ausençia e q̄ lendo os lentes por terē a quē q̄ etão ele doutor fosse multado e asy que ele deixara de ler esta terça huūs vinte dias por causa de ser mujto occupado ē húa Cura de mujta j̄mportaçia q̄ fezera ē sancta Crara e asy tambē por ser doente ao q̄ auēdo suas merces Respeyto ho ou- uesē por escuso da multa | e saydo p^a fora do cōselho tratarã elles s̄rs sobre ho q̄ no caso se faria e asentarã que se lhe dese a liçēça q̄ pedia e q̄ tanto a ser multado ho tempo da ausençia q̄ elles ho nã escusavã da multa e q̄ nos uíte dias q̄ dise estar ēpedido q̄ os dias q̄ jurase q̄ estiuera doēte nã se multase e nos demays fosse mul- tado por cōforme aos statutos naõ poderē fazer outra cousa | »².

¹ Arquivo da Universidade, *Concelhos*, vol. 3, fls. 47 v.^o e 48.

² *Idem*, *Ibidem*, fls. 45 e 45 v.^o